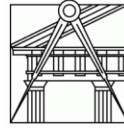


**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE ARQUITECTURA**



**REDESENHAR O TECIDO URBANO DO BAIRRO DO RIBOQUE NA CIDADE DE SÃO  
TOMÉ**

---

**JÚLIO DANIEL CACOBA ANTÓNIO**

(Licenciado)

Dissertação/projeto final para obtenção de grau de Mestre em Arquitetura

Orientador Científico: Professor Catedrático João Sousa Morais

Coorientador: Professora Auxiliar Joana Bastos Malheiro

Júri:

Presidente: Ricardo Jorge Fernandes da Silva Pinto

Arguente: José Jorge Boueri Filho

Julho 2017

## Índice

<b>ÍNDICE DE FIGURAS .....</b>	<b>III</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>VIII</b>
<b>ABSTRASCT .....</b>	<b>X</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>XII</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>I   A CIDADE DE SÃO TOMÉ EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE.....</b>	<b>5</b>
1.1 GEOGRAFIA E CLIMA DE SÃO TOMÉ.....	6
Fauna e Flora.....	10
1.2 A CULTURA E TURISMO DE SÃO TOMÉ .....	11
1.3 OS TEMPO DE CONSTRUÇÃO DA CIDADE E DO TERRITÓRIO .....	16
1.3.11ª FASE: 1470 A 1499 – OS PRIMEIROS ASSENTAMENTOS .....	18
1.3.22ª FASE: 1500 A 1520 – CAPITANIA FERNÃO DE MELO.....	19
3.1.13ª FASE: 1520 A 1580 – CAPITANIA SEM DOAÇÃO.....	20
1.3.44ª FASE: 1580 A 1650– APOGEU E DECLÍNIO DA PRODUÇÃO DO AÇÚCAR .....	21
1.3.55ª FASE: 1650 A 1753 – CICLO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS... ..	22
1.3.66ª FASE: 1852 A 1950 – CICLO DO CAFÉ E DO CACAU .....	24
1.3.77ª FASE: sec. XX – DO ESTADO NOVO À INDEPENDÊNCIA .....	26
1.4 CIDADE ACTUAL - Século XXI .....	29
<b>II   DESENHO URBANO – O BAIRRO DO RIBOQUE.....</b>	<b>32</b>
2.1   ANÁLISE MORFOLÓGICA.....	33
2.2   TIPOLOGIAS HABITACIONAIS EM SÃO TOMÉ .....	36
<b>III   ESTRATÉGIA DE PROJECTO .....</b>	<b>40</b>
3.1   CASOS DE ESTUDO .....	40
3.2   CONTEXTUALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO .....	50
3.3   CRITÉRIOS PARA O REDESENHO URBANO .....	51
<b>IV   O REDESENHO DO TECIDO URBANO DE SÃO TOMÉ.....</b>	<b>56</b>
4.1   ESTRATÉGIA PROGRAMÁTICA.....	56
4.1.1O Plano Urbno .....	56
4.1.2O Centro Cultural.....	60
4.1.3Habitação.....	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>67</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>69</b>

**ANEXOS ..... 72**

## INDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – LOCALIZAÇÃO DE SÃO TOME E PRINCIPE NO MAPA.....	1
<b>Figura 2</b> – PLANTA DA CIDADE DE SÃO TOME, COM LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO.....	1
<b>Figura 3</b> – CULTURA E EDUCAÇÃO.....	2
<b>Figura 4</b> - HABITAÇÃO E TRABALHO .....	2
<b>Figura 5</b> – SAÚDE E SANEAMENTO.....	2
<b>Figura 6</b> - HABITAÇÕES NO CENTRO HISTÓRICO FONTE: <a href="http://www.afrique-tourisme.com/sao-tome-principe/">http://www.afrique-tourisme.com/sao-tome-principe/</a> consultado dia 15/04/2017.....	5
<b>Figura 7</b> - HABITAÇÃO INFORMAL.....	5
<b>Figura 8</b> - BAIA ANA CHAVES .....	5
<b>FIGURA 9:</b> PAISAGEM DE SÃO TOMÉ – BAIRRO DO RIBOQUE.....	5
<b>Figura 10:</b> ARQUIPÉLAGO DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE .....	6
<b>Figura 11:</b> MAPA DE RELEVO DA ILHA DE SÃO TOMÉ .....	7
<b>Figura 12</b> - MAPA DE RELEVO BAÍA ANA CHAVES .....	7
<b>Figura 13</b> - SOLUÇÕES DE SOMBREAMENTO.....	9
<b>Figura 14</b> - FUNCIONAMENTO DO VIDRO DE BAIXA EMISSIVIDADE.....	9
<b>Figura 15</b> - ALGUMAS SOLUÇÕES DE VENTILAÇÃO NATURAL .....	9
<b>Figura 16</b> - SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, PRAIA .....	10
FONTE: <a href="http://www.afrique-tourisme.com/sao-tome-principe/">http://www.afrique-tourisme.com/sao-tome-principe/</a> consultado dia 15/04/2017.....	10
<b>Figura 17</b> - SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, PARQUE NATURAL OBO, CRIADO EM 2006. FONTE: <a href="http://www.odisseiasnosmares.com/2016/03/sao-tome-acidente-na-escalada-do-pico.html">http://www.odisseiasnosmares.com/2016/03/sao-tome-acidente-na-escalada-do-pico.html</a> consultado dia 15/04/2017 .....	10
<b>Figura 18</b> – CACAU. UMA DAS FRUTAS MAIS COMUNS DE SÃO TOMÉ. ....	10
<b>Figura 21-</b> DIOCESE DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1534. ....	12
<b>Figura 21-</b> FORTALEZA DE SÃO SEBASTIÃO – MUSEU DE SÃO TOMÉ .....	12
<b>Figura 21</b> – REPRESENTAÇÃO DO TCHILOLI.....	12
<b>Figura 22</b> - CANOAS TRADICIONAIS E PESCADORES NA PRAIA CATORZE .....	13
<b>Figura 23</b> -.....	14
<b>Figura 24</b> - FIGURA 1: BAIA ANA CHAVES .....	16
FONTE: Site: <a href="http://www.rotasturisticas.com">www.rotasturisticas.com</a> .....	16
<b>Figura 25</b> - VISTA DA CIDADE A PARTIR DA PRAIA / IGREJA DA MISERICÓRDIA .....	16
<b>Figura 26</b> – IGREJA DA MISERICÓRDIA .....	16
<b>Figura 27</b> – OS PRIMEIROS ASSENTAMENTOS, E A MALHA URBANA ACTUAL DA CIDADE FORMAL DE SÃO TOMÉ. ....	17
<b>Figura 28</b> - OS PRIMEIROS ASSENTAMENTOS .....	18
<b>Figura 29</b> – FACHADA E PLANTA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA . .....	18
<b>Figura 30</b> - EXTENSÃO DA MALHA URBANA À ÉPOCA DA CAPITANIA DE FERNÃO MELO, 1500 A 1520 .....	19
<b>Figura 31</b> - FORTALEZA DE SÃO SEBASTIÃO .....	20
<b>Figura 32</b> – IGREJA DA CONCEIÇÃO.....	20
<b>Figura 33</b> – EXTENSÃO DA MALHA URBANA ATÉ 1580. ....	20
<b>Figura 34</b> . DIOCESE DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1534. ....	21
<b>Figura 35</b> – VISTA PARA A CIDADE DE SÃO TOMÉ, SEM DATA.....	21

<b>Figura 36</b> – EVOOLUÇÃO URBANA NA FASE DO APOGEU E DECLÍNIO DA PRODUÇÃO DO AÇUCAR. ....	22
<b>Figura 37</b> – NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS. ....	22
<b>Figura 38</b> – EXTENSÃO DA MALHA URBANA NA ÉPOCA DO CICLO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS .....	23
<b>Figura 39</b> – MAPA DA CIDADE DE SÃO TOMÉ, GASPAR BARLAEUS, 1647 .....	23
<b>Figura 40</b> – RUA DIREITA OU RUA GRANDE .....	24
<b>Figura 41</b> – ALFÂNDEGA DE CACAU E DO CAFÉ.....	24
<b>Figura 42</b> - EXTENSÃO DA MALHA URBANA NA ÉPOCA DO CICLO DO CAFÉ E DO CACAU .....	24
<b>Figura 43</b> – UM TRECHO DA CIDADE – RUA DA MISERICÓRDIA .....	24
<b>Figura 44</b> - BIBLIOTECA NACIONAL, 1994 .....	24
<b>Figura 45</b> – ROÇA AGOSTINHO NETO.....	25
<b>Figura 46</b> – VISTA DOS QUARTEIRÕES DA CIDADE.....	25
<b>Figura 47</b> – EXTENSÃO DA MALHA URBANA NO PERÍODO DO ESTADO NOVO À INDEPENDÊNCIA.....	26
<b>Figura 48</b> - LICEU NACIONAL DE SÃO TOMÉ. ....	27
<b>Figura 49</b> - ANTIGO BANCO NACIONAL ULTRAMARINO, ACTUAL BANCO DE SÃO TOMÉ.....	27
<b>Figura 50</b> – PLANO DE URBANIZAÇÃO PARA SÃO TOMÉ, JOÃO AGUIAR, 1951.....	27
<b>Figura 51</b> - PLANO PARA A URBANIZAÇÃO DE SÃO TOMÉ, MÁRIO OLIVEIRA, 1960.....	28
<b>Figura 52</b> - ÁREA INFORMAL NA MALHA URBANA DE SÃO TOMÉ .....	29
<b>Figura 53</b> - ÁREA FORMAL NA MALHA URBANA DE SÃO TOMÉ .....	29
<b>Figura 54</b> – CIDADE INFORMAL OU ESPONTÂNEA – SÃO TOMÉ .....	30
<b>Figura 55</b> – CIDADE FORMAL OU PLANEADA- SÃO TOMÉ .....	30
<b>Figura 56</b> - UMA RUA NA CIDADE INFORMAL.....	31
<b>Figura 57</b> – EXEMPLO DE HABITAÇÃO CONSTRUÍDA EM MADEIRA .....	31
<b>Figura 58</b> – EXEMPLO DE HABITAÇÃO E COMÉRCIO NA CIDADE FORMAL – ESPAÇO DE TRANSIÇÃO.....	31
<b>Figura 59</b> – HABITAÇÃO E ESPAÇOS EXTERIOR DO BAIRRO DO RIBOQUE. ....	32
<b>Figura 60</b> - BAIA ANA CHAVES, RELAÇÃO DA ESTRUTURA DA DAS RUAS PRINCIPAL E SECUNDARIA COM A GEOGRAFIA DA CIDADE DE SÃO TOMÉ.....	33
<b>Figura 61</b> - BAIA ANA CHAVES, ASSENTAMENTOS URBANOS FORMAL E INFORMAL E SUA RELAÇÃO COM A GEOGRAFIA DO TERRENO. ....	33
<b>Figura 62</b> PLANTA ALTIMÉTRICA COM LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE INTREVENÇÃO .....	34
<b>Figura 63</b> - REDE VIÁRIA.....	34
<b>Figura 64</b> – PLANTA DA CIDADE DE SÃO TOMÉ, COM INDICAÇÃO DO LOCAL DE INTERVENÇÃO .....	34
<b>Figura 65</b> – LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS E DOS EQUIPAMENTOS DA CIDADE DE SÃO TOME´. ....	35
<b>Figura 66</b> - REGISTOS DE HABITAÇÕES DE “INDÍGENAS” .....	36
<b>Figura 67</b> –“ CASA ABASTADA” .....	36
<b>Figura 68</b> – PLANTA DE EXEMPLO DE UMA HABITAÇÃO .....	36
<b>Figura 69</b> – CORTE DO SISEMA DE VENTILAÇÃO.....	36
<b>Figura 70</b> – ESTRUTURA PARA CONSTRUÇÃO DE UMA HABITAÇÃO .....	37
<b>Figura 71</b> – EXEMPLO DE UMA HABITAÇÃO INFORMAL.....	37

<b>Figura 72</b> – CIDADE FORMAL, CASA COLONIAL.....	37
<b>Figura 73</b> - LEVANTAMENTO ARQUITECTÓNICO E MODELO TRIDIMENSIONAL DA ESTRUTURA DA HABITAÇÃO POPULAR.....	37
<b>Figura 74</b> – ARQUITECTURA VERNÁCULA PRATICADA PELOS COLONOS.....	38
<b>Figura 75</b> – ÁREAS ONDE DOMINAM AS CASAS POPULARES.....	38
<b>Figura 76</b> – CASA COLONIAIS EM SÃO TOMÉ.....	39
<b>Figura 77</b> - ORGANIZAÇÃO A VOLTA DO TERREIRO. ....	39
<b>Figura 78</b> - FAVELA SANTA MARIA ANTES E DEPOIS DA INTERVENÇÃO DO PROGRAMA FAVELA BAIRRO.....	40
<b>Figura 79</b> – FAVELA ALVO DA INTERVENÇÃO DO PROGRAMA FAVELA BAIRRO, RIO DE JANEIRO.....	42
<b>Figura 80</b> - JD. PRIMAVERA – VICENTE DE CARVALHO. ANTES E DEPOIS DO PROGRAMA FAVELA BAIRRO.....	42
<b>Figura 81</b> – RELAÇÃO COM DAFAVELACOM A ÁGUA.....	43
<b>Figura 82</b> – LOCALIZAÇÃO DO PARQUE ROYALE A SUA ENVOLVENTE.....	44
<b>Figura 83</b> – SECÇÃO ADJACENTE À BAÍA.....	44
<b>Figura 84</b> – PLANO DA INTERVENÇÃO DO PROGRAMA FAVELA BAIRRO NO PARQUE-ROYAL.....	45
<b>Figura 85</b> – VISTA PARA A FAVELA CANTINHO DO CEU – CIDADE DE SÃO PAULO.....	46
<b>Figura 86</b> – INTREVENÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO NO COMPLEXO DO CANTINHO DO CÉU.....	47
<b>Figura 88</b> – SOLUÇÕES PARA A DRENAGEM DE ÁGUA E ESGOTOS.....	48
<b>Figura 88</b> – PARQUE CANTINHO DO CÉU.....	48
<b>Figura 89</b> – PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DO PROJECTO DINSERIDO DO PROGRAMA MANANCIAL – BOLDARINI ARQUITETURA E URBANISMO.....	48
<b>Figura 90</b> – PROJECTO CANTINHO DO CÉU, SÃO PAULO.....	49
<b>Figura 91</b> – VIAS.....	52
<b>Figura 92</b> – PONTOS MARCANTES.....	52
<b>Figura 93</b> - BAIRRO.....	52
<b>Figura 94</b> - CRUZAMENTO.....	52
<b>Figura 95</b> - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO URBANA NO PROCESSO DE DESFRAGMENTAÇÃO.....	53
<b>Figura 96</b> - NUNOTANI OFFICE BUILDING - PETER EISENMAN.....	54
<b>Figura 97</b> – CROQUI FEITO PELO ARQUITECTO COM A EXPLICAÇÃO DOS ACESSOS, DA VOLUMETRIA E O CONCEITO DO PROJECTO. ESBOÇO EXEMPLIFICATIVO DA ESTRELA DE DAVI.....	55
<b>Figura 98</b> – MUSEU JUDAICO DE BERLIM.....	55
<b>Figura 99</b> – ESQUIÇOS DO AUTOR SOBRE A DESFRAGMENTAÇÃO APLICADA NO PLANO URBANO.....	55
<b>Figura 100</b> – ÁREAS DE INFLUÊNCIA NA INTERVENÇÃO NO BAIRRO DO RIBOQUE.....	57
<b>Figura 101</b> - ELEMENTOS PRIMARIOS DO SISTEMA URBANO PROPOSTO – ESPAÇOS PÚBLICOS.....	58
<b>Figura 102</b> - ELEMENTOS PRIMARIOS DO SISTEMA URBANO PROPOSTO - VIAS.....	58
<b>Figura 103</b> - ELEMENTOS PRIMARIOS DO SISTEMA URBANO PROPOSTO - EQUIPAMENTOS.....	59

<b>Figura 104</b> – DIAGRAMA DO PLANO URBANO .....	59
<b>Figura 105</b> - LOTEAMENTO DO PLANO URBANO .....	60
<b>Figura 106</b> – INDICAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS E A SUA RELAÇÃO COM O CENTRO CULTURAL PROPOSTO .....	61
<b>Figura 107</b> – PISO INFERIOR DO CENTRO CULTURAL.....	62
<b>Figura 108</b> – PISO SUPERIOR DO CENTRO CULTURAL.....	62
<b>Figura 109</b> – FASES DO SISTEMA CONSTRUTIVO DA CASA POPULAR.....	64
<b>Figura 110</b> – ESQUEMA DE ORGANIZAÇÃO DA HABITAÇÃO. A) PISO INFERIOR. B) PISO SUPERIOR.....	65
<b>Figura 111</b> – PISO INFERIOR DO MODELO DE HABITAÇÃO T4 .....	66
<b>Figura 112</b> – PISO SUPERIOR DO MODELO DE HABITAÇÃO T4 .....	66

Este documento segue a grafia anterior ao acordo ortográfico

TÍTULO: REDESENHAR O TECIDO URBANO DO BAIRRO DO RIBOQUE NA CIDADE DE SÃO TOMÉ.

DISCENTE: JULIO DANIEL CACOBA ANTÓNIO #7523

ORIENTADOR: PROFESSOR CATEDRÁTICO JOÃO SOUSA MORAIS

COORIENTADOR: PROFESSORA DOUTORA JOANA MALHEIRO

## RESUMO

A tensão das áreas construídas divididas entre o formal e o informal, designadamente em África, onde existe uma grande carência de infra-estruturas básicas, fruto do rápido crescimento urbano, originado em parte pela falta de oportunidade nas zonas rurais e conseqüente aumento do êxodo rural. Este fenómeno teve grande impacto a partir do ano de 1975, data da independência do arquipélago, criando um vazio social na cidade de São Tomé. A evolução urbana da cidade de São Tomé desencadeou-se em várias fases. Para melhor entendimento, procedeu-se um registo cronológico dessas fases, situando no tempo e no espaço a evolução e a construção do território, com diferentes influências e abordagens.

A área de intervenção insere-se num contexto específico na cidade de São Tomé: assume-se como uma área de descontinuidade urbana, que faz a relação entre o assentamento formal e o informal. O objectivo do projecto é propor um redesenho do tecido urbano, respeitando o modo de vida da população e a sua cultura, justificado por uma estratégia de intervenção relacionado com a sua preexistência definindo cinco linhas de orientação no espírito da cidade: zona cultural, zona educacional, zona habitacional, zona de trabalho, zona comercial, e zona destinada à saúde.

A proposta de projecto, o centro cultural, e toda a sua envolvente, foi considerado como proposição de uma relação entre as diferentes realidade, e como reorganizador do território, promotor de sociabilidade, de forma a fomentar a coesão social, através de espaços de fruição e de permanência, habitação, serviços, comércio, e equipamentos que estimulem o crescimento equilibrado do bairro.

PALAVRA-CHAVE: CIDADE DE SÃO TOMÉ | BAIRRO DO RIBOQUE | TECIDO FORMAL

|TECIDO INFORMAL | REDESENHO URBANO.



TITLE: REDESIGNING THE URBAN FABRIC OF THE BAIRRO DO RIBOQUE IN THE CITY OF SÃO TOMÉ.

STUDENT: JULIO DANIEL CACOBA ANTÓNIO #7523

MAIN ADVISOR: PROFESSOR CATEDRÁTICO JOÃO SOUSA MORAIS

CO-ADVISOR: PROFESSORA AUXILIAR JOANA MALHEIRO

## **ABSTRASCT**

The tension of the built areas, divided into formal and informal areas, particularly in Africa where there is a major shortage of basic infrastructure, is a result of rapid urban growth, partly due to a lack of opportunity in rural areas and a consequent increase in rural exodus. In the islands of São Tomé and Príncipe, this phenomenon had a great impact from the year 1975, when the archipelago became independent, creating a social void in the city of São Tomé. The urban evolution of the city of São Tomé was triggered in several phases. For a better understanding of this process, a chronological record of these phases was carried out, situating in time and space the evolution and construction of the territory, with different influences and approaches.

The intervention area of the present project is inserted in a specific context in the city of São Tomé: it is assumed as an area of urban discontinuity, which makes the connection between formal and informal settlement. The objective of the project is to propose a redesign of the urban fabric, respecting the way of life of the population and its culture, justified by an intervention strategy related to its pre-existence, and defining five guidelines in the spirit of the city: Cultural zone, educational zone, housing area, work zone, commercial zone, and health zone.

The project proposal, the cultural center, and all its surroundings, was considered as a proposition of a relationship between the different reality, and as a reorganizer of the territory and promoter of sociability, in order to foster social cohesion, through spaces of fruition and permanence, housing, services, commerce, and equipment that stimulate the balanced growth of the neighborhood.

KEYWORD: SÃO TOMÉ | BAIRRO DO RIBOQUE | FORMAL FABRIC | INFORMAL FABRICS | URBAN REDESIGN.



## AGRADECIMENTOS

Ao meus professores, orientador João Sousa Morais e à Co-orientadora Joana Malheiro pelo apoio e incentivo e ao professor José Jorge Boueri pela disponibilidade que sempre mostrou. A todos os professores que me apoiaram neste percurso.

A todos os meus colegas, amigos pela paciência, companheirismo e apoio em muitos momentos difíceis.

Um agradecimento especial à minha família, principalmente ao meu pai pelo seu amor incondicional e apoio sempre. Aos meus irmãos pelo incentivo de superação.

À minha namorada, pelo imensurável apoio e longas horas de trabalho ao meu lado.

A todos, um grande bem haja.





## INTRODUÇÃO

África é o continente menos urbanizado e com os países de menor taxa de população urbana mas é o que tem maior crescimento actual da taxa de urbanização. Enquanto o êxodo rural nos países desenvolvidos se deu por atracção de postos de trabalho, melhores condições de vida e de habitação que a cidade oferecia, na cidade de São Tomé a migração interna para a cidade leva a que a população “*viva desenquadrada e em condições extremamente precárias*” (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 2012, p. 27-28).

O presente trabalho passa pela leitura dos assentamentos informais que contrastam com o assentamento formal da cidade de São Tomé, numa relação de cidade dual. O tema *Redesenhar o Tecido Urbano do Bairro do Riboque na Cidade de São Tomé*, tem como ponto de partida conhecer a sua realidade urbana, a dualidade do formal e informal, e propor o redesenho do bairro do Riboque, tendo em conta o enriquecimento cultural e turístico da cidade.



Figura 2 – PLANTA DA CIDADE DE SÃO TOME, COM LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO



Figura 1 – LOCALIZAÇÃO DE SÃO TOME E PRINCIPE NO MAPA.

O desequilíbrio formal das áreas construídas, divididas entre o formal e o informal, onde existe uma grande carência de infraestruturas básicas, fruto do rápido crescimento urbano, originando em parte pela falta de oportunidade nas zonas rurais e consequente aumento do êxodo rural. Este fenómeno teve grande impacto a partir do ano de 1975, data da



Figura 3 – CULTURA E EDUCAÇÃO



Figura 5 – SAÚDE E SANEAMENTO



Figura 4 - HABITAÇÃO E TRABALHO

independência do arquipélago, criando um vazio social na cidade de São Tomé. David Leite afirma:

*“ (...) colonial e o pós-colonial, o centro e a periferia, o formal e o informal, o regular e o irregular, a ordem e a desordem, o previsível e o imprevisível, o ordenado e o espontâneo, o macro e o micro, o global e o local, geometrias lineares e geometrias complexas. Esta é a raiz da condição de indefinição e transição que marca a Cidade Africana e que a consubstancia enquanto mosaico urbano plural e polimórfico.”<sup>1</sup>*

O local de intervenção assume-se como uma área de descontinuidade, ou de charneira da cidade, com grande escassez de infraestruturas viária, eléctricas e de saneamento, comprometendo as condições de habitabilidade, denunciando grandes problemas sócio-económicos e de exclusão social.

O objectivo do projecto é propor um redesenho do tecido urbano articulando a memória coletiva do lugar, respeitando o modo de vida da população e a sua cultura. Justificado por uma estratégia de intervenção relacionado com a pré-existência definindo cinco linhas de orientação no espírito da cidade: zona cultural, zona educacional, zona habitacional, zona de trabalho, zona comercial, e zona destinada à saúde. Esta divisão é justificada pela própria envolvente formal da cidade antiga e pelos novos paradigmas do tecido informal, espontâneo de uma cidade feita de pessoas para as pessoas, um tecido orgânico em constante mudança. A falta de infraestruturas básicas em algumas zonas, água potável, e o acesso a espaços públicos de qualidade é uma realidade a ter em conta, pelo que é necessário criá-las para permitir que as pessoas usufruam e desfrutem do *lugar* onde habitam.

Este trabalho organiza-se em quatro partes: na primeira parte do trabalho aborda-se o contexto do arquipélago de São Tomé e Príncipe, mais particularmente a cidade de São Tomé no que se refere ao seu tecido urbano.

Na segunda parte aborda-se os tempos de construção da cidade e o contexto em que surge o bairro do Riboque.

Na terceira parte incide-se em particular na área de intervenção, os pressupostos e as estratégias adotadas, bem como perceber o conceito da

<sup>1</sup> VIANA, David Leite. *Cidade Africana - urbanismo [in]formal: uma abordagem integrada e sistémica*. Congresso Ibérico de Estudos Africanos, Lisboa, 2010.

intervenção. A proposta procura responder a uma série de problemáticas identificadas nos capítulos anteriores através da leitura urbana da cidade de São Tomé e do bairro do Riboque. Destaca-se ainda a carência de um centro dinamizador das crescentes dinâmicas do tecido urbano. Por fim, no último capítulo, são apresentadas as considerações finais e a proposta de redesenho do tecido urbano, partindo da *Desfragmentação* da morfologia urbana, com do suporte gráfico desenvolvido do projecto.

A proposta de um centro cultural, é justificada pela deficiência de equipamentos públicos e em particular a promoção cultural da capital. Torna-se, por isso, imperativo uma intervenção nesse sentido, apostando no potencial da zona dos mercados, que articula o limite entre o formal e o informal, baseado na cultura e na promoção do turismo santomense.

Os equipamentos urbanos são hoje considerados promotores do desenvolvimento social, de recreio, lazer, educação e cultural. Este pensamento está relacionado diretamente com a qualidade do equipamento como promotor de sociabilidade e gerador do sentido comunitário.

A proposta tem como principal objectivo a criação uma ligação coesa das diferentes realidades da cidade, bem como a criação de uma nova centralidade da cidade, através de espaços de fruição e de permanência, com condições para actividades e diversos usos, com carácter privado ou público, serviços, comércio e equipamentos que estimulem o o crescimento equilibrado do bairro e da cidade. A proposta tem como cerne o desenvolvimento do país, estimulando a melhoria social, urbana e económica, fomentada pela promoção da qualidade de vida, da cultura e do turismo.

A metodologia adoptada para a realização deste trabalho passa pela leitura de críticas e estudos sobre o desenho urbano, sobre a morfologia e desenho urbano e a cultura de São Tomé.



## I | A CIDADE DE SÃO TOMÉ EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Apesar da sua reduzida área territorial São Tomé e Príncipe apresenta uma grande diversidade na sua ocupação, reflexo próprio da sua história, do desenvolvimento socio económico, desde a colonização até à independência até os dias de hoje.

*“Coração da ilha, núcleo de irradiação para o interior, centro comercial, sede do Cabido e da governação, a cidade de São Tomé havia de reflectir as expansões e contracções das vicissitudes históricas e económicas por que a ilha passou.” TENREIRO, 1961: 203*

A cidade de São Tomé, inserida numa zona de grande beleza natural e paisagística, é a capital do país, sede do poder político, administrativo e judicial. É ainda o principal porto do país, concentrando as exportações de cacau e banana.

Num percurso que se estende desde as primeiras ocupações à produção sacarina, da liderança económica mundial de exportações do cacau, aos processos de modernização até à actual condição de micro-Estado em desenvolvimento, o território santomense constitui um elemento em constante interacção. A cidade de São Tomé tem enfrentado sucessivos desafios, desde a conquista do território para a colonização e urbanização, à superação das condições de insalubridade, da cidade do açúcar e dos escravos, até aos sucessivos planos de modernização e dinamização urbana, da independência, aos nossos dias, que permanece hoje como uma cidade pela qual o tempo passou num ritmo diferente.

As estratégias socioeconómicas e do combate a condições vivência abaixo do limiar de pobreza, agravada pela dificuldade no processo de planeamento territorial, levando a que as zonas de assentamento informal dominem a malha urbana da cidade. Estas áreas de assentamento informal e as carência habitacionais, a escassez de recursos humanos, técnicos e económicos constituem desafios a serem enfrentados no planeamento e desenvolvimento territorial.

Os espaços urbanos de São Tomé foram projectados e contruídos pela administração colonial portuguesa, e incluem imponentes administrativos,



**Figura 6 - HABITAÇÕES NO CENTRO HISTÓRICO**  
FONTE: <http://www.afrique-tourisme.com/sao-tome-principe/> consultado dia 15/04/2017



**Figura 7 - HABITAÇÃO INFORMAL**  
FONTE: <http://www.afrique-tourisme.com/sao-tome-principe/> consultado dia 15/04/2017



**Figura 8 - BAIJA ANA CHAVES**  
FONTE: Site: [www.rotasturisticas.com](http://www.rotasturisticas.com)



**FIGURA 9: PAISAGEM DE SÃO TOMÉ – BAIRRO DO RIBOQUE**  
<http://www.afrique-tourisme.com/sao-tome-principe/> consultado dia 15/04/2017

casas comerciais e alojamentos dos antigos administradores coloniais e funcionários públicos construídos em estilo luso-tropical.

## 1.1 GEOGRAFIA E CLIMA DE SÃO TOMÉ

São Tomé e Príncipe um estado insular, localizado a oeste do continente africano, em pleno Golfo da Guiné. A ilha de São Tomé fica a 360 km do continente africano e a Ilha do Príncipe a 269 km. A área aproximada de São Tomé é de 859 km<sup>2</sup> e a do Príncipe de 142 km<sup>2</sup>, num total de 1.001 km<sup>2</sup> para todo o território nacional.

Administrativamente, São Tomé é dividido em seis distritos: Água Grande, Mé-Zochi, Cantagal, Caué, Lobata e Lembá, na ilha de S. Tomé. A Ilha do Príncipe é uma região autónoma.

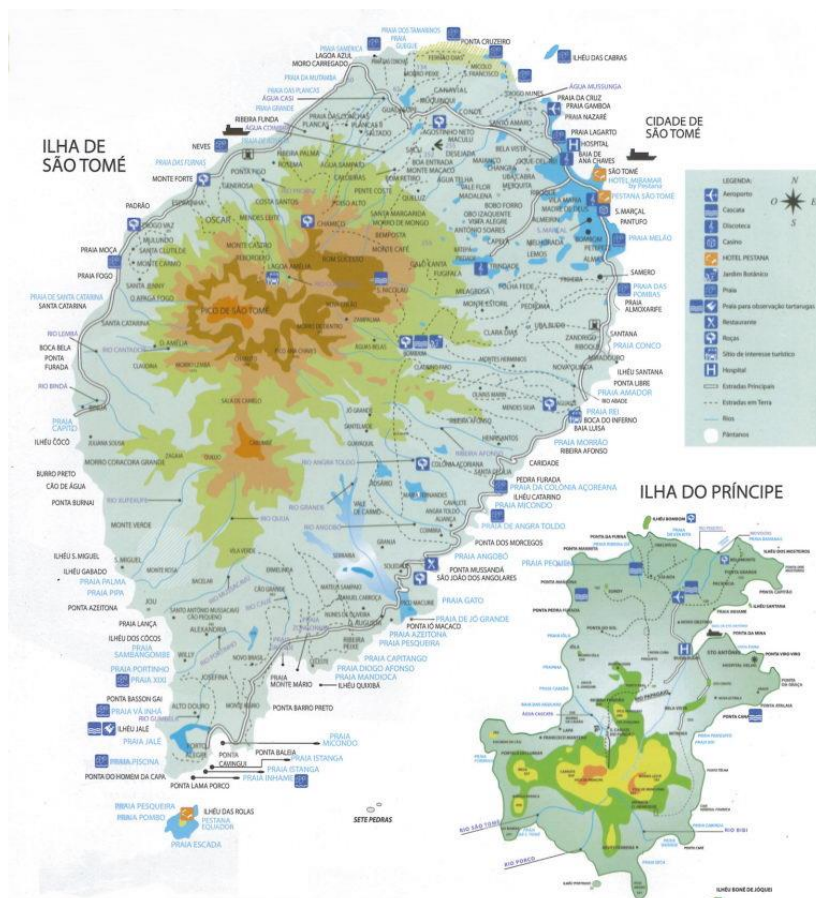


Figura 10: ARQUIPÉLAGO DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE  
FONTE: <http://www.afrique-tourisme.com/sao-tome-principe/>

A tectónica é de origem vulcânica, numa combinação com o relevo agreste, o recorte das ilhas as características climáticas, conferem uma variabilidade de microclima e de condições ambientais, de que resultam paisagens de rara beleza, de onde se destaca também a diversidade da vegetação.

Os picos vulcânicos que estendem em encostas e vales profundos, para o litoral recortado, que formam pequenas praias e baías, como é o caso da baía Ana Chaves. As formações geológicas de basalto negro caracteriza e domina a ilha, principalmente na costa Oeste. De relevo montanhoso, o pico de São Tomé constitui o ponto mais alto do arquipélago. Na paisagem destacam-se ainda outros picos, como o Calvário, Cabumbé, Cão Grande e o Pico do Príncipe.

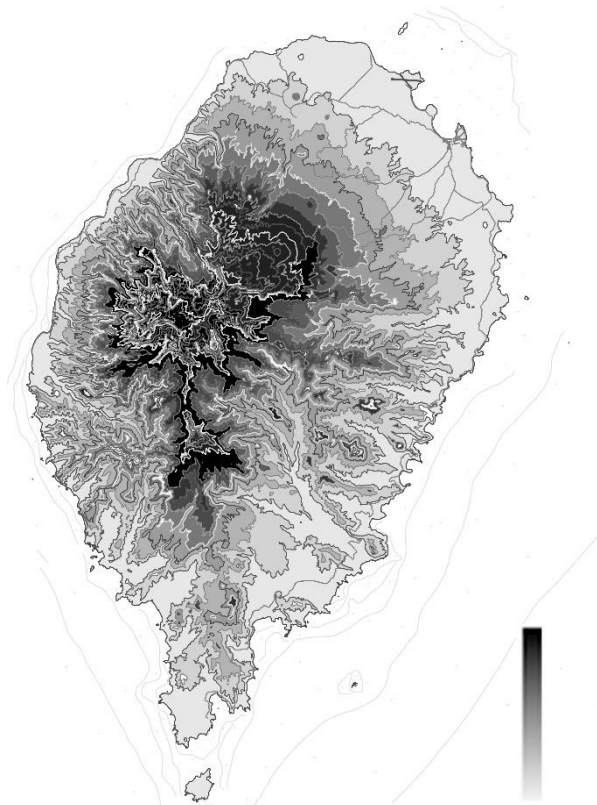


Figura 11: MAPA DE RELEVO DA ILHA DE SÃO TOMÉ

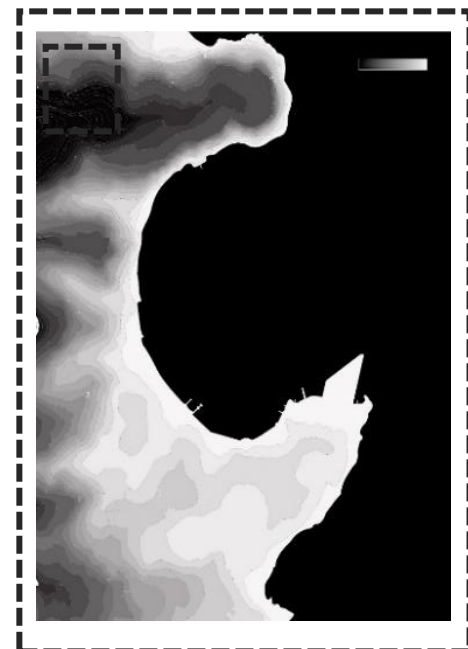
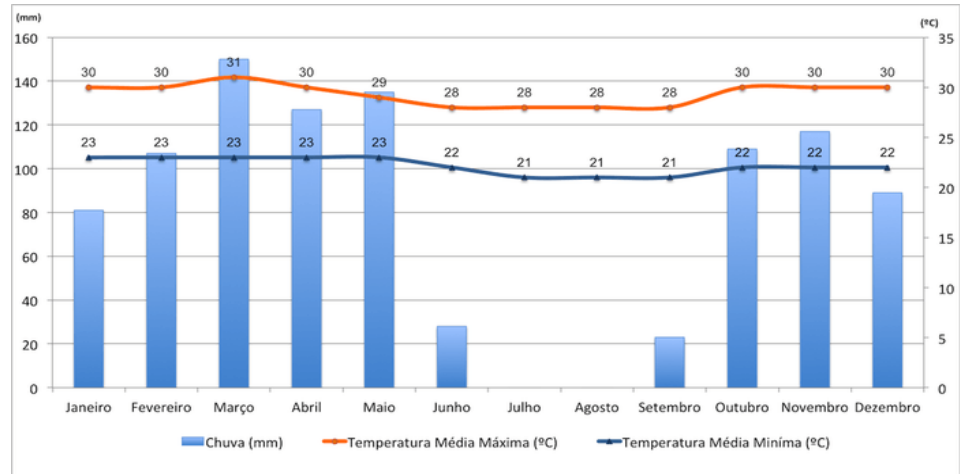


Figura 12 - MAPA DE RELEVO BAÍA ANA CHAVES  
FONTE:

Devido à geomorfologia e clima do arquipélago, coexistem muitas zonas micro-climáticas, com grande influência na temperatura, que varia sobretudo em função da altitude. O clima de São Tomé e Príncipe distingue-se em duas estações: a estação das chuvas e a estação seca. A estação das chuvas estende-se entre Fevereiro a maio e entre Outubro a Dezembro.

A sua localização geográfica, que atravessa a linha do equador, que lhe confere um clima equatorial quente e húmido, com temperatura anual de amplitude entre 21° e 29°, com amplitudes térmicas de 5°. Os valores mínimos da temperatura registam-se entre Junho e Fevereiro, com menor precipitação, conforme ilustra a tabela seguinte.



*Tabela 1:* GRÁFICO DE TEMPERATURA E PERCIPITAÇÃO ANUAL NA ESTAÇÃO METEOROLÓGICA DE SÃO TOMÉ  
 FONTE:

As características geográficas próprias de São Tomé e Príncipe, permitiu a criação e desenvolvimento de espécies únicas, e de paisagens deslumbrantes. Apesar da sua dimensão reduzida, o arquipélago possui uma biodiversidade e endemismo bastante rico, bem como espécies introduzidas pelo Homem. Existindo, portanto, a necessidade de preservação da floresta tropical, foi criada em 2006, do Parque do Obo, que representa cerca de 30% da ilha de São Tomé, e do Parque Natural do Príncipe, que representa cerca de 50% da ilha do Príncipe. Aos Parques Naturais, juntam-se ainda a Reserva Natural das Ilhas Tinhosas e a Reserva Natural das Rolas.

Devido ao característico clima de São Tomé e Príncipe, os projectos arquitetónicos devem ter em atenção às indicações dos princípios bioclimáticos apresentados na tabela e nas figuras que se seguem.

Tabela 2 – PRINCÍPIOS BIOCLIMÁTICOS E SOLUÇÕES ARQUITECTÓNICAS - RECOMENDAÇÕES

LOCALIZAÇÃO	Regime de ventos. Zonas com menor exposição solar e mais horas de sombra. Reduzir o impacto do reflexo do Sol sobre o mar.
FORMA	Maximizar a área passiva ( áreas do edifício potencialmente iluminadas e ventiladas naturalmente). As ruas devem ser estreitas e orientadas de modo a que um dos lados tenha sombra. Zonas ativas devem ser convertidas em espaços não ocupados como zonas de arrumos.
ORIENTAÇÃO	Paralela ao eixo Nascente-Poente. A orientação óptima para a fachada principal é 22,5 N.
SOMBREAMENTO	Dispositivos fixos ( palas horizontais, aletas verticais ou grelhas. ( ver figura 8) Espaços intermédios ( varandas , pátios, átrios) Vegetação ou dispositivos ajustáveis ( estores, persianas retrácteis, toldos, cortinas, portadas,...)
REVESTIMENTO	Cores claras contribuem para reduzir a temperatura da envolvente do edifício e evitar a condução de calor para o interior. O telhado, se possível, também deve ser de cor clara.
ISOLAMENTO	Isolar elementos opacos externos ou adicionar isolamento às fachadas são medidas simples e eficazes. Utilização de barreiras radiantes nos telhados.
ENVIDRAÇADO	Evitar grandes vãos de envidraçado nas fachadas sem proteção. Área de envidraçado não deve ultrapassar os 40% dda área das fachadas a Norte e a Sul, e 20% nas fachadas a Nascente. A poente a utilizaçãp de envidraçados deve ser evitada. Optar por vidros duplos ou vidros de baixa emissividade
VENTILAÇÃO NATURAL E ASSISTIDA	Vãos devem ser distribuídos, tendo em conta o vento, de modo a originar diferentes pressões ( ventilação unilateral, cruzada, torres de vento), melhorando a distribuição do fluxo de ar no edifício. ( ver figura 10) Utilização do “ efeito de chaminé” em prédios de plano mais profundo. Ventoinhas de tecto, caixa ou oscilantes melhoram o conforto. Vidros basculantes permitem regular o fluxo da ventilação.
MATERIAIS	Privilegiar materiais de construção leve e fraca inércia térmica como o bambu ou a madeira.
CONTROLE DE GANHOS INTERNOS	Evitar o uso excessivo de iluminação artificial. Evitar ganhos excessivos de calor de ocupantes e equipamentos

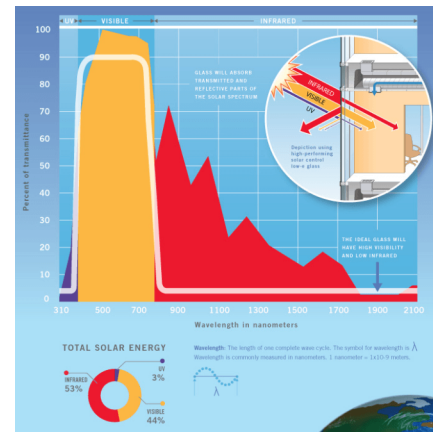


Figura 14 - FUNCIONAMENTO DO VIDRO DE BAIXA EMISSIVIDADE  
Fonte: <http://allaboutthatglass.com/low-e/>

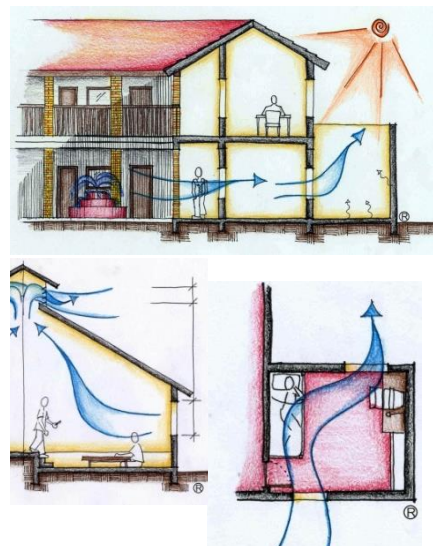


Figura 15 - ALGUMAS SOLUÇÕES DE VENTILAÇÃO NATURAL  
Fonte: <http://150.162.76.139/estrategia/vn>

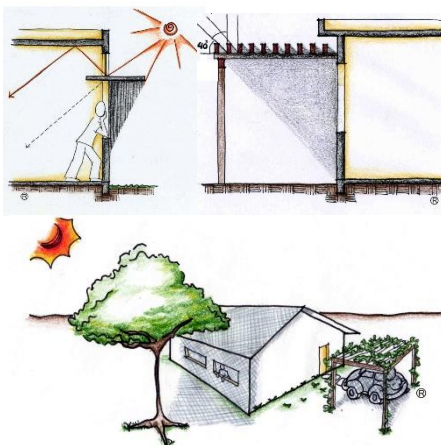


Figura 13 - SOLUÇÕES DE SOMBREAMENTO  
Fonte: <http://150.162.76.139/estrategia/s>



**Figura 16** - SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, PRAIA  
FIGURA: <http://www.afrique-tourisme.com/sao-tome-principe/> consultado dia 15/04/2017



**Figura 17** - SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, PARQUE NATURAL OBO, CRIADO EM 2006.  
FONTE: <http://www.odisseiasnomares.com/2016/03/sao-tome-acidente-na-escalada-do-pico.html> consultado dia 15/04/2017



**Figura 18** – CACAU. UMA DAS FRUTAS MAIS COMUNS DE SÃO TOMÉ.  
FONTE: <http://www.saotomeprincipe.st/pt/galeria-de-fotos.html> consultado dia 12/06/2017

## Fauna e Flora

O arquipélago é considerado um dos melhores lugares para a observação de aves so mundo para os interessados na diversidade exclusividade das espécies aí existentes. Contando com mais de 65 espécies de aves, sendo que cerca de 25 são endémicas e muito raras.

Além das espécies nativas, São Tomé e Príncipe conta ainda com algumas espécies importadas de diferentes lugares. Os mamíferos terrestres foram praticamente todos introduzidos pelo homem, como por exemplo o macaco, o gato, porcos selvagens que foram introduzidos pelos colonos. As espécies de morcegos, pelo seu endemismo, são alvos de estudos científicos e de medidas de protecção.

Quanto à fauna marinha, existe também grande riqueza na biodiversidade, encantando turistas e cientistas. As tartarugas que habitam as águas do país utilizam as praias para a reprodução, o que faz reforçar a necessidade preservação das espécies, tanto pelos locais como pelo ecoturismo. Existe também uma grande riqueza de peixes, marisco, bem como uma grande variedade de crustáceos, várias espécies de golfinhos, baleias, orcas e cachalotes, o que faz atrair biólogos e adeptos de mergulho e pesca.

A grande diversidade de espécies também se aplica à flora do arquipélago. Existem espécies de plantas endémicas mundialmente famosas. A riqueza natural única fascina os visitantes, contando com cerca 850 espécies de plantas e árvores, das quais 140 espécies raras ou endémicas. No que toca às flores, algumas despertam sempre a atenção do visitante: a rosa de porcelana, a rosa vermelha-alaranjada, os bicos de papagaio e a begónia gigante são as mais admiradas.

A floresta tropical, densa e húmida cobre toda área da ilha acima de 1400 metros de altitude é designada “Obô” (figura 17). Existe também a floresta secundária ou “capoeira”, que se situa nas zonas altas cultivadas, e depois abandonadas devido à sua baixa rentabilidade. Esta floresta é uma das principais fontes de extração de madeira, quer para construção, quer para combustível e constitui uma das melhores fontes plantas medicinais, comestíveis e proteína animal.

As características ambientais, em paralelo com as sociais e culturais formam um pacote de interesse e desenvolvimento turístico. Das potencialidades turísticas, importa salientar a o ambiente florestal, as praias de

água cristalina e temperaturas amenas como potencialidades atractivas naturais. As características sociais que contribuem para a dinamização da actividade turística, a ausência de criminalidade ou violência, as estruturas patrimoniais arquitectónicas, como é o caso das roças de plantação.

Nas regiões economicamente subdesenvolvidas, como é o caso de São Tomé, o turismo surge como uma estratégia de desenvolvimento, com atractivos naturais existentes. Surge portanto a necessidade de criar condições e infraestruturas para o desenvolvimento turístico que surge como potencial impulsionador do desenvolvimento.

## 1.2 A CULTURA E TURISMO DE SÃO TOMÉ

Com uma história intensa e de contornos universais, São Tomé e Príncipe é um “*mosaico cultural muito rico*”. A língua oficial é o português, mas o Forro desenvolveu-se como uma língua santomense e é falado por por cerca de 85% da população, sendo que a terceira língua é o crioulo, usado pelos caboverdeanos e seus descendentes.

A sociedade santomense nasceu sob o signo de misturas culturais e sucessivas miscigenações, migrações constantes e, simultaneamente, com especificidades agregadoras e identitárias dos países insulares. A população é portanto, o resultado da miscigenação entre povos oriundos de Portugal com o Golfo da Guiné, Cabo Verde, Moçambique e Angola. Esta mistura explica a riqueza bem patente na cultura, no folclore, na dança, no ritual e na gastronomia. Ao longo do ano cumpre-se o ritual e a veneração popular, através de festividades religiosas celebrações de acordo com as tradições da Igreja Católica, bem como manifestações pagãs que animam as ruas, vilas e luchans.

*“Podemos então considerar que estamos perante uma cultura de raízes eminentemente luso-africanas, produto da osmose que se processou durante cinco séculos entre brancos e outras culturas. Dele são exemplo as línguas ou o folclore como produto de uma tradição e, portanto, de uma cultura, que não podendo alhear-se das suas origens, constitui um testemunho vivo da aculturação centenária*

*deste povo, prova evidente do luso-tropicalismo nestas ilhas.*<sup>2</sup>

No plano arquitectónico são reconhecidas as suas riquezas, a fortaleza de São Sebastião, a catedral da Santa Sé, situada ao lado do Palácio Presidencial, o Arquivo Histórico e outros edifícios de inspiração barroca são espaços de visitas culturalmente enriquecedoras. O único Museu da cidade possui uma colecção de arte sacra e de reconstituição de interiores de época colonial.

## CULTURA DE SÃO TOMÉ



Figura 21- DIOCESE DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1534.

Fonte:



Figura 21-FORTALEZA DE SÃO SEBASTIÃO – MUSEU DE SÃO TOMÉ

Fonte:



Figura 21 – REPRESENTAÇÃO DO TCHILOLI.

Fonte:

<http://turismoemstp.weebly.com/tradiccedilatilde.html> Consultado a 12/06/2017

No teatro existem as companhias teatrais denominadas “Tragédia”, que são representações de Tchiloli<sup>3</sup> são constituídas por cerca de trinta pessoas: e cada actor, que mantém o mesmo papel por toda a vida, o transmite ao seu filho ou afilhado. É considerado por muitos uma das manifestações artísticas mais representativas e de maior valor criativo existente nas ilhas. Teatro de rua, habitualmente representado nas festas religiosas, o tchiloli ou tragédia Marquês de Mântua, cujo argumento reporta à corte medieval europeia, encena um dilema moral extremo: um pai, o Imperador Carlos Magno é confrontado com um filho homicida e é dilacerado pelo conflito entre deveres paternais privados e os deveres da justiça pública.

Tal como em todo continente africano, a dança é parte integrante da cultura são-tomense. Ao longo do ano, as danças animam as festas, os rituais e as manifestações. Os costumes, os cantos, as saudações marcam a originalidade.

Para além das muitas influências culturais, note-se também que São Tomé foi palco de muitas criações culturais, marcas e símbolos de uma cultura viva que, ao longo dos tempos, se foram alicerçando, construindo a sua própria identidade, não negligenciando aquilo que são as suas raízes históricas e permitindo novas influências. O socopé<sup>4</sup> (só com o pé), por exemplo, pode ser considerado a concepção santomense por excelência. Entre outras expressões culturais do arquipélago, são exemplo a *Ússua*, *Puita*, *Djambi*, o *Tchiloli*, *Bligá*, *Stleva*, *Quiná*, *Vindes Meninos*, *Dêxa*, *Auto de Floripes*, entre outras. A dança

<sup>2</sup> Castaño, Inês. São Tome e Príncipe: Cultura/ Património/ Museu. Trabalho de Projecto de Mestrado em Museologia. Faculdades das Ciências. Setembro 2012.

<sup>3</sup> É uma manifestação cultural que demonstra influências europeias nas danças e africanas nos instrumentos utilizados

<sup>4</sup> Dança muito ritmada, canto e festa típica nocturna, em que os participantes geralmente se mascaram.

de salão portuguesa pode ter desempenhado um papel importante na influência do desenvolvimento deste ritmos e suas danças associadas.

São Tomé constitui, portanto, um centro de congregação de vários povos, e como resultado, a assimilação de vários costumes e culturas trazidas essencialmente pelos imigrantes, escravos, ou qualquer pessoas que iam trabalhar a título de trabalho contratado. São Tomé apresenta um panorama histórico-cultural, um conjunto de manifestações que são património do arquipélago, e que merece ser devidamente preservado.

A World Trade and Tourism Council (WTTC) considera o turismo como um sector capaz de fazer desenvolver em simultâneo a economia de países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento. Nos países menos desenvolvidos o turismo pode ser considerado como uma estratégia para o desenvolvimento, já que, a longo prazo poderá permitir investimento estrangeiro, aumento de postos de trabalho e aumento do PIB (Stronza, 2001: 268)

A importância da preservação dos costumes culturais do país está ligada à sua identidade e à perspectiva de desenvolvimento de uma política cultural, que tenha em conta as particularidades do tecido social santomense, e do reforço e desenvolvimento turístico. A cultura engloba todas as formas de expressão do homem: o sentir, o agir, o pensar, o fazer, bem como as relações entre os seres humanos e destes com o meio ambiente. Esses aspectos, da pluralidade e da diversidade cultural, representam para o turismo a oportunidade de estruturação de novos produtos turísticos, com o consequente aumento do fluxo de turistas e converte o turismo em uma atividade capaz de promover e preservar a cultura santomense.

São Tomé e Príncipe tem conquistado uma maior visibilidade pela qualidade e riqueza patrimonial paisagística e cultural. O turismo apresenta-se hoje como um dos principais motores de possível crescimento e desenvolvimento das ilhas, uma vez que este sector é considerado pelos seus habitantes, e não só, uma das soluções do país. Dada à escassez e instabilidade de recursos financeiros, devem ser então exploradas as opções de para o desenvolvimento sustentável baseada nas peculiaridades do país.

O turismo em São Tomé é apresentado como motor de desenvolvimento económico, social e político. Pela sua diversidade cultural, que engloba desde as tradições, gastronomia, danças e teatro, pelos

## TURISMO COMO REGENERADOR ECONÓMICO E SOCIAL DE SÃO TOMÉ



Figura 22 - CANOAS TRADICIONAIS E  
PESCADORES NA PRAIA CATORZE

Fonte:

<https://guiaturisticostp.wordpress.com/fotos/>

acontecimentos e memórias históricas, com uma enorme potencialidade natural, através da sua paisagem e seus constituintes, a fauna e a flora e as praias como se exemplifica na figura 22. Ainda acrescentam-se, do ponto vista arquitectónico e urbanístico, incluindo as Roças e suas potencialidades inerente, as capacidades inovadoras e particulares utilizadas tanto na organização e estruturação espacial do território como nas tipologias de edificação e respectivos sistemas construtivos adaptados à cultura, paisagem e processos de assentamento.

Analisando portando as sequências dos resultados, a exploração turística iria proporcionar um melhoramento das fragilidades do país, melhorando de forma significativa as condições de vida. É de destacar então as fragilidades que o país enfrenta: a necessidade de infraestruturas por toda a cidade, e as articulações com o interior da ilha; as doenças endémicas que se fazem sentir com muita frequência; a carência de emprego, assim como postos de trabalho e mão de obra qualificada, logo, o nível de ensino qualificado; os equipamentos de apoio aos habitantes e visitantes insuficientes.

Pode-se dizer que São Tomé e Príncipe faz parte das pequenas Ilhas em desenvolvimento, onde o turismo pode representar uma alternativa ao desenvolvimento económico, social, cultural e político. Tal como nas pequenas “Ilhas-Estado”, *o turismo em São Tomé e Príncipe poderia proporcionar: a dinamização das actividades produtivas; criar postos de trabalhos directos e indirectos; gerar divisas devido os pagamentos feitos pelos turistas; incentivar as exportações indirectas, dinamizar o investimento nas infraestruturas (saúde, educação, comunicação, transportes, etc.); promover a educação ambiental, diminuir a pobreza, enfatizar as práticas culturais e históricas, enfim permitiria um desenvolvimento integrado das ilhas* (Romana, 1997:147).

### Turismo Cultural

Depois de compreender as capacidades e potencialidades de São Tomé face ao turismo torna-se imperativo particularizarmos o turismo cultural como potencial dinamizador do sector urbano e rural. O desenvolvimento do turismo cultural deve ocorrer pela valorização e promoção das culturas locais e regionais, preservação do património histórico e cultural gerando oportunidades de negócios no setor, respeitando os valores, símbolos e significados dos bens materiais e imateriais da cultura para as comunidades.



Figura 23 – Manifestação dedança tradicional em São Tomé e Príncipe.

FONTE:

<https://edjamilaragao.wordpress.com/cultura/>

O Turismo Cultural compreende as actividades turísticas relacionadas às vivências do conjunto de elementos significativos do património histórico e cultural bem como dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura.

Os equipamentos e serviços podem incorporar as características do ambiente cultural, com elementos que conferem identidade e demonstram o envolvimento com o público local ou visitante. Procedimentos que vão desde a elaboração do projeto arquitectónico integrado à paisagem cultural e/ou para adaptação de uma edificação de valor histórico, passando pelo uso das matérias-primas da região, a contratação de mão de obra local, são alguns dos diferenciais valorizados pelo turista cultural (TURISMO CULTURAL: Orientações Básicas, 2010).

De entre o turismo cultural, destacam-se os seguintes tipos: Turismo Cívico – que são os deslocamentos para *acompanhar ou rememorar fatos, observar ou participar em eventos cívicos*, ; o Turismo Religioso – *são as “actividades relacionados às religiões institucionalizadas, independentemente da origem étnica ou do credo”*; Turismo Místico ou Esotérico – *“decorrentes da busca da espiritualidade e do autoconhecimento em práticas, crenças e rituais considerados alternativos”*; Turismo Cinematográfico – está ligada ao segmento de audiovisual ; Turismo Gastronómico - *utilizado como elemento para a vivência da experiência da cultura local pelo turista através da culinária típica* ; Enoturismo – *motivados pelo conhecimento do processo da produção de vinhos*.

São Tomé e Príncipe surge, por isso, como um país dotado de características e que reúne condições propícias à promoção de um turismo ecológico, verde e sustentável, uma vez que, apresenta potencialidades únicas, ao nível dos ecossistemas, fauna, flora, história, gastronomia, cultura, que não põe em risco a sustentabilidade dos recursos naturais.

### 1.3 OS TEMPO DE CONSTRUÇÃO DA CIDADE E DO TERRITÓRIO

Assiste-se ao início do desenvolvimento ainda no séc. XV e meados do sec. XVI. A cidade de São Tomé foi território português desde as primeiras ocupações até 1975 (data de sua independência), tendo crescido segundo os princípios do urbanismo de origem portuguesa. A implantação do primeiro aglomerado urbano foi condicionada por diversos fatores relacionados com a adaptação às condições locais e com fatores geográficos do território existentes associados às necessidades económicas, sociais, ambientais e de defesa.

Apesar de poucos recursos no momento da independência, em 1975, o país recupera-se lentamente, inicialmente com o Estado socialista unipartidário para sistema democrático multipartidário dinâmico.

Actualmente a cidade de São Tomé, assim como várias outras cidades com base no colonialismo português, depara-se com uma dualidade da realidade urbana, social e económica. Face a estes fenómenos de desenvolvimento sociodemográfico e económico, constata-se uma expansão destes dois centros urbanos, a cidade formal e a informal. O plano urbano inicial era do tipo linear, estruturada pelo eixo que acompanha a frente marítima.

A cidade de São Tomé ostenta uma malha urbana reticulada composta por elementos urbanos de grande significado, por ruas paralelas e perpendiculares em muitos casos, formando ângulos rectos e dando origem a quarteirões alongados de forma rectangular. Essa malha urbana é definida pelo desenho das ruas, e não pelos edifícios aí situados. Após a independência em 1975, houve uma vaga de migração para o centro da cidade e consequente crescimento populacional, que se instalou nas zonas periféricas da cidade. A ocupação nessas áreas era feita por populações mais carenciadas, e ligadas à agricultura. O tecido viário formal relaciona-se com o território, procurando zonas regulares e quase planas, por outro lado as ruas, caminhos que constituem o tecido informal da cidade, estabelece uma relação simiótica com a geografia, como se pode verificar na figura 14. Onde as principais ruas se localizam nas zonas de cota menor de terreno.

A expansão da cidade é geralmente feita em grande parte de forma desorganizada, sem preocupações de planeamento e gestão do espaço, e inexistência de infra-estruturas públicas (saneamento, água e electricidade).



Figura 24 - FIGURA 1: BAIÁ ANA CHAVES  
FONTE: Site: [www.rotasturisticas.com](http://www.rotasturisticas.com)



Figura 25 - VISTA DA CIDADE APARTIR DA PRAIA /  
IGREJA DA MISERICÓRDIA  
FONTE: <http://stparquitecturarte.blogspot.pt/2009/11/primeira-fase-de-desenvolvimento.html>  
consultado a 10/02/2017



Figura 26 – IGREJA DA MISERICÓRDIA  
FONTE: <http://stparquitecturarte.blogspot.pt/2009/11/primeira-fase-de-desenvolvimento.html>  
consultado a 10/02/2017

Segundo o autor José Forjaz (2006:42) pode-se considerar os assentamentos informais como sendo:

*«Consequência de um processo longo e complexo d ajustamento das famílias (...) encontram formas de coexistência num equilíbrio precário mas, reconhecido por todos dentro do assentamento informal, mesmo que tal nem sempre pressuponha o reconhecido oficial pelas autoridades».*

Nestes bairros informais a malha urbana é consequência de uma mistura desorganizada de intervenções, sem qualquer planeamento. Cada habitante é responsável pela infra-estrutura e ocupação das parcelas de terreno para construção das casas, sem a preocupação com o espaço público, sendo considerado como urbano colectivo somente as vias às quais se reconhece uma hierarquia.

A evolução urbana da cidade de São Tomé desencadeou-se em várias fases. O crescimento e evolução urbana de São Tomé deu-se em função das condições locais geográficas e do território. Pode-se verificar nas figuras 25 que houve um crescimento da cidade através da apropriação de pântanos e da criação de aterros para instalação de portos e forte (sistema de defesa). O crescimento demográfico associado a transformações económicas e sociais, assim como o abandono das povoações do interior, a desactivação das roças levou a uma acelerada e acentuada pressão nos centros urbanos. Para melhor entendimento, procedeu-se a uma análise cronológica dividida em fases, situando no tempo e no espaço a evolução e a construção do território, com diferentes influências e abordagens.



**Figura 27 –a)** OS PRIMEIROS ASSENTAMENTOS, **b)** MALHA URBANA ACTUAL DA CIDADE FORMAL DE SÃO TOMÉ.

Fonte: Levantamento e análise de São Tomé do alunos da turma A, 2016/2017

### 1.3.1 1ª FASE: 1470 A 1499 – OS PRIMEIROS ASSENTAMENTOS

À semelhança de outras cidades de origem portuguesa, São Tomé caracteriza-se por se localizar junto a uma baía abrigada (baía Ana Chaves), numa zona onde existiam boas condições que permitiam facilmente a implantação de da povoação. As primeiras povoações só se fixaram na ilha cerca de 15 anos após a sua descoberta. A escolha do sítio distingue-se pela sua localização junto à baía abrigada, com boas condições para a criação de um porto, bem como as condições topográfica que permitiam a implantação de estratégias de defesa. (Silva, 2012).<sup>5</sup>

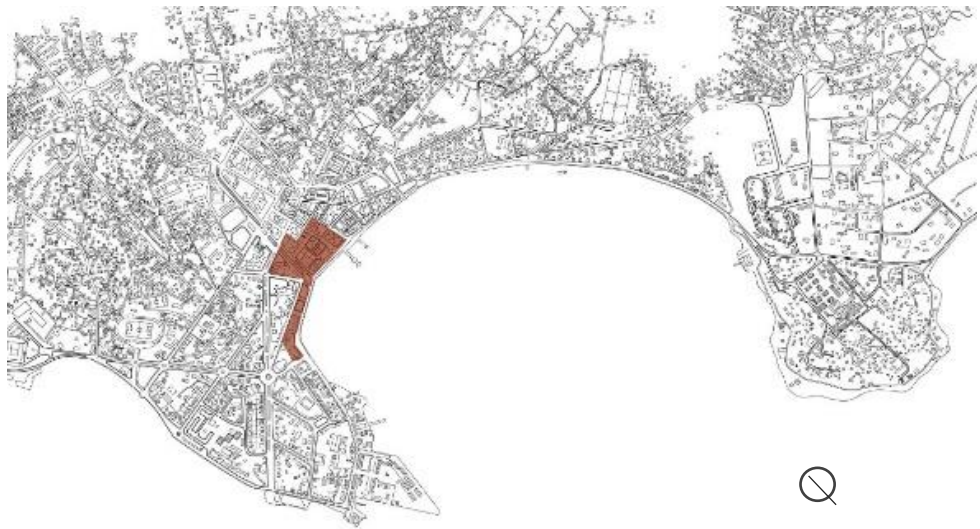


Figura 29 - OS PRIMEIROS ASSENTAMENTOS  
FONTE – Baseado nas plantas de Joana Malheiro



Figura 28 – FACHADA E PLANTA DA IGUEJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA  
Fonte:  
<http://stparquitecturarte.blogspot.pt/2009/11/primeira-fase-de-desenvolvimento.html>

O assentamento e adaptação das primeiras povoações foi condicionado por factores climáticos e geográficos do território, necessidades de defesa, ambientais, económicas e sociais. A proximidade de ribeiras constituía igualmente uma característica do sítio escolhido, uma vez que permitiam o abastecimento de água potável às populações. Da mesma forma que a proximidade de terras que servissem para o cultivo de produtos agrícolas, para a alimentação das populações e apoio aos navios constituía outra das características do sítio para a implantação do núcleo urbano de São Tomé.

A implantação e desenvolvimento dos núcleos habitacionais é marcada pelo forte carácter civil e religioso, com a construção da igreja de Nossa Senhora da Graça, a Igreja e hospital da Misericórdia e a Igreja da Conceição. Em 1492–

<sup>5</sup> Silva, Teresa Madeira da; *In urbe*, Rev. Bras. Gest. Urbana vol.4 no.2 Curitiba July/Dec. 2012

1493 deu-se o início às construções da Igreja de Santa Maria ou Nossa Senhora da Avé-Maria e o Mosteiro de São Francisco, por ordem de D. João II.

O crescimento populacional resultante do desenvolvimento económico consequente da produção do açúcar e do comércio de escravos, levou ao desenvolvimento do núcleo de carácter mercantil, cujas funções se destacam as construção de armazéns, o edifício alfândega e as construções em madeira. Entre 1506 a 1510 a população estabelecida na baía Ana Chaves dispunha de 250 fogos de modestas habitações, casas de um só piso feitas de madeira local, ou dois sobrados com coberturas em madeira. São Tomé era um desenvolvido centro populacional, em meados do século XVI, com cerca de 670 fogos e porto.

### 1.3.2 2ª FASE: 1500 A 1520 – CAPITANIA FERNÃO DE MELO

A segunda fase de desenvolvimeto urbano inicia-se em meados do século XVI e termina no final deste mesmo século, correspondendo a um desenvolvimento económico e populacional da ilha, o crescimento da cidade resultante da produção do açúcar e do comércio de escravos vindos de África.



*Figura 30* - EXTENSÃO DA MALHA URBANA À ÉPOCA DA CAPITANIA DE FERNÃO MELO, 1500 A 1520  
FONTE – Baseado nas plantas de Joana Malheiro



**Figura 31 - FORTALEZA DE SÃO SEBASTIÃO**  
 Fonte: Levantamento e análise de São Tomé do alunos da turma A, 2016/2017

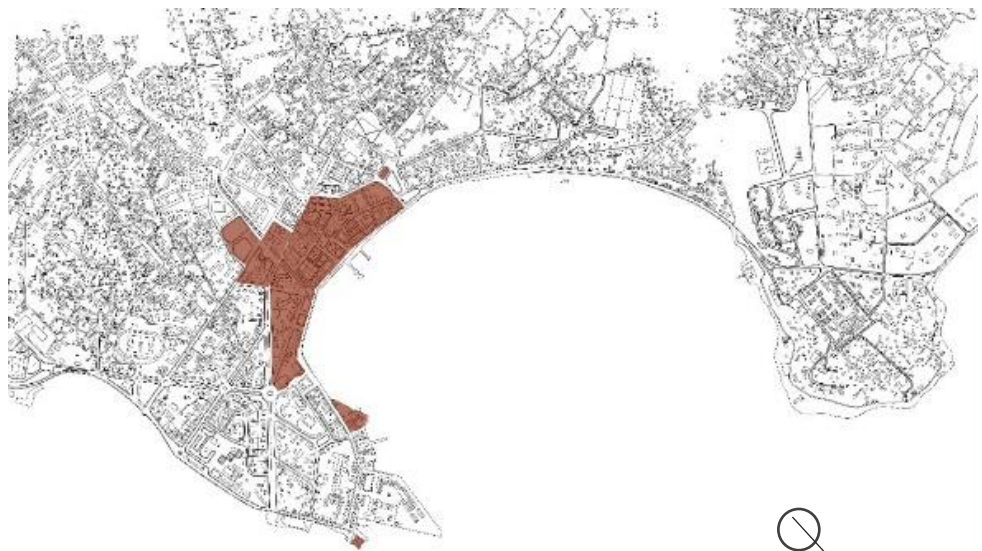


**Figura 32 – IGREJA DA CONCEIÇÃO**  
 Fonte: Análise feito pelos alunos, outubro de 2016.

Inicialmente o povoamento era linear e fazia-se ao longo dos caminhos que acompanhavam a linha costeira. Surgindo assim a rede viária, na sua extensão, implantaram-se os edifícios institucionais mais importantes: a torre do capitão, a Misericórdia e a Sé. Paralela ao mar, separando o quarteirão da Misericórdia e dos edifícios confinantes com a torre, nasce uma pequena rua que acompanha o terreno, onde se desenvolve junto à costa, que liga o núcleo da Sé e da Misericórdia ao porto (actual praça da independência) e constituiu o que posteriormente se designou de “*Rua Direita ou Rua Grande*”. Posteriormente, a alfândega, a câmara e a cadeia. Mais tarde foi também erguida a fortaleza de São Sebastião, e no mesmo período, a igreja de São João. Contudo, esta fase ficou marcada pelo trágico incêndio que, em Agosto de 1501, destruiu a maior parte das habitações danificou alguns edifícios nobres. A catástrofe acabaria por impulsionar o crescimento do maior bairro informal de São Tomé – Bairro Riboque, com habitações em madeira e infra-estruturas de espaços.

### 3.1.1 3ª FASE: 1520 A 1580 – CAPITANIA SEM DOAÇÃO

Nesta fase o crescimento é então marcado essencialmente por duas tendências: a primeira resultante das tipologias urbana usadas no continente no séc. XV e XVI que deu origem à expansão da cidade no sentido do actual centro, sobre um traçado regular.



**Figura 33 – EXTENSÃO DA MALHA URBANA ATÉ 1580.**  
 FONTE – Baseado nas plantas de Joana Malheiro

Constata-se a criação de uma nova área da urbana, com uma malha regular na actual baixa de São Tomé, à semelhança das intervenções de cidades portuguesas dos séculos XV e XVI, no que respeita às reformas e expansões de cidade portuguesas do continente o que corresponde a uma nova atitude perante a cidade. O objetivo destas intervenções correspondiam a uma modernização da cidade, tanto a nível funcional, como estético. Esta modernização passava, em muitos casos, por regulamentar e legislar determinadas intervenções, em estruturar novos espaços urbanos, assim como criar novas extensões urbanas. A segunda tendência corresponde ao crescimento da cidade para zonas mais afastadas do centro urbano, com implantação de igrejas e edifícios emblemáticos e significativos – a igreja Madra de Deus, São João Baptista e Santo António estrategicamente situados evidenciam a importância dos traçados e relações estabelecidas na estruturação do crescimento da cidade para Oeste e para Sul.

O rápido crescimento económico traduz-se num acelerado aumento da população, posteriormente elevada a vila, e em 1533, elevada o estatuto de cidade. No entanto, esta época fica registada por inúmeros conflitos resultantes de fuga de escravos, o que leva a um panorama de instabilidade social e económica.

#### 1.3.4 4ª FASE: 1580 A 1650 – APOGEU E DECLÍNIO DA PRODUÇÃO DO AÇÚCAR



Figura 34 . DIOCESE DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1534.  
FONTE: Análise feito pelos alunos, outubro de 2016.



Figura 35 – VISTA PARA A CIDADE DE SÃO TOMÉ, SEM DATA  
Fonte:  
<http://stparquitecturarte.blogspot.pt/2009/11/primeira-fase-de-desenvolvimento.html>

A igreja reforça a sua presença com mais duas construções - a igreja de São Tiago de reduzida dimensão (que não sobreviveu ao tempo) e a igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. No entanto, a ilha assiste a uma grande onda de emigração de comerciantes para o Brasil devido aos ataques à produção de açúcar, colmatado por sistemáticas fugas de escravos, bem como ataques e distúrbios por parte dos holandeses. Em consequência houve uma estagnação da na economia, associada ao abandono de muitos engenhos por parte do proprietários, que rumavam para o Brasil, e ao abrandamento no tráfico de escravos na ilha.



Figura 36 – NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS.

Fonte:  
[http://stparquitecturarte.blogspot.com/2009\\_11\\_16\\_archive.html](http://stparquitecturarte.blogspot.com/2009_11_16_archive.html)



Figura 37 – EVOOLUÇÃO URBANA NA FASE DO APOGEU E DECLÍNIO DA PRODUÇÃO DO AÇUCAR.  
FONTE: Baseado nas plantas de Joana Malheiro.

Neste cenário, este período fica marcado por edifícios de carácter defensivo que foram erguidos: o Forte de São Jerónimo, construído em 1613 ou 1614, que segundo Lopes de Lima foi construído com o objectivo de defesa da fortaleza e do porto ligado à cidade. a edificação situa-se a sul da Foraleza de São Sebastião junto à praia perigosa.

### 1.3.5 5ª FASE: 1650 A 1753 – CICLO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS

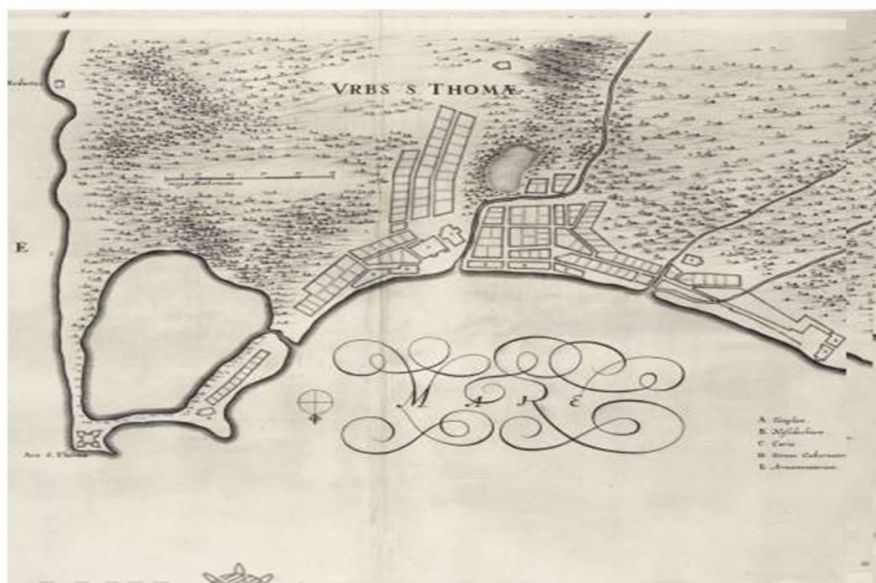
Devido ao êxodo, a população de São Tomé estava reduzida aos descendente mulatos, e reduzida a uma agricultura de subsistência animada pelo pequeno comércio gerado pelos navios de passagem.



**Figura 38** – EXTENSÃO DA MALHA URBANA NA ÉPOCA DO CICLO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS  
 FONTE: Baseado nas plantas de Joana Malheiro.

No início do século XVII, a rua que liga a fortaleza de São Sebastião à igreja de São João, estende-se à ao longo da costa ligando os dois extremos da cidade: o núcleo da Sé, da Torre e da Misericórdia ao porto e foi o elemento estruturante de todo o aglomerado.

Presume-se que os armazéns para guardar o açúcar se localizassem junto à costa e perto do porto, no local, onde posteriormente (já no séc. XIX) viriam a ser instalados os armazéns para guardar o cacau e o café.



**Figura 39** – MAPA DA CIDADE DE SÃO TOMÉ, GASPAR BARLAEUS, 1647  
 FONTE: [http://stparquitecturarte.blogspot.pt/2009\\_11\\_16\\_archive.html](http://stparquitecturarte.blogspot.pt/2009_11_16_archive.html)  
 Consultada a 12/06/2017



**Figura 40 – RUA DIREITA OU RUA GRANDE**  
 FONTE:  
[http://stparquitecturarte.blogspot.com/2009\\_11\\_05\\_archive.html](http://stparquitecturarte.blogspot.com/2009_11_05_archive.html)  
 Consultada a 12/06/2017



**Figura 41 – ALFÂNDEGA DE CACAU E DO CAFÉ**  
 FONTE:  
<http://stparquitecturarte.blogspot.pt/2009/11/pri-meira-fase-de-desenvolvi-mento.html>  
 Consultada a 12/06/2017

Apesar de alguma instabilidade sentida neste período, a ilha assistia, em termos económicos, a um período que anunciava a prosperidade anteriormente perdida. Embora a cidade tenha crescido baseada na produção da Cana de açúcar, seguiu-se um período de abrandamento no desenvolvimento económico. Este declínio deveu-se, em parte, à desordem anteriormente mencionada, e em parte, pelo clima húmido que não contribuiu para uma produção estável.

Em 1750 a cidade de São Tomé atinge um elevado estado de deterioração e abandono e deixa de ser capital do arquipélago.

**1.3.6 6ª FASE: 1852 A 1950 – CICLO DO CAFÉ E DO CACAU**

A afirmação do poder dos roceiros marca este período pela introdução da cultura do café e do cacau, que vieram gerar um novo ciclo de vitalidade económica, constituindo assim o período de maior progresso social e económico de São Tomé e Príncipe.



**Figura 42 - EXTENSÃO DA MALHA URBANA NA ÉPOCA DO CICLO DO CAFÉ**  
 FONTE: Baseado nas plantas de Joana Malheiro.

Os conflitos internos que se mantinham em Santo António – na ilha do Príncipe, na altura capital do país- e o progressivo desenvolvimento económico da ilha de São Tomé leva o governador José Maria Marques a devolver-lhe o estatuto de capital. A grande afluência



**Figura 44 – UM TRECHO DA CIDADE – RUA DA MISERICÓRDIA**  
 Fonte:  
[http://stparquitecturarte.blogspot.pt/2009\\_11\\_15\\_archive.html](http://stparquitecturarte.blogspot.pt/2009_11_15_archive.html)



**Figura 43 - BIBLIOTECA NACIONAL, 1994**  
 Fonte: Chuck Moravec

de comerciantes e de escravos traduziu-se no aumento demográfico, para o qual a ilha não estava preparada. Este fenómeno, associado ao factor da instabilidade política e de ordenamento do território, conduz a ilha a diversos problemas sociais e ambientais e conseqüente situação de degradação. As características do território, física e ambiental, o baixo relevo, as densas florestas, davam origem a grandes depósitos de águas estagnadas, e conseqüente acumulação de resíduos de lixo e animais depositados pela população. Associado ainda às más condições de habitabilidade, sem água potável e deficiente iluminação natural, resultaram em epidemias e diversos problemas de saúde pública.

Apesar das crescente degradação da zona do porto, a actividade comercial das roças teve o seu auge, evitando o contacto com o porto da cidade, ganhando assim a sua autonomia. Começaram assim a surgir noas roças, e em paralelo a construção de caminhos de ferro que ligavam a cidade aos seus principais centros produtores, o que fez reduzir os custos da mercadoria.

Contudo as adversidades, este período distingue-se pela reconstrução de edifícios e construção de novos equipamentos e infra-estruturas, como por exemplo o Teatro Cultural e da Biblioteca Nacional. Durante este período efectuaram também o restauro e reabilitação do Hospital Central, da igreja da Conceição e do Palácio do Governo.



Figura 45 – ROÇA AGOSTINHO NETO  
Fonte: <http://stparquitecturarte.blogspot.pt/>

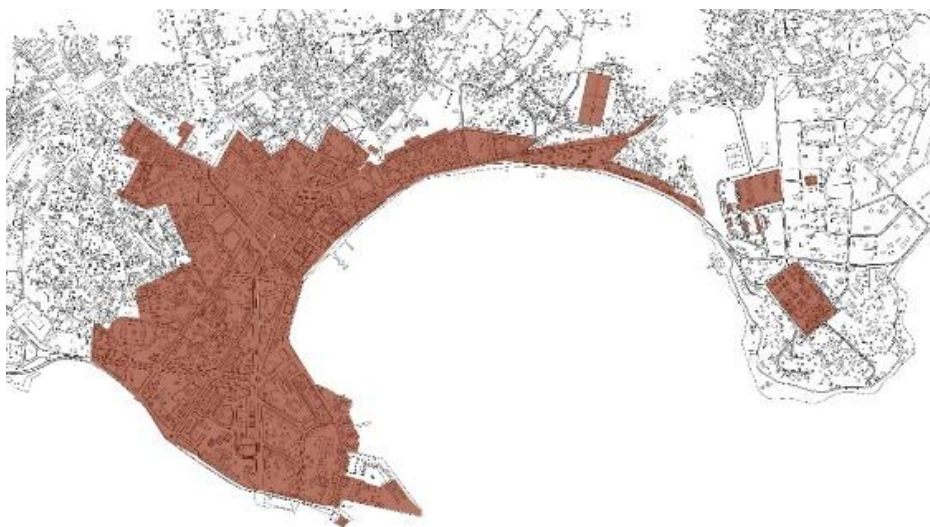


Figura 46 – VISTA DOS QUARTEIRÕES DA CIDADE  
FONTE: [http://stparquitecturarte.blogspot.pt/2009\\_11\\_16\\_archive.html](http://stparquitecturarte.blogspot.pt/2009_11_16_archive.html)

É de destacar também o crescimento das roças, pelo seu carácter autónomo, que remete à cidade a uma relação de dependência. A nível urbano a cidade entra em declínio devido à falta de planeamento, enquanto as roças proliferavam por toda a ilha.

### 1.3.7 7ª FASE: sec. XX – DO ESTADO NOVO À INDEPENDÊNCIA

Durante o século XX, o crescimento da cidade é marcado por importantes obras de saneamento, associadas à existência de pântanos e ao aparecimento de novos bairros de vivendas isoladas, típicas do Estado Novo construídos sobre eles. O aparecimento de novos edifícios de equipamento como os do antigo cineteatro, do arquivo histórico e do mercado municipal, entre outros, dão à cidade o carácter modernista próprio da época.



*Figura 47 – EXTENSÃO DA MALHA URBANA NO PERÍODO DO ESTADO NOVO À INDEPENDÊNCIA*  
FONTE: Baseado nas plantas de Joana Malheiro.

Em 1951 foi apresentado pelo arquitecto João António de Aguiar, por solicitação do Gabinete de Urbanização Colonial, um plano geral com influência de grandes traçados como a Cidade Jardim com a fixação de estratégias dos equipamentos de carácter excepcional. No plano identifica-se o núcleo primitivo onde se localizam equipamentos públicos - administrativos, religiosos, educativos e de saúde - e os edifícios privados e projecta-se a nova cidade. A nova cidade desenvolver-se-á ao longo da Baía de Ana de Chaves,

e prevê a criação de bairros residenciais e de futuros equipamentos de grande porte, como a escola, o hospital e o cemitério situam-se fora da zona urbanizada e em cotas elevadas (Ana Vaz Milheiro, 2012:90) . Após análise da topografia e qualidade geológica do território percebe-se que esta proposta estaria em conflito com pré-existências e o plano é abandonado.

Mais tarde o planos de obras de arquitectura do Gabinete de Urbanização Colonial foi assumido pelo arquitecto Mário Oliveira, que desenvolveu um novo plano em 1962, muito direccionado para questões sociais, seguindo levantamentos e inquéritos realizados junto da população. Este novo plano assentava na preparação progressiva da autonomia das colónias, com o conceito de habitação mista social e com o fim dos bairros informais.

O plano de Mário Oliveira abarca diversas obras como o Edifício das Finanças, a Escola de Infância para as irmãs Canossianas, o Ministério da Defesa, a sede da polícia (na altura, a PIDE), a Escola Técnica Silva Cunha, actual Liceu Nacional, entre outros, sendo que o Banco Nacional Ultramarino o seu último trabalho.

Este período ficou marcado quer à escala urbana, quer à escala de edifícios emblemáticos que ainda hoje caracterizam a cidade de São Tomé. Estas construções são o testemunho de uma linguagem da época que se apresentou de diferentes formas.

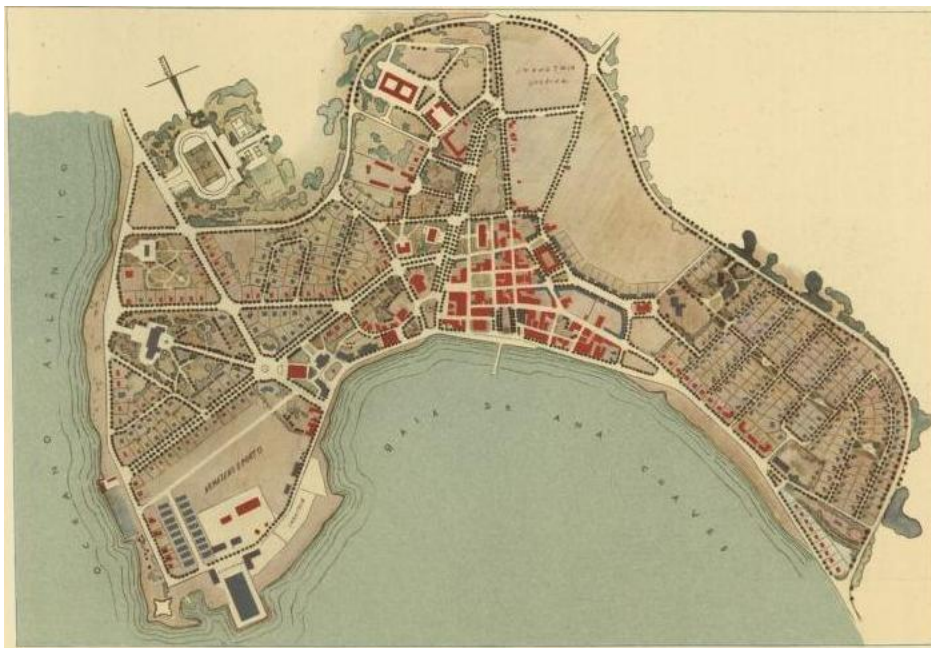


Figura 50 – PLANO DE URBANIZAÇÃO PARA SÃO TOMÉ, JOÃO AGUIAR, 1951.  
Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino



Figura 48 - LICEU NACIONAL DE SÃO TOMÉ.  
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/>



Figura 49 - ANTIGO BANCO NACIONAL ULTRAMARINO, ACTUAL BANCO DE SÃO TOMÉ.  
Fonte: <http://www.cabindanation.net>

Após o 25 de Abril de 1975 houve dois principais movimentos populacionais: o regresso dos portugueses a Portugal e o regresso dos refugiados de outros países para São Tomé. Com a independência do país em 1975 o centro urbano foi ocupado essencialmente pela classe média alta e a periferia ocupada pelos trabalhadores do centro urbano.

As ocupações próximas dos limites do centro histórico de São Tomé, são feitas pelas populações com menos recursos e por isso verifica-se, na maioria dos casos, a existência de habitações anexas associadas às actividades agrícolas.



Figura 51 - PLANO PARA A URBANIZAÇÃO DE SÃO TOMÉ, MÁRIO OLIVEIRA, 1960  
Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino

## 1.4 CIDADE ACTUAL - Século XXI

A morfologia urbana das cidades africanas dos países lusófonas têm a característica da presença portuguesa em África durante cinco séculos. Num percurso que se estende desde a época do primeiro assentamento urbano, até à situação actual, resultam em duas realidades distintas que coexistem na cidade: a malha formal e a malha informal (Raposo, 2005:5). A dualidade aqui exposta interpõe-se “entre o colonial e o pós-colonial, o centro e a periferia, o formal e o informal, o regular e o irregular, a ordem e a desordem, o previsível e o imprevisível, o ordenado e o espontâneo, o macro e o micro, o global e o local, geometrias lineares e geometrias complexas. Esta é a raiz da condição de indefinição e transição que marca a Cidade Africana e que a consubstancia enquanto mosaico urbano plural e polimórfico” (Viana, 2010:7).

Se por um lado encontra-se a cidade colonial, com estilo arquitectónico próprio presente no centro urbano, administrativo e económico, e das elites nacionais, por outro lado justapõe-se a periferia precária e não planificada associada a assentamentos de génese espontânea. Sendo que estas duas realidades são o reflexo de uma incapacidade de resposta do centro urbano ao crescimento acelerado de habitantes à cidade, à procura de melhores condições de vida, levando a maioria a instalar-se nas zonas periféricas da cidade. O território informal acaba por absorver o território formal pela sua dimensão, no entanto a área formal domina pelo seu carácter administrativo da cidade (Sousa e Raposo, 2005:90). A cidade fragmentada é atribuída a essa dualidade que existe.

Devido à ausência de planeamento e controlo do uso do solo, a responsabilidade de desenvolver e planear o espaço fica a cargo dos próprios habitantes. Resultando então no descontrolado crescimento e extensões urbanas carente de acessos, infraestruturas básicas e de saneamento, bem como equipamentos sociais, com condições insalubres das habitações. A Cidade, quando não enquadrada e apoiada num planeamento, gera situações de segregação social que acentuam debilidades nas estruturas urbanas, com espaços com indícios de suburbanidade.

A cidade de crescimento espontâneo reflete um enfoque nas comunidades urbanas como dinamizadores, não apenas da sua forma, mas também das actividades urbanas, isto é, económicas, sociais e culturais.



Figura 52 - ÁREA INFORMAL NA MALHA URBANA DE SÃO TOMÉ



Figura 53 - ÁREA FORMAL NA MALHA URBANA DE SÃO TOMÉ

Se no caso da cidade formal e planeada, o equilíbrio do desenho da estrutura urbana resolve questões de acessibilidade e salubridade através de soluções de ventilação, iluminação e escoamento, no caso informal a situação é contrária. Apresenta um desenho urbano espontâneo e inadequado às condições mínimas necessárias para o bem-estar dos seus habitantes. A inexistência de infra-estruturas, como redes de saneamento, energia, abastecimento de água potável, recolha de lixo e ainda de equipamentos sociais que assistam a comunidade, como escolas, infantários, serviços médicos, entre outros, resulta na segregação e fragmentação que caracteriza a zonas periféricas de assentamentos informais. A intervenção nessas áreas resume-se ao básico das infraestruturas, à legalização de áreas residenciais. Apesar de serem áreas informais pela falta de planeamento e desarticulação a intervenção deve ser entendida como lugar onde estabelecem comunidades que valorizam a vizinhança e a socialização. Estas áreas aqui referidas como informais ou espontâneas, são produto da realidade que a cidade oferece, que atribui uma identidade própria.



Figura 54 – CIDADE INFORMAL OU ESPONTÂNEA – SÃO TOMÉ

FONTE:  
<http://viagemastomeprincipe.blogspot.com/>



Figura 55 – CIDADE FORMAL OU PLANEADA- SÃO TOMÉ

A intervenção deve ser, portanto, associado ao conceito de *acupuntura urbana*<sup>6</sup>, que assenta no tratamentos de territórios de forma pontual sem intervir demasiado no modo de vida dos habitantes. O espaço público, o equipamento urbano e social tem a sua importância no redesenho que corresponde a uma nova atitude que assenta no reconhecimento dos assentamentos informais e projecta a sua qualificação e integração na cidade, através de uma articulação com o centro urbanizado e as periferias informais. É por isso, importante apreender estas condições para se desenvolver formas de intervir em zonas cruciais criando estratégias capazes de extrair elementos que geram e formam a arquitectura informal, a partir do redesenho e de um repensar estratégico. A cidade informal ou espontânea pressupõe um desenvolvimento gradual da estrutura urbana, em oposição a um planeamento de longo prazo entregue apenas aos especialistas. Os “dinamizadores” da zonas informais devem trabalhar de perto com os seus residentes, operando em áreas específicas da cidade.

Para David Leite Viana (2010:4) “*A Cidade Africana transpôs a lógica da imagem assente (morfologicamente) no espaço construído e no desenho do espaço público. A sua realidade urbana é não linear e exige o constante [re]enquadramento das partes no seu mosaico urbano: a [micro]recomposição*

<sup>6</sup> Conceito criado pelo arquiteto e teórico social finlandês Marco Casagrande que se traduz em Pequenas intervenções que são capazes de gerar a melhoria das cidades. A acupuntura urbana é um conjunto de ações pontuais e de revitalização que podem mudar progressivamente a vida na cidade

*permanente não é compatível com manutenção de [macro]estratégias duais, redutoras da complexidade e da diversidade da "condição urbana africana (construção de vivências e de territórios)". Para este autor, as cidades africanas (onde se enquadra São Tomé) não se resume apenas à dualidade entre o formal e o informal, ou apenas nas "intervenções no centros da cidade de origem colonial ou com regras que dela surjam" mas sim, em em princípios mais complexos "pois é nas periferias que ocorrem transformações urbanas mais significativas."*

O urbanismo informal é mais do que reabilitar os "dispositivos morfológicos urbanos" (Morais, 2007), edifícios, praças e ruas, é também rever e reativar as vivências do quotidiano, eventos dos seu habitantes, que, surgem como dinamizadores destes espaços. O planeamento do espaço informal, obriga, por isso a um tipo de planeamento em que o programa não é apenas institucionalizado, ou seja, não se resume apenas a intervenções a nível macro, mas sim a níveis pontuais, onde se valorizam a os pontos estruturantes da cultura e sociabilidade.

Os aspectos socioeconómicos, políticos e geográficos que condicionam o desenvolvimento da estrutura urbana inicial da cidade, e, conseqüentemente as periferias e assentamentos espontâneos, têm como resultado o confronto entre as duas realidades: o formal e o informal. É o confronto entre duas realidades sociais e espaciais, inserida numa cidade composta por um centro urbano consolidado, estático e formal, envolvido por uma mancha periférica orgânica e em crescimento continuado.

Torna-se assim, um desafio aos habitantes, governantes, arquitectos e urbanistas, minimizar os impactos sociais, urbanos e económicos no desenvolvimento da cidade. Por um lado a cidade formal deve activar os espaços público estagnados e sem dinamismo, por outro lado as estratégias de intervenção nas periferias deve pensar os espaços públicos e as suas infraestruturas, respeitando o vínculo social com o lugar.



Figura 56- UMA RUA NA CIDADE INFORMAL

FONTE:

<http://viagemastomeprincipe.blogspot.com/>



Figura 57 – EXEMPLO DE HABITAÇÃO CONSTRUÍDA EM MADEIRA

Fonte: Jandira Silva



Figura 58 – EXEMPLO DE HABITAÇÃO E COMÉRCIO NA CIDADE FORMAL – ESPAÇO DE TRANSIÇÃO

FONTE:

<http://viagemastomeprincipe.blogspot.com/>

## II | DESENHO URBANO – O BAIRRO DO RIBOQUE



Muito perto do centro da cidade situa-se o *bairro do Riboque* que é, sem dúvida, o mais popular da cidade. Grande parte da população mais pobre vive neste bairro. São casas modestas, de características precárias, quase todas de madeira cobertas com chapas de zinco ondulado. A maioria está construídas a cerca 1,5 metros do chão e não estão pintadas.



Esta vulnerabilidade que se impõe no território deriva principalmente da necessidade de contruir um abrigo por parte da população que cresce espontaneamente, sem qualquer preparação urbana. Numa construção quotidiana, quase sempre inacabada, pode-se fazer a leitura da pobreza económica e habitacional patente nas fracas condições de salubridade, saneamento e infraestruturas.



A área de intervenção insere-se num contexto específico na cidade de São Tome: ela se assume como uma área de descontinuidade<sup>7</sup> urbana, que faz a relação entre o assentamento formal e o infomal.



Face ao contexto de precariedade do bairro, tendo em conta a incapacidade política da cidade em promover a planificação e construção da expansão. Neste exercício procura-se portanto encontrar medidas de forma a articular os fragmentos da cidade não planeada, de forma a garantir, dentro das condições de habitabilidade urbana, uma cidade estruturada.

Figura 59 – HABITAÇÃO E ESPAÇOS EXTERIOR DO BAIRRO DO RIBOQUE.

FONTE:  
<http://viagemastomeprincipe.blogspot.com/>

<sup>7</sup> O processo de ligação pressupõe continuidade, que não existe no Bairro do Riboque.

## 2.1 | ANÁLISE MORFOLÓGICA

A partir da análise morfológica do lugar, pode-se constatar a estrutura urbana central e litoral é marcada pelo traçado dos planos coloniais, enquanto que o porcesso de assentamento para o interior é de carácter orgânico e a sua dimensão vai reduzindo, encontrando-se com caminhos mais estreitos.



*Figura 60* - BAIANA CHAVES, RELAÇÃO DA ESTRUTURA DA DAS RUAS PRINCIPAL E SECUNDARIA COM A GEOGRAFIA DA CIDADE DE SÃO TOMÉ.



*Figura 61* - BAIANA CHAVES, ASSENTAMENTOS URBANOS FORMAL E INFORMAL E SUA RELAÇÃO COM A GEOGRAFIA DO TERRENO.

A falta de qualidade das vias apresenta-se como uma das dificuldades de acesso a serviços e equipamentos por parte da comunidade residente das áreas do interior, ou na malha informal da cidade. Os equipamentos e serviços localiza-se quase exclusivamente no centro urbano, ou no assentamento formal, e dado ao seu reduzido número, leva a grande congestionamento do tráfego, aglomeração de táxis como principal meio de deslocação da população nas imediações do centro urbano.

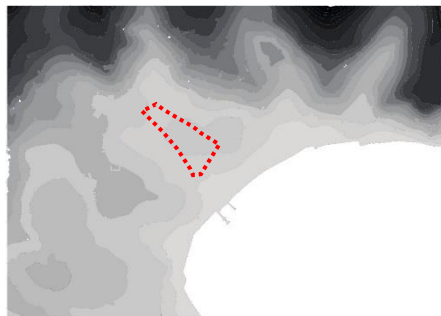


Figura 62 PLANTA ALTIMÉTRICA COM LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE INTREVENÇÃO



Figura 63 - REDE VIÁRIA



Figura 64 – PLANTA DA CIDADE DE SÃO TOMÉ, COM INDICAÇÃO DO LOCAL DE INTERVENÇÃO

Quanto aos espaços públicos na área formal, estes são escassos, sucedendo o mesmo com espaços verdes de qualidade. Na zona informal, os espaços verdes resumem-se aos espaços florestal natural que se misturam com a crescente e irregular malha habitacional.

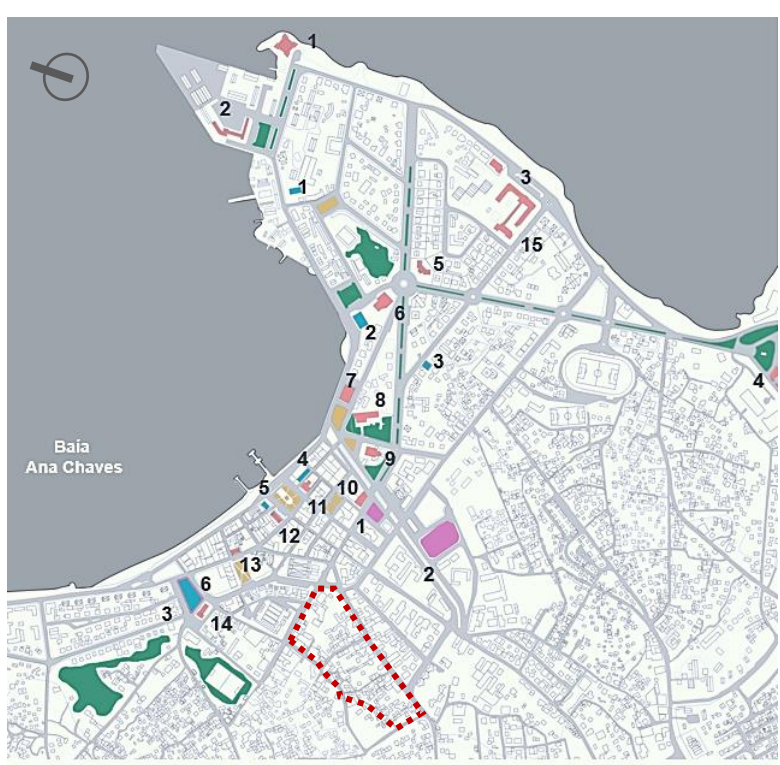
Na análise ao edificado, verificou-se que o tecido formal dominam os edifícios com cerceas dois e três piso, associado à linguagem arquitectónica do Estado Novo, construídos em alvenaria . Já nas zonas periféricas, o edificado é essencialmente informal, possuído na sua maioria apenas um piso, construídos em madeira, ou outros materiais com carácter insalubre.

Quanto aos equipamentos públicos, estes se situam essencialmente na malha formal da cidade, acompanhanda a extensão da baía (ver figura 63).

- PRAÇAS / PARQUES
- 1- PRAÇA GAGO COUTINHO
- 2- PARQUE UCCLA
- 3- PRAÇA MARECHAL CARMONA
- 4- PRAÇA DO MERCADO
- 5- PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA DE SÃO TOMÉ
- 6- PRAÇA YON GATO
- 7- PARQUE POPULAR
- AV.DA MARGINAL 12 DE JULHO
- AV. DAINDEPENDÊNCIA/ AV. GIOVANNI
- AV. KWAME N'KRUMA
- AV. DAS NAÇÕES UNIDAS
- RUA 3 DE FEVEREIRO
- AV. ÁGUA GRANDE
- RUA MOÇAMBIQUE/BARÃO AGUA IZÉ
- RUA DO MUNICÍPIO/AV. CONCEIÇÃO



- PRAÇAS / PARQUES
- 1- NOVA SEDE DO BANCO CENTRAL
- 2- COMPANHIA SANTOMENSE DE TELECOMUNICAÇÕES
- 3- AFRILAND FIRST BANK STP
- 4- PRÉDIO DI BANCO CENTRAL
- 5- BANCO INTERNACIONAL DE SÃO TOMÉ E PRINCIPE
- 6- CENTRO COMERCIAL
- EDIFÍCIOS DE GRANDE PORTE /EMBLEMÁTICOS
- 1- FORTALEZA DE SÃO TOMÉ
- 2- ALFANDEGA
- 3- RÁDIO NACIONAL DA REPÚBLICA
- 4- ASSEMBLEIA NACIONAL DA REPUBLICA
- 5- BIBLIOTECA
- 6- CINETEATROMARCELO DA VEIGA
- 7- TRIBUNAL
- 8- PALÁCIO NACIONAL DA REPÚBLICA
- 9- IGREJA DA SÉ
- 10- CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS
- 11- BANCO CENTRAL
- 12- FINANÇAS
- 13- GABINETE DO PRIMEIRO MINISTRO
- 14- IGREJA DA CONCEIÇÃO
- 15- LICEU NACIONAL
- 16- CASA DAS ARTES CRIAÇÃO AMBIENTE UTOPIAS
- LARGOS
- 1- LARGO BRUTO DA COSTA
- 2- LARGO 1º DE MAIO
- 3- LARGO DA CONCEIÇÃO



**Figura 65 – LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS E DOS EQUIPAMENTOS DA CIDADE DE SÃO TOMÉ´.**  
 Fonte: Levantamento e análise de São Tomé do alunos da turma A, 2016/2017

## 2.2 | TIPOLOGIAS HABITACIONAIS EM SÃO TOMÉ



Figura 66 - REGISTOS DE HABITAÇÕES DE "INDÍGENAS"

Fonte: Tenreiro, 1961, estampas XXV, XXVIII, XXXIV



Figura 67 - "CASA ABASTADA"

Fonte: Tenreiro, 1961, estampas XXV, XXVIII, XXXIV

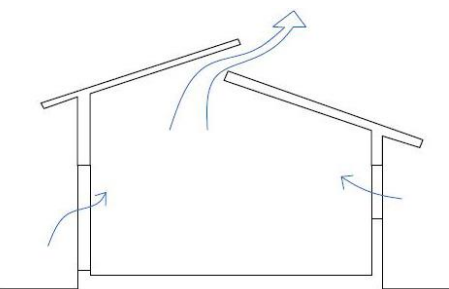


Figura 69 - CORTE DO SISEMA DE VENTILAÇÃO

Fonte: Fonte: Levantamento e análise de São Tomé do alunos da turma A, 2016/2017

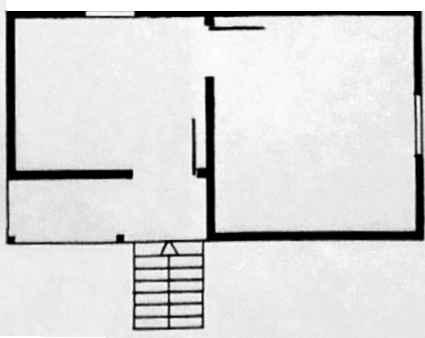


Figura 68 - PLANTA DE EXEMPLO DE UMA HABITAÇÃO

Fonte: Levantamento e análise de São Tomé do alunos da turma A, 2016/2017

Relativamente ao edificado, procedeu-se a um registo à tipologia habitacional, aos materiais predominantes e à linguagem arquitectónica dos edifícios que envolvem a área de intervenção.

Na malha urbana formal prevalecem edificados tanto com uma linguagem arquitectónica clara do Estado Novo como edificados pós Estado Novo, com dois a três pisos de altura. À medida que se aproxima da periferia, o edificado torna-se essencialmente informal, densamente construídas com apenas um piso e com materiais naturais, evidenciando um carácter precário. À medida que se afasta do centro urbano, a densidade das construções vão-se dissipando, apresentando-se de forma aleatória e desorganizada, agregadas às vias principais.

Pode-se dividir a tipologia habitacional de São Tomé em três tipos essenciais: a casa popular, a casa colonial e as Roças. A casa tradicional de São Tomé, apresenta características e influências naturais da arquitectura colonial. Além de ser totalmente construída com elementos fornecidos pela própria natureza – madeira, andalas de certas palmeiras, palha, nervuras – apresenta características que respondem às circunstâncias ambientais particulares da ilha. Geralmente de planta quadrangular (figura 68), a casa assenta sobre uma estacaria, sobrelevando-a de um solo lamacento que se formava na região baixa e pantanosa da cidade durante quase todo o ano. Francisco Tenreiro (1961) destaca que “A cobertura é ainda uma resultante das condições do ambiente”. A cobertura que tradicionalmente construída em elementos vegetais como a madeira, palha grossa, forlha de coqueiro, etc, foi substituída pela folha ondulada de zinco, material que os portugueses levaram para as colónias nos anos 30 (século XX). Esta última sendo relativamente de baixo custo permite a instalação com rapidez e estanquicidade da cobertura, sendo possível grandes inclinações sem necessidades de grandes estruturas. Apesar de não ser uma solução única, é com frequência adoptada a solução da habitação suspensa sobre estacarias, que a liberta do solo, tornando assim a casa mais fresca no calor, e protegida de inundações nas zonas pantanosas. Dentro das habitações tradicionais, podemos distinguir dois tipos: a habitação dos angolares e a dos forros nativos. As povoações angolares apresentam-se como um aglomerado de casas modestas, sem qualquer planeamento, muito semelhantes às habitações dos forros nativos. Também de planta quadrangular, as casas sobrelevam-se do solo, através de estacas naturais, ou

seja, não alisadas ou trabalhadas. Tal como as casas tradicionais dos nativos, as casas angolares são construídas com materiais locais: a estrutura é feita em madeira e, em alguns casos, revestida por tabuado, a cobertura é sempre em *andala* de palmeira.

A necessidade de ventilação exigida pelo clima tropical, a protecção de animais e parasitas, a protecção da madeira das condições climáticas constituem portanto uma mais valia para a construção elevada do solo. Por outro lado o espaço libertado por debaixo das casas também serve de abrigo para os animais domésticos, para a madeira seca para fazer fogueira e outros utensílios do dia a dia do homem Fôro.

As casas dos nativos populares asseguram a ventilação cruzada e os telhados são de duas águas, geralmente desfasadas uma da outra, de modo a garantir a ventilação da casa pela cobertura, e uma das suas abas é prolongada para a frente, de maneira a cobrir uma pequena varanda, impedindo a incidência directa dos raios solares sobre as paredes.

A cozinha é traçada de forma quadrangular ocupando a área térrea é separada do resto da casa. Com aspecto mais frágil, é muitas vezes feita de nervuras de palmeiras, que mais servem para abrigar o fogo do vento do que do que como local de confecção dos alimentos, que são frequentemente preparados no exterior, num pequeno espaço quadrilátero que fica de frente, denominado de quintal.



Figura 70 – ESTRUTURA PARA CONSTRUÇÃO DE UMA HABITAÇÃO  
 FONTE:  
<http://viagemastomeprincipe.blogspot.com/>



Figura 71 – EXEMPLO DE UMA HABITAÇÃO INFORMAL  
 FONTE:  
<http://viagemastomeprincipe.blogspot.com/>



Figura 72 – CIDADE FORMAL, CASA COLONIAL  
 Fonte:  
<http://viagemastomeprincipe.blogspot.com/>

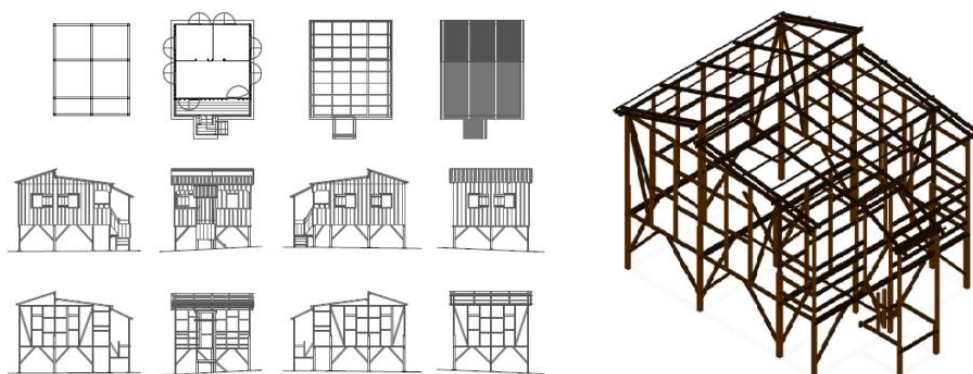


Figura 73 - LEVANTAMENTO ARQUITECTÓNICO E MODELO TRIDIMENSIONAL DA ESTRUTURA DA HABITAÇÃO POPULAR.  
 Fonte: Palafitas Por Terra: A Arquitectura Popular Em São Tomé E Príncipe. Fernandes, A.S.; Sá, M.F.; Póvoas, R.F. 2011

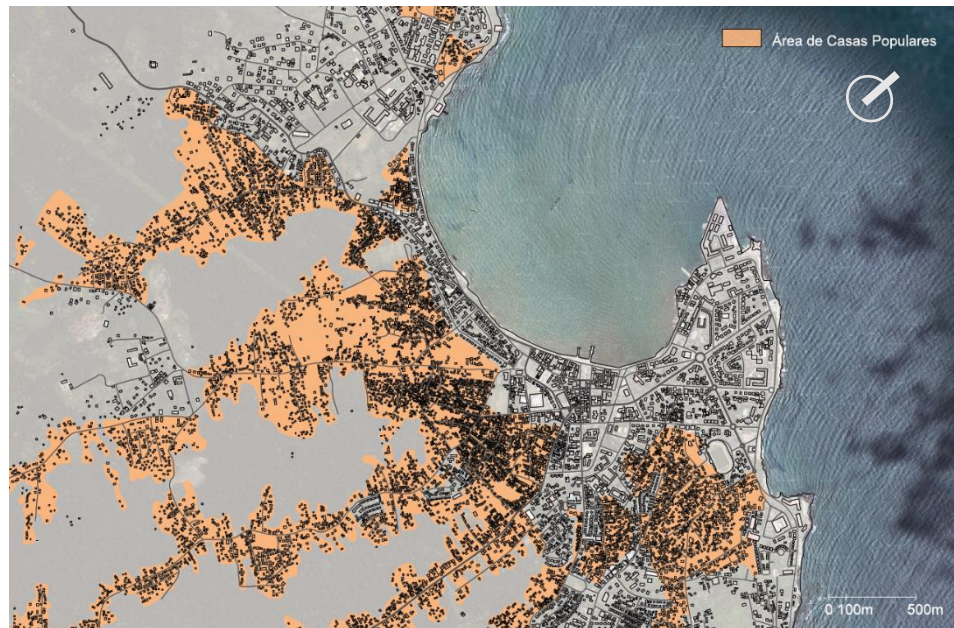


Figura 75 – ÁREAS ONDE DOMINAM AS CASAS POPULARES

FONTE: Gomes, M. (2013). Construir em São Tomé. Dissertação de Mestrado. FAUP

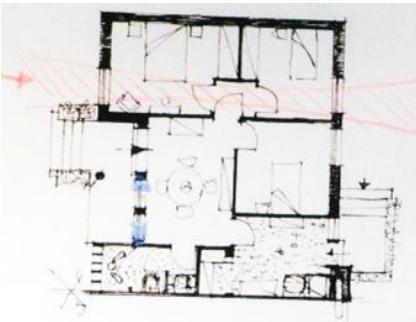


Figura 74 – ARQUITECTURA VERNÁCULA PRATICADA PELOS COLONOS.

Fonte: MORAIS, J. (2013). São Tomé e Príncipe – As Cidades, Património Arquitectónico

Em 1940, o governador Carlos Gorgulho iniciou a política de modernização da cidade de São Tomé, que por sua vez gerou uma campanha para acabar com as casas em madeira. Esta política fez com que as mesmas tivessem desaparecido quase por completo no centro da cidade permitindo o aparecimento de novas tipologias de habitação em madeira e alvenaria, as chamadas casas mistas (. Com vista a melhoria do conforto habitacional, os colonos importaram para a ilha novos sistemas construtivos, que foram adaptadas às habitações. O crescimento da cidade de São Tomé foi-se definindo ao longo desta rua – Rua Direita –, caracterizando-se pela implantação de um traçado regular baseado num conjunto de ruas que estruturam quarteirões de planimetria rectangular, reflexo de uma intenção de planeamento. As alterações seguiram assim a adoção de um desenho ortogonal muito pouco africano, com de vãos reticulados, utilizando chapa de zinco, venezianas, e pequenos jardins ou simples sebes cuidadas e, numa fase já muito recente, a utilização do cimento, do tijolo e da tinta. Ao mesmo tempo a utilização do tijolo em partes da casa, bem como a aplicação do betão em escadas ou outras estruturas mais em contato com a terra húmida, passa a ser usual. As duas águas da cobertura são bem definidas e é aumentada o número de áreas, bem como o número de divisões, de portas e janelas, passam a tipologias comuns em São Tomé. O que caracteriza este tipo de casa é a regularidade de proporções oferecida por uma volumetria longa e compacta de planta rectangular ou quadrada, isolada com logradouro

ou com dois pisos, sendo o rés-do-chão destinado ao comércio, e definida por paredes resistentes e espessas, de alvenaria de pedra, taipa ou adobe, que constituem materiais e técnicas baratas e acessíveis

As Roças representam a criação de um espaço urbanizado, edificado e arquitectónico que derivou de um complexo desenho de estruturas de uma série de elementos do espaço colectivo e de conteúdos funcionais que servem para a exploração agrária. As roças tiveram grande impacto no país, pela sua implantação estratégica na paisagem, pela numerosa fixação de comunidades, vivendo dependentes do meio urbano atenuando as dificuldades que se se faziam sentir decorrente do isolamento insular, do clima tropical e da floresta local.

*“...as instalações roceiras permitiram de facto a primeira dotação destes territórios insulares com infraestruturas, habitação e equipamentos do tempo contemporâneo, sendo estes equipamentos sobretudo de tipo assistencial e escolar; tal dotação foi executada de um modo quase sistemático, ou pelo menos abrangente, em grande parte do espaço disponível e povoado, espreado um pouco por todo o arquipélago.”<sup>8</sup>*

O espaço principal de toda a roça é o seu terreiro. Todas as atividades que sucediam nas roças, nas múltiplas variações funcionais, tinham início neste espaço central e orientador, para onde convergiam produtos, mercadorias, padrões e serviços. Assumindo diferentes formas, mas maioritariamente de forma retangular, este espaço horizontal e aberto constitui o elemento agregador de todo o complexo, organizando as restantes estruturas. É no terreiro que se situa a casa da administração e a Sanzala, habitação dos trabalhadores, assim como outros elementos ligados à prática agrícola, os armazéns, estufas, secadores e, em algumas roças, o próprio terreiro fazia a função de secador de cacau ao ar livre.



Figura 76 – CASA COLONIAIS EM SÃO TOMÉ  
Fonte: <http://www.hpip.org/def/pt/Conteudos/Contextos/AfricaSubsaariana/GuineGolfoDaGuineSaoTomeEPrincipe/Imagens>



Figura 77- ORGANIZAÇÃO A VOLTA DO TERREIRO.  
Fonte: TENREIRO, Francisco, “A ilha de São Tomé” Estampa XLVII B

<sup>8</sup> FERNANDES, José Manuel. 2005. As Roças de São Tomé e Príncipe. Valor Urbanístico e Arquitectónico. *Arquitectura e urbanismo na África Portuguesa*, Casal de Cambra: Caleidoscópio. p.40-41

### III | ESTRATÉGIA DE PROJECTO

#### 3.1 | CASOS DE ESTUDO

O crescimento da cidade de São Tomé, insere-se num contexto próprio, tendo em comum às cidades de origem portuguesa, ou mesmo as cidades latinas em desenvolvimento, a dualidade no assentamento urbano e a ocupação do território. Os assentamentos informais surgem como redes orgânicas, com capacidade de regenerare se adaptar. São cidades onde cada habitante produz e adapta o o território conforme as suas necessidades. Nesta perspectiva, aborda-se a seguir dois casos de estudo que abordam formas de intervir, de forma a qualificar, regenerar os bairros de origem informa. Os programas de intervenção aqui abordados, inserem-se no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro e na cidade de São Paulo.

##### 3.1.1 Programa Favela Bairro | Rio de Janeiro | Brasil

A dimensão actual da favela na cidade do Rio de Janeiro é consequência de um processo que geraram essa forma de habitação, originados há mais de um século. Em consequência de uma crise habitacional agravada por uma série de crises políticas no século XIX, que geraram um défice de alojamentos para os soldados que foram autorizados a construir nos morros (colinas). Nos anos seguintes, já no século XX, as favelas foram crescendo e os morros foram ocupadas por construções, e já na década de 10 as favelas se firmam e consolidam na paisagem da cidade. desde então, as favelas no Rio de Janeiro tem vindo a multiplicar e a instalar-se em áreas anexas às zonas de classes mais altas.

As favelas são hoje objecto de intervenção do poder público tanto, tanto municipal, como estadual que realiza programas de urbanização. Entre os Projectos urbanos propostos que tiveram maior impacto tanto na mídia, e na opinião pública como nos debates sobre a cidade foram os projectos dos programas Rio Cidade e Favela-Bairro. O programa Rio Cidade foi iniciado em 1993, e tem como meta “o resgate das principais artérias da cidade através de intervenções urbanísticas voltadas para as melhorias sociais, económicas e culturais de cada bairro” (Amendola, 2002:188). Trata-se uma proposta de recuperação de vias e espaços públicos de relevância para a vida da cidade. Como exemplo de acções previstas no Rio-Cidade estão: a instlação de nova



Figura 78 - FAVELA SANTA MARIA ANTES E DEPOIS DA INTERVENÇÃO DO PROGRAMA FAVELA BAIRRO.

Fonte: <http://www0.rio.rj.gov.br>  
Consultada a 01/06/2015

rede de drenagem e esgoto, e conversão das redes de áreas em subterrâneas, requalificação dos espaços públicos, entre outros.

Em 1993, foi criado, na gestão do prefeito César Maia, o Grupo Executivo de Assentamentos Populares (GEAP) que elabora as bases da Política Habitacional” e recomendada a criação de um órgão para coordenação especificamente da questão da habitação no município. Em Dezembro do mesmo ano é criada a Secretaria Extraordinária de Habitação (SEH), posteriormente denominada de Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) e o seu corpo técnico, que irão compor a equipe do Programa Favela-Bairro. A política habitacional desenvolvida e implementada pela Secretaria de Municipal de Habitação propõe os seguintes programas habitacionais: Regularização de Loteamentos; Regularização Fundiária e Titulação; Novas Alternativas, Vilas e Cortiços; Morar sem Risco; Morar Carioca; Favela-Bairro; Bairrinho.

Nessa política, o programa Favela-Bairro tem como objectivo construir ou complementar a estrutura urbana principal – saneamento e “democratização de acessos- das favelas consolidadas e oferecer condições sociais e ambientais de transformação e integração da favela como bairro da cidade, visando atender as favelas de médio porte. O Programa passa a fazer parte do Plano Estratégico da cidade, devido à necessidade de actuação do estado na esfera social, e tem como objectivo a melhoria da qualidade de vida da cidade. O Programa passa então a ser objecto de dois modelos de planeamento urbano vigentes na cidade: o representado pelo Plano Director e o representados pelo Plano Estratégico.

O Plano Estratégico do Programa Favela Bairro tem como objectivo incorporar as áreas faveladas ao tecido urbanizado oferecendo condições ambientais de identificação da favela como bairro.

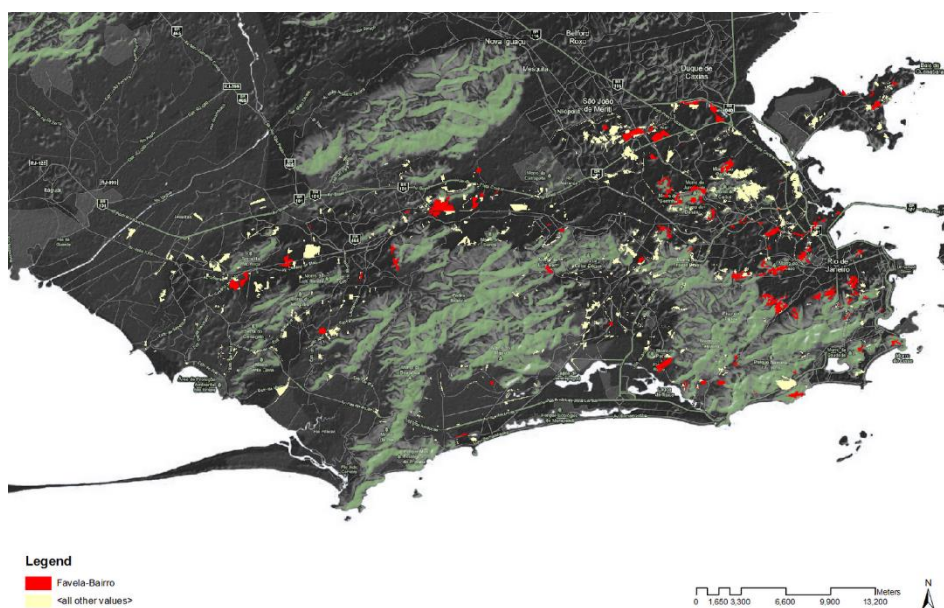


Figura 79 – FAVELA ALVO DA INTERVENÇÃO DO PROGRAMA FAVELA BAIRRO, RIO DE JANEIRO.

Fonte: <http://informalsettlements.blogspot.com>

*“Melhorar as condições de vida nas favelas através da implantação de serviços básicos (lazer, saúde, educação, água, esgoto, energia eléctrica, etc.) da requalificação de acessos e de regularização fundiária que permitam caracteriza-las como bairros” (Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro, 1995)*

Numa primeira abordagem aos projectos do Programa Favela-Bairro, nos permite observar, além da postura diferenciada do poder público diante das favelas dentro do planeamento urbano, se comparadas as gestões anteriores, a introdução dos conceitos dos projectos urbanos estratégicos para as cidades que se pretendem “globais” nos projectos de intervenção de favelas, agora colocadas como elementos estratégicos dentro de um plano para a cidade e que foram difundidos em áreas privilegiadas da cidade formal, eleitas para reproduzirem a imagem remetente ao desenvolvimento económico e tecnológico das cidades centrais no circuito das cidades globais.

Para além dos objectivos definidos, foram também previstos o enriquecimento das trocas sociais e o reforço de identidade própria das favelas, mantendo e valorizando sua complexidade espacial característica. Foi identificada a necessidade da criação de raízes nas comunidades através da



Figura 80 - JD. PRIMAVERA – VICENTE DE CARVALHO. ANTES E DEPOIS DO PROGRAMA FAVELA BAIRRO.

FONTE: <http://www0.rio.rj.gov.br>

introdução das melhorias nas casas e no bairro, valorizando a riqueza cultural mantida pela população – memória colectiva – e a identificação da imagem que os habitantes acreditam para a sociedade, bem como a imagem que a população deseja transmitir do lugar.

Na primeira etapa do Programa as principais intervenções foram: sistema de drenagem, saneamento básico, canalização de rios, sistema viário, arborização ou reflorestamento, iluminação pública, equipamentos comunitários, creche, praças e parques, realojamento de moradores, equipamentos desportivos, construção de passarelas, passeios, ou pontes, e geração de renda.

Foram várias as favelas alvo do programa Favela-Bairro. Para melhor compreensão as intervenções do programa, exemplifica-se a seguir dois casos: a favela Royal e a favela Vila Canoa.

#### Favela Parque-Royal - Programa Favela-Bairro | Rio de Janeiro

A Parque Royal localiza-se na Ilha do Governador, ao norte da cidade do Rio de Janeiro, no bairro do Português. Até os anos trinta, a maioria dos edifícios localizados na área eram para uso militar. Foi então construída a ponte que liga a ilha ao continente e à proximidade das principais linhas de comunicação da cidade: a Avenida Brasil, ferrovia e rodovia Linha Vermelha, que determinaram um rápido crescimento populacional. Já nos anos setenta a favela foi ocupada de forma precária em direcção à baía existente, e mais tarde foi feito um aterro sobre a baía com os restos do material utilizado na terraplanagem da pista do aeroporto Internacional do Galeão. Com a pressão populacional, cresceu assim um assentamento regularizado pela classe média e funcionários militares. A especulação imobiliária introduziu o regime do “cidades-jardim”. Esta configuração de cidade formal surgiu nas imediações da favela original, cujas palafitas de madeira, levantadas sobre as margens da baía Guanabara.



Figura 81 – RELAÇÃO COM DAFAVELACOM A ÁGUA

FONTE:

<https://favelissues.com/2010/04/24/parque-royal-favela-bairros-dimming-star/>

A favela *Parque-Royal* localiza-se à margens da Baía de Guanabara, pelo que o controlo da sua expansão sobre o mar foi colocado como fundamental para a promoção e integração à cidade. No início o Parque Royal foi referência do Programa Favela Bairro. Como uma exceção à maioria das favelas no Rio, o Parque Royal está localizado em terra plana, com acesso direto à água. Com uma estrutura da favela compacta com limites bem definidas pela estrada de acesso, dois canais e os a orla da baía de Guanabara.

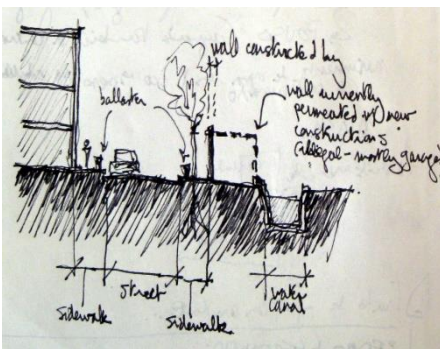
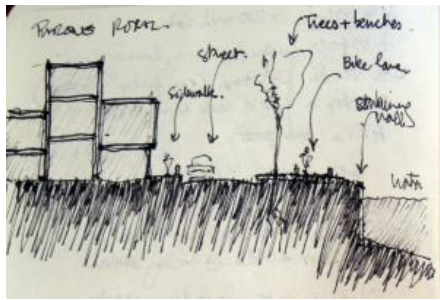


Figura 83 – SECÇÃO ADJACENTE À BAÍA

FONTE:

<https://favelissues.com/2010/04/24/parque-royal-favela-bairros-dimming-star/>



Figura 82 – LOCALIZAÇÃO DO PARQUE ROYALE A SUA ENVOLVENTE.

FONTE: O Programa Favela Bairro: Dois Casos de Estudo. Luiz de Souza Pereira. 2008

O projecto estabelece dois eixos no plano urbano: uma ao longo da estrada de acesso e outro na direcção perpendicular, integrando a avenida com a costa da Baía, que beneficiou paisagisticamente com a eliminação das palafitas (sistemas contrutivo com estacas de madeira sobre a água), e com a construção de uma ciclovia, o que estabeleceu um limite definitivo para o avanço da favela sobre a Baía, como se pode ver na figura 83. Ao longo da estrada de acesso pode-se notas algumas intervenções como: a construção do centro multiusos e formação profissional – com campo de golfe e de futebol -, edifícios residenciais com espaços comerciais no piso térreo – destinado a realojamento das pessoas que viviam em palafitas, jardim de infância e o centro desportivo Royal Park.

No eixo interno, situado ao longo da rua principal que liga a avenida com a baía, o centro comunitário e o centro de saúde, em frente às novas praças, que definem espaços comunitários para actividades recreativas, desporto e locais de comércio local. Até então os espaços com condições privilegiadas de moradias estavam mais próximas da estrada de acesso, enquanto que as casas mais pobres eram construídas sobre palafitas ao longo da baía. Com a introdução da ciclovia, surgiu um novo cenário na paisagem à beira-mar, com funções sociais – lojas, bares, restaurantes – e a nova utilização como área de recreação, que viria a ser uma área de mudança significativa na estrutura urbana de Parque Royal.

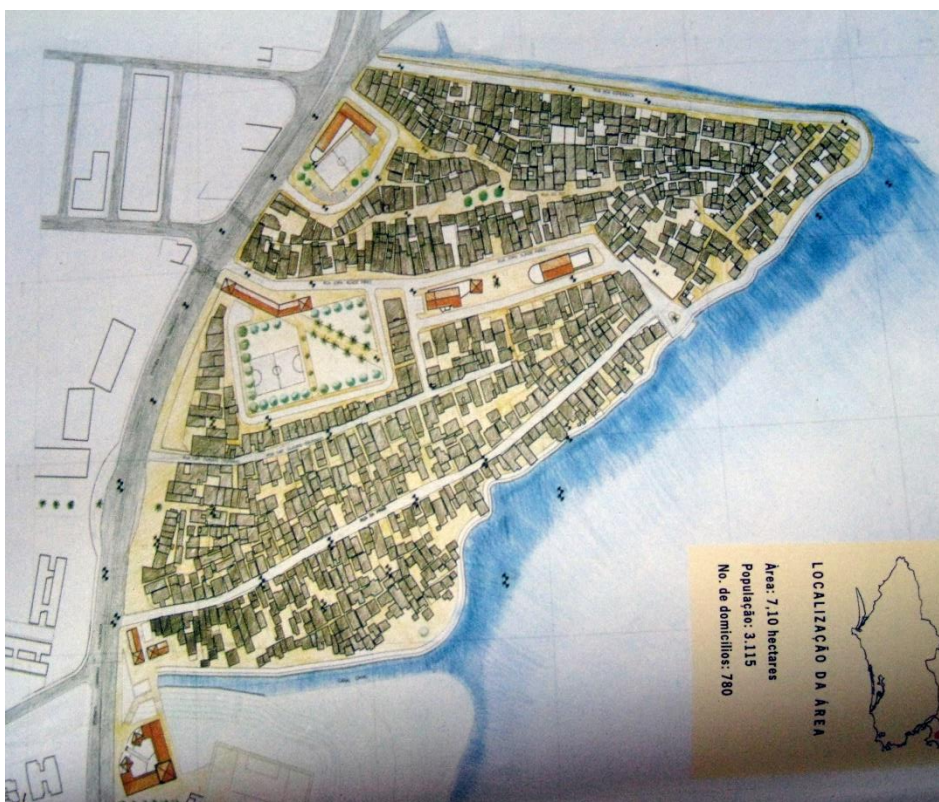


Figura 84 – PLANO DA INTERVENÇÃO DO PROGRAMA FAVELA BAIRRO NO PARQUE-ROYAL

FONTE: <https://favelissues.com/2010/04/24/parque-royal-favela-bairros-dimming-star/>

As novas infraestruturas e serviços públicos – rede telefónica e de internet, colecta de lixo, etc – e os novos equipamentos sociais configuram o desenvolvimento social e económico mais dinâmico da favela.

### 3.1.2 Programa Mananciais | Cantinho do Céu, São Paulo | Brasil

Para além do Programa Favela Bairro, existem outros programas de reabilitação e qualificação dos bairros, favelas e zonas degradadas. É apresentado a seguir o Complexo Cantinho do Céu que foi alvo do Programa Mananciais, com principais intervenções a nível do espaço público.



*Figura 85 – VISTA PARA A FAVELA CANTINHO DO CEU – CIDADE DE SÃO PAULO*  
Fonte: [www.archidaily.com.br](http://www.archidaily.com.br)

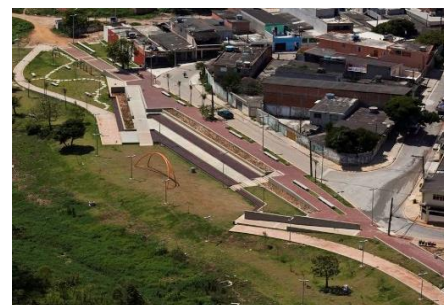
O Complexo do Caminho do Céu localiza-se no extremo sul da cidade de São Paulo, no distrito de Grajaú. A proposta de intervenção insere-se na política de reabilitação urbanística e ambiental de uma área de ocupação irregular orientada pela Prefeitura Municipal de São Paulo pelo Programa Mananciais. O complexo do Cantinho do Céu teve prioridade na implementação do Programa devido à despejo, levado a cabo pelo Ministério Público em 2005, das famílias que ali residiam ilegalmente, pois tratava-se uma Área de Preservação Permanente (APP). O projeto de urbanização de favela surge, deste modo, como alternativa a uma ação civil pública que determina a desocupação da área e visa a qualificação do Cantinho do Céu e a sua integração na cidade formal.

O complexo Cantinho do Céu é composto essencialmente por moradias em alvenaria, ocupadas por famílias de baixa renda e apresenta dois tipos de consolidação urbana: a) o parcelamento irregular; b) a ocupação ilegal típica de favela.

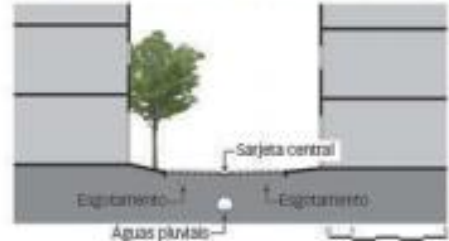
O processo de urbanização do Cantinho do Céu teve o seu primeiro momento marcante ainda me 1997, com o estabelecimento do Plano Emergencial, que permitiu aos órgãos públicos a implantação de ações de saneamento básico. Em sequência, o Ministério Público exigiu aos poderes públicos a regularização da área do Cantinho do Céu segundo a legislação vigente que determinava a desocupação das margens da represa e das área com declive superior a 30%. A iniciativa destaca-se também pela sua aposta no envolvimento dos moradores nas decisões projetuais, incentivando a discussão entre profissionais e a comunidade.

O projecto de urbanização do Programa Mananciais teve início em 2008, e ficou concluído em 2012, beneficiando cerca de onze mil famílias. Dos arquitectos Boldarini Arquitectura e Urbanismo, teve a colaboração de vários outros arquitectos.

O projecto teve como principais princípios a preservação do da vida dos habitantes, mediante melhorias e ajustes das situações de risco que foram previamente identificadas; a integração urbanística das novas intervenções com o tecido urbano existente; a complementação e adequação da infraestrutura urbana, com melhorias sanitárias, ambientais e de mobilidade e toda área; abranger toda a comunidade ao acesso às infraestruturas e aos serviços urbanos e a construção de equipamentos comunitários bem como áreas de lazer e desporto; gerar condições necessárias para a regularização fundiária do parcelamento do solo; aproximar a população da água.



*Figura 86 – INTREVENÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO NO COMPLEXO DO CANTINHO DO CÉU.*  
Fonte: [www.archidaily.com.br](http://www.archidaily.com.br)



Para as ruas menores foi desenhada sessão diferenciada com escoamento da água pelo centro

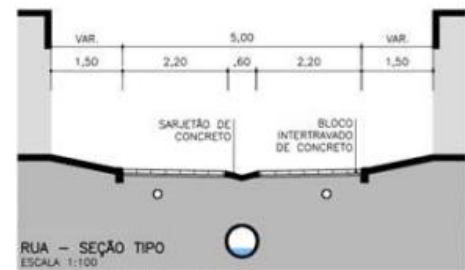


Figura 88 – SOLUÇÕES PARA A DRENAGEM DE ÁGUA E ESGOTOS.

Fonte: www.archidaily.com.br



Figura 88 – PARQUE CANTINHO DO CÉU

Fonte: www.archidaily.com.br

Para além da infraestruturação da rede de água e esgotos, drenagem e pavimentação, o projecto prevê ainda a construção um parque linear com 7 km de extensão, com quadras desportivas (volei, futebol de areia e relva sintética, ginásios ao ar livre, parque infantil, pista de skate, praça, estacionamento e três decks de madeira, sendo uma flutuante.

Uma vez que a lei ambiental exigia uma extensão livre na beira dos córregos e das represas entre 15 a 50 metros para cada lado, optou-se por variar a área livre ao longo da represa em vez de fixar uma distância constante. Assim, mantiveram-se algumas áreas mais preservadas das margens da represa Billings, nos casos em que não havia habitações em risco geotécnico e de acordo com a lei, que acabaram por compensar outras no qual os 50 metros de área livre implicou um elevado número de remoções de moradias. Ou seja, os habitantes que moravam em casas que se situavam em áreas de risco foram realojados.

O projecto tem com premissa revelar a importância do espaço público e colectivo para a população residente, transformando-o assim num instrumento para a qualificação do bairro. As acções ocorrem de forma simultânea, ditada pelo eixo de criação dos espaços públicos.

Foram considerados três pontos estratégicos a focar e melhorar: os problemas de drenagem, a mobilidade e o espaço público. Para a mobilidade foram feitas as seguintes intervenções: as ruas foram configuradas de acordo com a sua relevância dentro do tecido e pelo tráfego, diferenciadas pelo meterias do pavimento. As áreas livres actuam como um sistema de áreas verdes, associado ao uso recreativo e de lazer, para preservação da margem, com a manutenção e reconstituição de espécies vegetais nativas. O projecto do



Figura 89 – PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DO PROJECTO DINERIDO DO PROGRAMA MANANCIAL – BOLDARINI ARQUITETURA E URBANISMO.

FONTE: Iniciativas Inspiradoras – Parque Cantinho do Céu.

parque depara-se com faces cegas das edificações, as quais foram destacadas como painéis de cores e ritmos integrados ao parque, compondo a paisagem com o ambiente natural e construído.



*Figura 90 – PROJECTO CANTINHO DO CÉU, SÃO PAULO.*  
Fonte: [www.archidaily.com.br](http://www.archidaily.com.br)

### 3.2 | CONTEXTUALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO

O presente tema direcciona o olhar para um novo processo de desenhar sobre a cidade, ou de construir no construído. Intervir na cidade de São Tomé constitui um desafio, e uma oportunidade de explorar contextos diferentes, estruturas sociais, materialidades e sistemas estruturais diferentes, devendo-se ter em conta o contexto histórico e social, o modo de habitar o espaço, e a malha urbana estruturante dicotómica: formal e informal.

A área de intervenção insere-se no bairro do Riboque, que assume-se como uma zona de charneira da malha urbana, actuando entre a malha formal de origem colonial portuguesa, e a malha informal, de bairros clandestinos que envolvem a cidade. O sítio, cujas fragilidades assentam no conflito entre o tecido flexível e dinâmico e o tecido orgânico e caótico, que resulta numa malha espontânea, anunciando realidades distintas da cidade.

A vulnerabilidade inerente ao espaço urbano de São Tomé, mais especificamente do bairro do Riboque, surge da necessidade de construir habitação por parte da população mais pobre, com os materiais oferecidos pelo mato santomense. O crescimento espontâneo e desordeiro da população, teve consequência na organização urbana, associada à incapacidade de resposta do governo e na planificação urbana. A degradação das infraestruturas existentes, sobretudo a falta de manutenção, e em alguns casos a sua má execução, a inexistência de rede de esgotos, com frequentes cheias e inundações das vias públicas devido à obstrução e funcionamento deficiente da rede de drenagem.

Desde a primeira análise do lugar, é necessário considerar as relações entre a cidade, a urbanidade e o espaço público, e a forma na qual cada edificação, como parte de um todo assume a sua parte da responsabilidade urbana. (Jauregui, 2012). Considerando o “*magma formal e o informal*”, o objectivo deve ser articular os aspectos físicos, sociais, ecológicos, e de segurança dos habitantes com as “*próprias problemáticas do sujeito contemporâneo.*”

O desafio existente na intervenção no bairro do Riboque reside em parte, na leitura e compreensão da realidade informal presente na cidade de São Tomé, para intervir na área proposta, sem a substituir mas sim, potenciar as vivências e o modo de habitar das suas gentes, devolvendo o equilíbrio urbano.

A estratégia de intervenção procura desenvolver uma proposta que, além de redesenhar, reestrutura uma área desprezada no tecido urbano, com fragilidades por solucionar, de modo a aumentar a qualidade de vida urbana, apostando na integração social.

As principais acções para integrar as áreas do bairro no tecido urbano da cidade formal são:

- Estabelecer uma continuidade espacial e formal com o tecido formal através de sistema de espaços públicos;
- Propor um modelo de habitação alternativo ao existente que se reflita o sentido do “tipo”;

Neste sentido, as várias abordagens, análises, referências e casos de estudo até agora efectuadas e expostas, foram fundamentais para a definição de um conjunto de princípios projectuais, para os quais a intervenção procurará responder.

### 3.3 | CRITÉRIOS PARA O REDESENHO URBANO

A teorização feita por Aldo Rossi em *A Arquitectura da Cidade*, em que estuda a cidade como um “*objecto*” criado pelo homem, complexo e que cresce ao longo do tempo, caracterizado pela sua história, destaca ainda os artefactos urbanos, os monumentos como peças importantes na construção e leitura urbana. As praças, teatros, escolas, museus, espaços de convívio e troca de experiências, de interacção, de utilização e criação de memória, espaços em que cada um é, simultaneamente, aprendiz e construtor da memória urbana.

Já Kevin Lynch em *A Imagem da Cidade* identifica cinco elementos físicos da imagem urbana inerentes a qualquer cidade, que é a “*sobreposição de imagens de muitos indivíduos*”, pois nada é experimentado individualmente, mas sim, em conjunto, que cria uma imagem pública mais ou menos aceite: as vias, os limites, os bairros, os cruzamentos e os elementos marcantes. Cada cidadão tem determinadas associações com partes da cidade, e a imagem que ele faz delas está absorvido em memórias e significados. Essa percepção é feita aos poucos, á que é impossível apreender toda a cidade de uma vez, portanto o tempo é um elemento essencial. O autor refere aos

ELEMENTOS DA IMAGEM  
URBANA



Figura 91 – VIAS

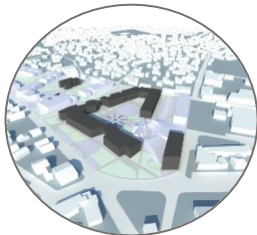


Figura 92 – PONTOS MARCANTE

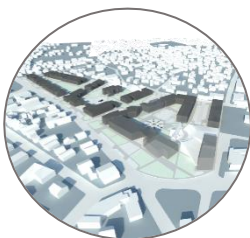


Figura 93 - BAIRRO

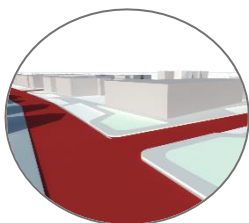


Figura 94 - CRUZAMENTO

factores de influência da imagem, e dá como exemplo o significado social de uma área, a sua função, a sua história e mesmo o seu nome.

**Via** (figuras: *“são os canais ao longo dos quais o observador se move, usual, ocasional ou potencialmente. Podem ser ruas, passeios, linhas de trânsito, canais, caminhos de ferro.”* (Lynch, 1960:58)

**Limites:** *“são as fronteiras entre duas partes, interrupções lineares na continuidade, costas marítimas ou fluviais, cortes do caminho de ferro, paredes, locais de desenvolvimento.”* (...) *“Embora não tão importantes como as vias, são, para muitos, uma relevante característica organizadora, particularmente quando se trata de manter unidas áreas diversas, como acontece no delinear de uma cidade por uma parede ou por água”.*

**Bairros:** são regiões urbanas de tamanho médio ou grande, concebidos como tendo uma extensão bidimensional, regiões essas em que o observador penetra mentalmente e que reconhece como tendo algo de comum ou identificável.

**Cruzamentos:** *“são pontos, locais estratégicos de uma cidade, através dos quais o observador nela pode entrar e constituem intensivos focos para os quais ele se desloca. Podem ser essencialmente interrupção num transporte, um entrecruzar ou convergir de vias, momentos de mudança de uma estrutura para outra. (...)”*

**Pontos marcante:** *“são outro tipo de refências, mas neste caso, o observador não está dentro deles, pois são externos. São representados por um objecto físico (...): edifício, sinal, loja ou montanha”* (Lynch, 1960:59). Podem ser de diversas escalas, tais como torres, domos, edifícios, esculturas, etc. Distingue-se pela sua singularidade, algum aspecto que é único ou memorável no seu contexto. Podem ser alcançados, visto a partir de muitos lugares, ou estabelecendo um contraste local com os elementos mais próximos.

## Princípio para o redesenho – a desfragmentação

Partindo do princípio que a cidade é composta por vários assentamentos ao longo do tempo, a concentração de vários fragmentos da cidade, que compõe o informal que se opõe ao tecido formal assume a essência intrínseca da intervenção em São Tomé.

Esta realidade está nas principais diretrizes do presente trabalho, que procura dar resposta à questão de como correlacionar os diferentes tempos de crescimento do tecido urbano, e o que deve ou não ser preservado. Antes de se avançar para o conceito de “desfragmentação” como princípio para o redesenho, vale situar fragmentação social e urbana como uma realidade transversal às cidades do séc. XXI e como é evidente, esta fragmentação apresenta diferenças segundo o país inserido.

O sistema urbano proposto assenta em alguns elementos primários (Figuras 101, 102 e 103) para o redesenho do bairro do Riboque: as vias, que complementam e fazem a relação com a envolvente; as praças e espaços verdes, que organizam os espaços públicos e a vida social; e os equipamentos públicos que promovem uma nova centralidade da cidade.

Partindo do conceito de fragmentação urbana, que pode ser interpretada em diferentes parâmetros: espacial – descontinuidades e urbanas – social, económica, cultural, e política, onde a incorência ocorrida ao longo da ocupação do território acontece em diferentes escala: a uma escala global, ou à escala local, de rua, de bairro, proveniente de uma descontinuidade e falta de identidade dos espaços. O desenvolvimento de infraestruturas, a extensão das cidades, a presença de diferentes grupos sociais e étnicos e a sua segregação urbana marcada de diversas formas, originando espaços sem identidade, com uma ausência de significado marcada na malha urbana são composições urbana que reforçam a cidade fragmentada. A cidade informal, a periferia degradada, sem as condições básicas de saneamento, sem espaços públicos de qualidade, sem infraestruturas, ou equipamentos publicos promotores da cultura e do lazer, estas zonas ficam marcadas como manchas no tecido urbano, se opõe ao centro consolidado, infraestruturado. A necessidade de pensar a articulação do dividido, partido ou fragmentado apresenta exigências comuns quanto à abordagem metodológica para trabalhar situações de complexidade. Mas como se fixa a identidade numa comunidade? Quais os mecanismos através dos quais o redesenho urbano ressignificam a qualidade

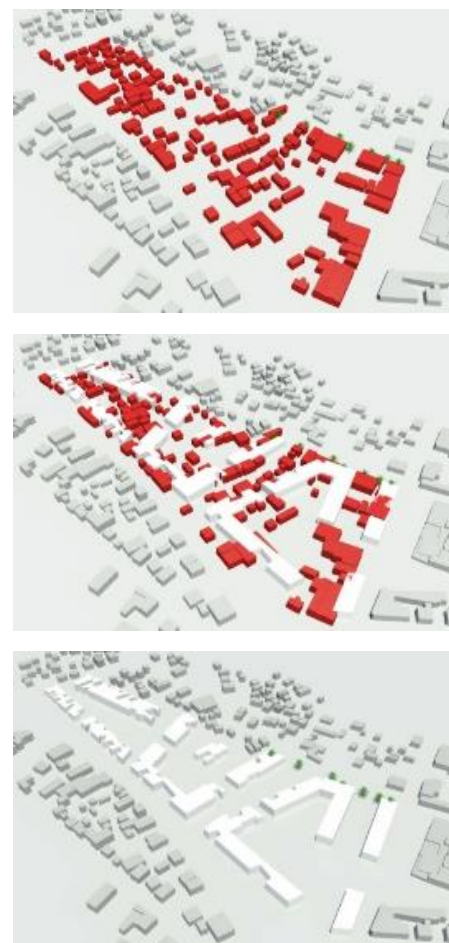


Figura 95 - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO URBANA NO PROCESSO DE DESFRAGMENTAÇÃO

urbana, através de equipamentos identitários de preservação cultural e social, e produtor de valor urbano?

Esta segregação e a fragmentação sócio-urbanística que caracteriza as cidades contemporâneas, assumem contornos específicos nos casos das cidades dos PALOP's<sup>9</sup>, marcado pelo passado recente colonial. Obrigam, por isso, um olhar mais estratégico e global, que aborde a cidade como um todo, “*mas que esteja atento à estrutura de cada lugar, às especificidades locais e aspirações sociais.*” (Morais e Raposo, 2005:91)

Neste exercício é proposto uma relação entre o resultado do redesenho sobre o fragmentado com o estilo desconstrutivista.

O desconstrutivismo é uma filosofia e linguagem arquitectónica pós modernista, caracterizado pelo desenvolvimento de traços não lineares e fragmentados, que recusa as formas geométricas básicas e o traço contínuo, apresentando geometrias complexas, distorcidas e sobrepostas que surgem ao distorcer e deslocar alguns dos princípios elementares da arquitetura, como a estrutura, as paredes, o piso, a cobertura e as aberturas do edifício. A filosofia da escola Desconstrutivista deu-se pela influência do filósofo francês Jacques Derrida e o arquitecto Peter Eisenman. Ambos elaboraram o conceito de que a arquitetura é uma linguagem que elucida uma mensagem através da sua estética. E toda obra de desconstrução requer um modelo de construção, como referência. Uma das influências deste estilo é o Construtivismo Russo, termo este que prega a utilização de formas puras e geométricas, já o desconstrutivismo com significado antagónico, rege o lema da transformação e desconstrução. Por fim, a arquitetura desconstrutivista tem o intuito de libertar da geometria ideal, e “*dos cânones construtivos do racionalismo e funcionalismo modernos, tais como a pureza da forma, a verdade dos materiais, ou a forma segue a função.*”

Peter Eisenman, na sua linguagem desconstrutivista acredita que o locus, ou o lugar da presença, é arquitetura, e a dialética da presença ou ausência do sólido e do vazio é encontrada na construção e na desconstrução. A sua arquitectura desconstrutivista é caracterizada pelo uso de formas



Figura 96 - NUNOTANI OFFICE BUILDING - PETER EISENMAN  
FONTE: <http://www.eisenmanarchitects.com/>

---

<sup>9</sup> Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

geométricas e orgânicas que se cruzam entre planos e estruturas, onde vigas, perfis e superfícies podem ser rebatidos e cortados.

Outro exemplo desta corrente é o arquitecto Daniel Libeskind, que ao projetar o Museu Judaico de Berlim (figura 98) lidou com os aspectos emocionais de modo a dar identidade ao seu projeto. Podia ser directo e fazer alusão à cultura judaica colocando estrelas de Davi ou signos marcantes e representativos da cultura, no entanto, o arquitecto opta por desconstruir a estrela (figura 97) de modo que o edifício não demonstra explicitamente seu propósito, podendo, ou não, evidenciar o sofrimento daquele povo durante o holocausto. Mas ao se deparar com a obra, a primeira tentativa de compreender o mesmo causa indagação e incita a curiosidade.

O domínio das regras geométricas dos espaços arquitectónicos no século XXI, é o mote para o surgimento do conceito da desfragmentação enquanto, elemento primordial do redesenho do tecido informal urbano. Tendo como finalidade o respeito pelas geometria elementar e articulando-se com a relação dos novos volumes e com a pré-existênci.

Numa linguagem desconstrutivista ou orgânica, a intervenção em São Tomé passa por uma forte relação com a forma da pré-existência. Parte portanto da forma construída, e na sua subtrccção, deixa o vazio, constrói-se o espaço como referência ou memória. Pode-se inferir então que, a partir do que é fragmentado, procura-se desfragmentar, reconfigurar e reinterpretar o Bairro do Riboque, fazendo alusão à pré-existência.

O redesenho do bairro do Riboque assenta em dois pricipios fundamentais do processo de “*desfragmentação urbana*”:

- O primeiro princípio consiste no respeito pela relações estabelecidas, com base na manutenção dos principais meios de ligação entre a cidade formal e a cidade informal. Neste sentido as vias principais de circulação pedonal e automóvel, devem ser preservadas assim como os edifícios marcantes no território. Estas ligações assumem no territorio um caracter de exepção, marcadas com caminhos orgânicos e espontâneos, ficando gravados nos espaço/tempo da memória colectiva.
- O segundo princípio pretende reintrepetar as novas relações espaciais resultantes do legado, deixado pelo vazio criado, pela



Figura 97 – MUSEU JUDAICO DE BERLIM  
Fonte: [www.libeskind.com](http://www.libeskind.com)

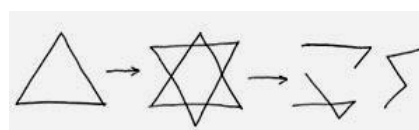


Figura 98 – CROQUI FEITO PELO ARQUITECTO COM A EXPLICAÇÃO DOS ACESSOS, DA VOLUMETRIA E O CONCEITO DO PROJECTO. ESBOÇO EXEMPLIFICATIVO DA ESTRELA DE DAVI.  
Fonte: [setepecadosimortais.blogspot.com/](http://setepecadosimortais.blogspot.com/)

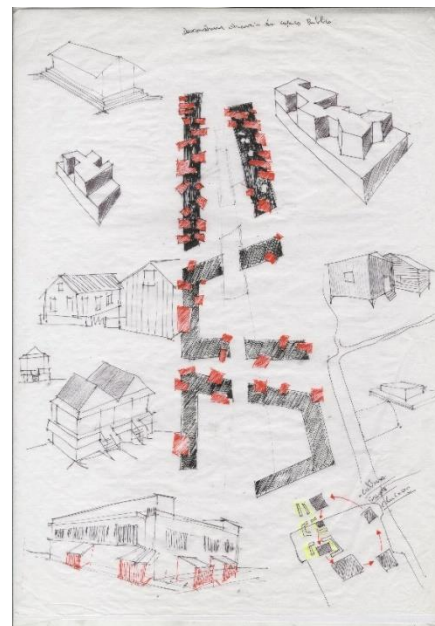


Figura 99 – ESQUIÇOS DO AUTOR SOBRE A DESFRAGMENTAÇÃO APLICADA NO PLANO URBANO

subtração da memória espacial dos edifícios antigos nos novos volumes edificados. Os edifícios que são subtraídos no tecido, deixam em nós uma sensação de perda e desordem espacial. Porque a leitura do espaço é feita à semelhança do que acontece com os cegos. A nossa mente procura pontos de referências resultantes da memória. Este processo de criação de novos modos de desenhar os tecidos urbanos informais, permite, criar novas praças, pátios, espaços verdes, estabelecendo uma relação com a pré-existência.

Como forma de co-relacionar estas duas realidades, propõe-se o redesenho do tecido urbano segundo o conceito da desfragmentação, que consiste na reorganização dos espaços públicos, das habitações, dos espaços verdes e dos equipamentos públicos, a partir da *memória urbana*, ou do pré existente.

## IV | O REDESENHO DO TECIDO URBANO DE SÃO TOMÉ

### 4.1 | ESTRATÉGIA PROGRAMÁTICA

#### 4.1.1 O Plano Urbano

O redesenho da malha urbana é proposta a partir de uma lógica de subtração da pré-existência sobre os novos volumes. Esta sobreposição é a metáfora da memória do lugar informal. A relação de oposição do existente à proposta é feita pela conexão das vias principais e secundárias, que formam praças, pequenos jardins e passeios.

Os pressupostos de intervenção têm como objectivo consolidar o quarteirão que configura o bairro, com um conjunto de edificado que possibilite a criação de espaços intrínsecos com carácter público e semipúblico. Pretende-se simultaneamente a criação de um bairro dinâmico que configure uma realidade urbana, articule os tecidos formais e informais adjacentes ao terreno.

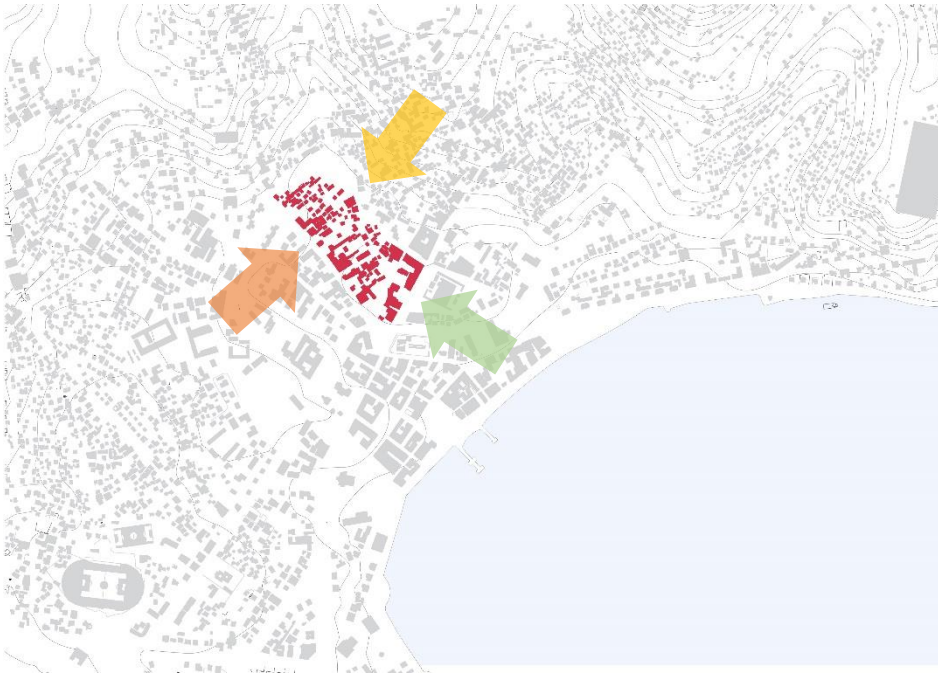


Figura 100 – ÁREAS DE INFLUÊNCIA NA INTERVENÇÃO NO BAIRRO DO RIBOQUE

A proposta consiste na segmentação do terreno em 3 pontos: habitação, numa zona mais próxima da área informal, a zona de lazer como área central e de união com a zona de trabalho que está mais próxima da zona de mercados existente. Propõem-se um conjunto de equipamentos públicos distribuídos pelo território a partir de uma lógica urbana que potencializa a compreensão do espírito do lugar, assim como uma reflexão sobre a estratégia para a sua intervenção num quadro de referências culturais e de distintas reflexões teóricas significantes e de casos paradigmáticos.

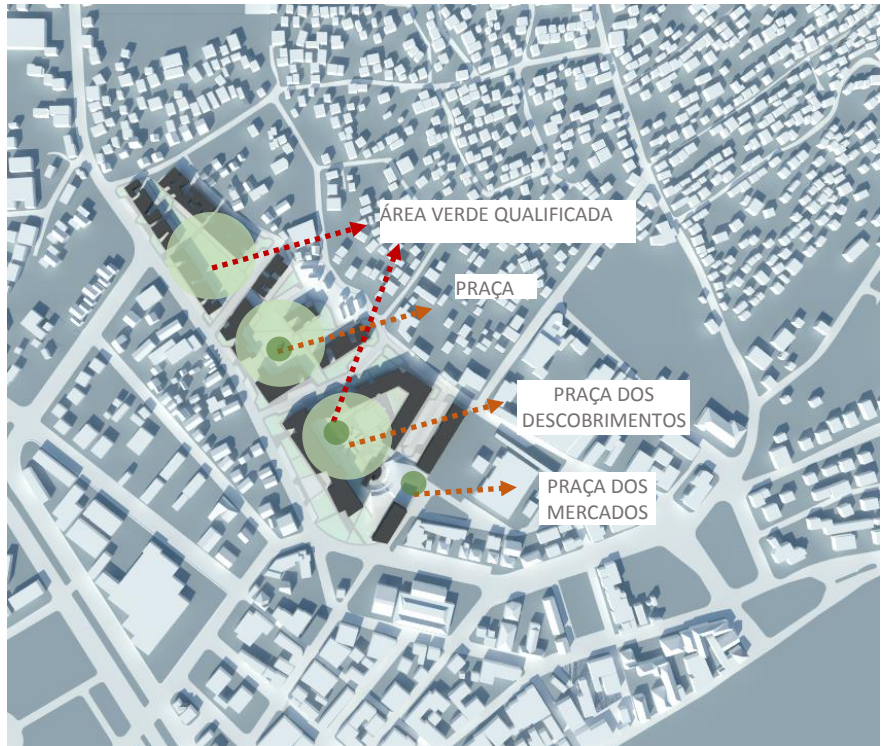


Figura 101 - ELEMENTOS PRIMARIOS DO SISTEMA URBANO PROPOSTO – ESPAÇOS PÚBLICOS

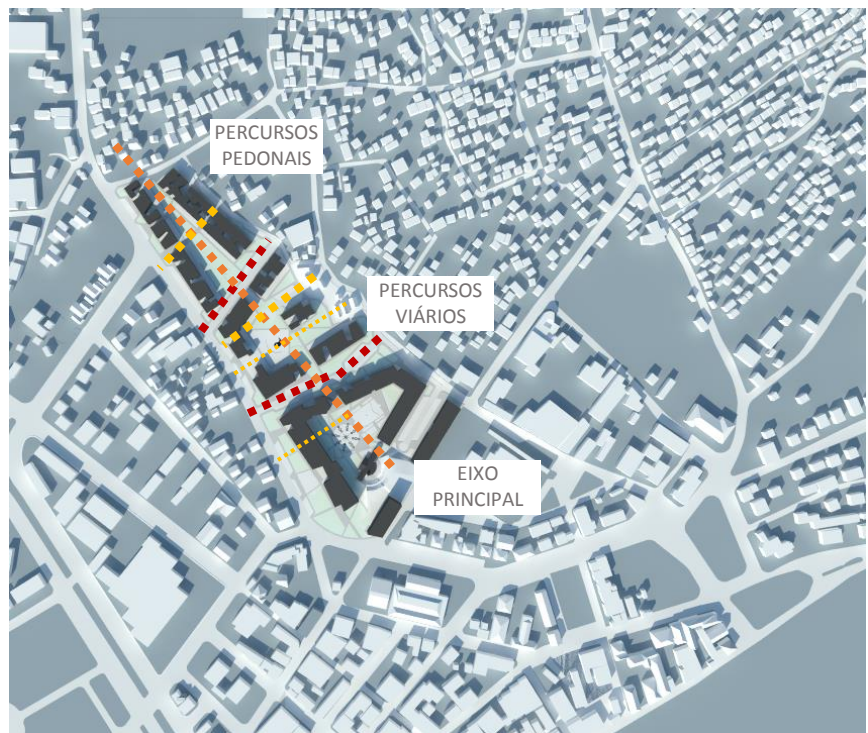


Figura 102 - ELEMENTOS PRIMARIOS DO SISTEMA URBANO PROPOSTO - VIAS

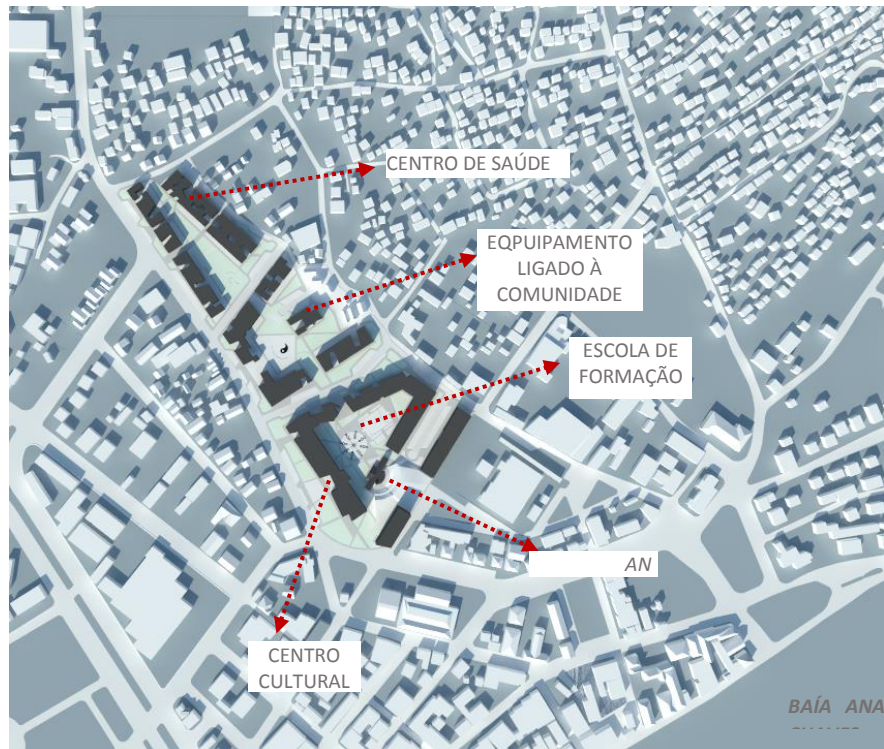


Figura 103 - ELEMENTOS PRIMARIOS DO SISTEMA URBANO PROPOSTO - EQUIPAMENTOS

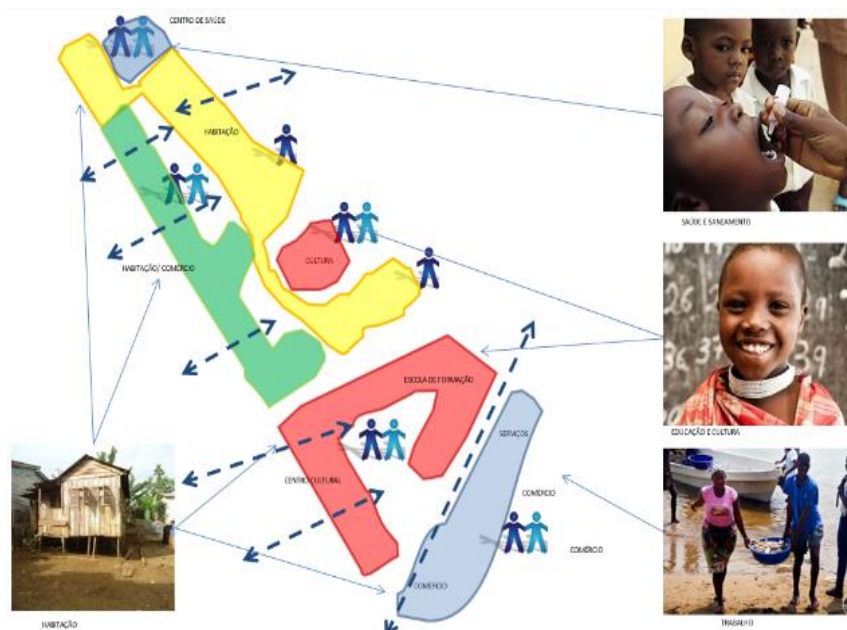


Figura 104 – DIAGRAMA DO PLANO URBANO



Figura 105 - LOTEAMENTO DO PLANO URBANO

#### 4.1.2 O Centro Cultural

Procurando dar um contributo no crescimento e desenvolvimento A São Tomé e Príncipe, aposta-se na proposta de um equipamento propotor do turismo e da cultura santomense. Como já foi referido anteriormente, São Tomé e Príncipe tem conquistado uma maior visibilidade pela qualidade e riqueza patrimonial paisagística e cultural, ao qual se associa o turismo como alavanca de desenvolvimento do país. É portanto, justificada a intervenção,

pela necessidade de uma aposta na promoção cultural e turística, reordenando e recreando uma nova centralidade cultural na cidade.

A intenção é, neste projecto, promover a cultura e os costumes de São Tomé bem como propor um um espaço de expressão, de recreação e de educação. A proposta apresentada teve como base o processo da desfragmentação, anteriormente exposto. É o resultado do subtração da pré-existência, conferindo ao edifício um carácter único. A procura de uma elementaridade funcional e estrutural que contrariasse a complexidade de um edifício com estas características, ao mesmo tempo que procura introduzir na paisagem um carácter iconográfico de sentido público.

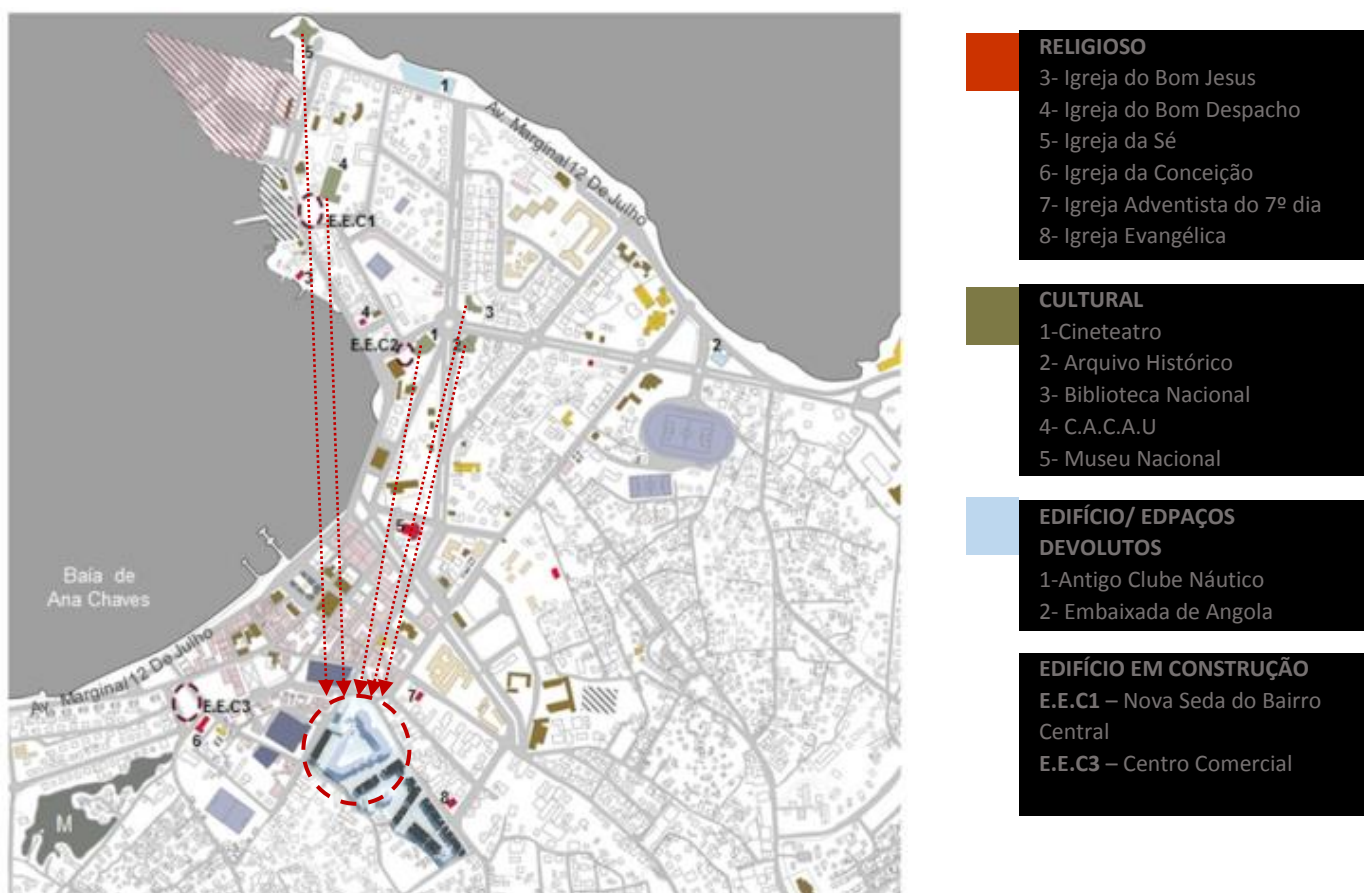





Figura 106 – INDICAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS E A SUA RELAÇÃO COM O CENTRO CULTURAL PROPOSTO  
Fonte: Levantamento e análise de São Tomé do alunos da turma A, 2016/2017



Figura 107 – PISO INFERIOR DO CENTRO CULTURAL



Figura 108 – PISO SUPERIOR DO CENTRO CULTURAL

	ZONAS HÚMIDAS
	ZONA BIBLIOTECA
	ZONA AUDITÓRIO
	ZONA DE EXPOSIÇÃO
	ZONA TECNICA
	ZONA POLIVALENTE
	ZONA DE RESTAURAÇÃO
	ZONA DE SERVIÇO

O centro cultural surge como elemento aglutinador das tensões, e dinâmicas sociais presentes no bairro do Riboque, marcado pela articulação entre os cheios e vazios num ritmo próprio com o território marcado pela forte presença comercial dos mercados da envolvente. O projecto vem como complementaridade à casa de artes C.A.C.A.U. (Casa das Artes Criação Ambiente Utopias) e os demais equipamentos culturais e sociais já existente na cidade de São Tomé (figura 92), trazendo novas valências e assumindo-se como uma nova centralidade cultural visando responder à crescente procura e interesse cultural que São Tomé tem vindo a ter.

Podendo ser dividido em três momentos importantes da sociedade são-tomense, onde o corpo do museu faz a continuidade com a memória coletiva do país, a biblioteca continua com a memória mas abre novos horizontes através do conhecimento que disponibiliza e por último o auditório que surge como lugar de apresentação de novos trabalhos. Assim, o edifício físico, abarca os três marcos do meio urbano teórico, o passado, o presente e o futuro.

Quanto ao programa edificatório, o Centro Cultural é composto por um museu, uma biblioteca, um auditório, um restaurante, um café e salas polivalentes, e demais zonas técnicas. A diversificação programática que permita novas oportunidades de vivência do espaço é um ponto importante a ser considerado. A concepção projectual leva a questões e desafios: desenvolver uma estratégia de espaço público sem perder o carácter de lugar e a vivência próprias dos santomenses.

A abordagem ao edifício é feita através de uma pequena praça elevada, localizada a uma cota superior a das ruas circundantes, e que serve a entrada principal do equipamento. No centro da praça esta localizada a rampa de acesso ao piso 1 onde o foyer foi concebido como elemento central do edifício, a partir e em volta do qual todos os espaços se relacionam entre si. A partir daqui, o futuro visitante do centro cultural pode visitar todas as atividades programáticas do gabinete.

Neste piso, e de um dos lados do foyer, localizar-se a entrada da biblioteca e do outro lado a entrada para o auditório, e por espaços de apoio, como o bengaleiro e cafetaria.

O auditório, com capacidade para 324 pessoas sentadas, foi idealizado para permitir acolher apresentações de grupo recreativos locais, a cinema, espetáculos de música, dança ou itinerante de teatro. A sala desenvolve-se em degraus, com 30% de inclinação até ao palco, onde se localizam duas saídas

de emergência. A configuração do tecto da sala, em três níveis diferentes, deve-se aos requisitos acústicos colocados na sua concepção.

A sala é ainda dotada, no nível do piso inferior, através do palco, de uma zona de preparação de cena, com camarins para os artistas e respectivos vestiários.

AMBIENTES	AREA m2	AMBIENTES	ÁREAS m2
<b>AUDITÓRIO</b>		<b>BIBLIOTECA</b>	
Sala de plateia	326,68 m2	Hall de entrada	59,33 m2
Instalações sanitarias	29,81 m2	Sala de leitura	42,30 m2
Bilheteira	14,26 m2	Sala leitura/trabalhos	40 m2
Sala de controlo	16,48 m2	Zona de estante de livros	82 m2
Camarins	47,39 m2	Sala de apresentação de livros	58,55 m2
Hall de entrada	30,85 m2	Instalação sanitária	39,07 m2
Area tecnica	33,33 m2	Arrumos	3,10 m2
Palco	135,33 m2	Sala reservado 1	15,48 m2
Salas polivalentes	30,85 m2	Sala reservado 2	15,49 m2
Salas polivalente 1	27,75 m2	Oficina de reparação de livros	26,75m2
Area técnica	2,78 m2	Balneários masculinos	30,08 m2
Instalação sanitária	2,84 m2	Balneários femininos	29,23 m2
Salas polivalente 2	27,20 m2	Balneários externos	17,83 m2
Area tecnica	2,81 m2	Sala de estar externo	10,83 m2
Instalação sanitária	2,84 m2	Hall de entrada 2	23,31 m2
Salas polivalente 3	55,34 m2	Sala de leituras 2	42,30 m2
Instalação sanitária	9,13 m2	Sala de leitura/trabalho	67,12 m2
<b>MUSEU</b>		Area de exposição de livros	82,11 m2
Instalação sanitária	39,63 m2	Sala de grupo	58,55 m2
Arrumos	5,18 m2	Instalação sanitária	39,07 m2
Sala de exposição 1	233,12 m2	Sala de refeições funcionários	19,73 m2
Sala de exposição 2	129,06 m2	Copa funcionários	25,51 m2
Sala de exposição 3	166,72 m2	Secretaria	37,13 m2
Area técnica	27,09 m2	Gabinete 1	15,76 m2
Instalação sanitária	5,82 m2	Gabinete 2	26,63 m2
Arrumos	5,31 m2	Instalação sanitária	10,99 m2
Bilheteira	5,78 m2	Sala de reuniões	28,27 m2

RESTAURANTE	
Sala de jantar	96,58 m <sup>2</sup>
Instalação sanitária	27,11 m <sup>2</sup>
Recepção	4,09 m <sup>2</sup>
Recepção de louça suja	3,61 m <sup>2</sup>
Zona lavar loiça	4,21 m <sup>2</sup>
Cozinha	23,64 m <sup>2</sup>
Balnearios funcionários	16,41 m <sup>2</sup>
Area técnica tratamento de lixo/resíduos	1,60 m <sup>2</sup>
Area técnica	8,18 m <sup>2</sup>

Tabela 3 – QUADRO DE ÁREAS DO CENTRO CULTURAL

### 4.1.3 Habitação

O sentido da habitação resulta de dois factores: o dispositivo morfológico resultante do tecido urbano proposto e a construção de um modelo. O dispositivo morfológico, no Bairro do Roboque é o resultado de uma malha urbana orgânica, de leitura informal, sendo que a proposta edificatória procura buscar o traçado dominante. “A prática edificatória traduz a compreensão da tipologia dominante enquanto elemento inerente ao dispositivo morfológico, constituindo uma identidade própria como elemento determinante da paisagem urbana, assim como do tipo e do modelo.” (Morais, 2008:36). O modelo habitacional proposto consiste na domínio do modelo existente em São Tomé, pelo registo da tipologia, as suas característica construtivas, o meio em que se insere. O traçado quadrilátero que estabelece a forma da habitação; assente sobre prumos que consistem na estacaria e o esqueleto da construção; o acesso feito a partir de uma varanda; a cobertura inclinada, são características habitacionais a serem preservados (figura 109).

*“(.....) A palavra tipo representa não tanto a imagem de algo a ser copiado ou perfeitamente imitada como a ideia de um elemento que funciona como uma regra para construção de um modelo. O Modelo é entendido em termos de uma execução prática da arte constituiu um objecto que deve ser repetido como é o tipo, pelo contrário é um objecto de acordocada um pode ser conservado a respectiva*

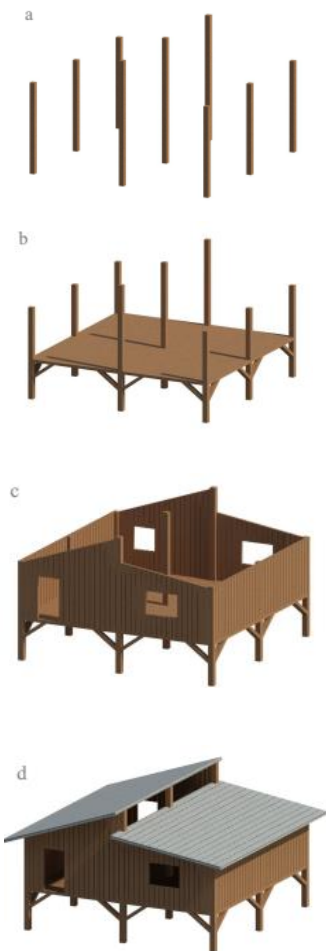


Figura 109 – FASES DO SISTEMA CONSTRUTIVO DA CASA POPULAR  
 Fonte: Mariana de Campos Alves Gomes, Construir em São Tomé. Dissertação de Mestrado. FAUP, 2013

*identidade (pela diferença). Tudo é preciso e dado no modelo: tudo é mais ou menos vago no tipo (...).”<sup>10</sup>*

O programa habitacional surge do conceito da desfragmentação em que busca bases na casa pátio. Baseado na mesma vivência da população local, a rua também faz parte da habitação, não há um limite social entre o privado e o público. O sistema de casa-pátio surge nesse prisma, sendo que a entrada principal é feita pelo pátio, os vãos, estão virados para o pátio numa articulação de cheios e vazios, a massa construída e o espaço de permanência exterior. O modelo habitacional se desenvolve numa flexibilidade contínua desde a tipologia base (T2+1) até a tipologia grande (T4+1) justificado pelo surgimento do número médio de agregado familiar, propõe-se um modelo com possibilidade de se ajustar ao número de indivíduos da habitação, e até promover o comércio local.

O sistema construtivo opera-se pela construção de baixo custo e sustentável, aproveitando os materiais locais. Pretende-se optar pelo sistema misto de construção, em terra (BTC) e betão como estrutura principal e madeira. Apesar da madeira ser o principal material de construção utilizado nas casas populares de São Tomé, neste exercício optou-se pela diminuição da quantidade de madeira utilizada, pelo seu carácter sustentável, tendo em conta a preservação florestal local. A madeira é um material nobre, que tem grandes custos ambientais. Atualmente é muito usada nas casas existentes na região, podendo ser reaproveitada nas novas construções. Propõem-se o emprego deste material nos pisos superiores da habitação por ser um material mais leve, do que o BTC. A escolha do betão para a estrutura, por ser um material resistente às intempéries locais, de fácil aplicação e com um relativo baixo custo. As paredes são preenchidas por blocos de BTC (bloco de terra compactado), de forma a aproveitar o material local existente e uma tecnologia de edificação bastante antiga e fácil. Com base na análise feita de diferentes sistemas de construção em terra o BTC foi a que obteve melhores resultados devido a possibilidade de agregação com outros ligantes como o cimento, a cal, e estes podem ser feitos mecanicamente ou manualmente.

O modelo habitacional proposto segue as áreas indicadas na tabela.

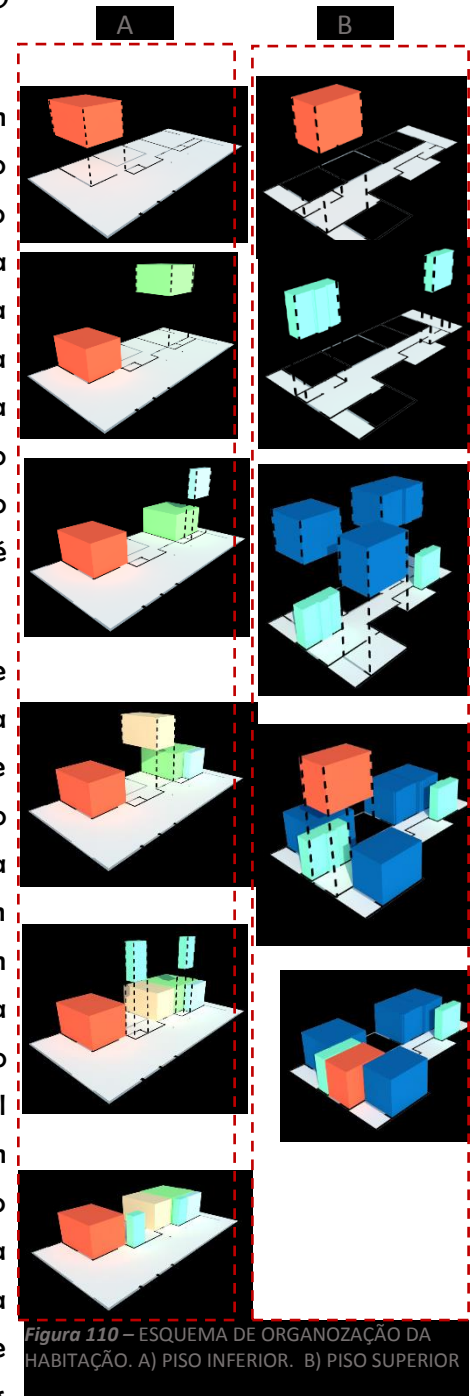


Figura 110 – ESQUEMA DE ORGANIZAÇÃO DA HABITAÇÃO. A) PISO INFERIOR. B) PISO SUPERIOR

<sup>10</sup> In Moraes, João Sousa. O território do Projecto, Registos Conceptuais em arquitectura. Centro Editorial da Faculdade de Arquitectura, 2008. Traduzido por Giulio Carlo Argan – Resultante da definição de tipo com base em Antoine Quatremère de Quincy no Dictionnaire historique d'architecture comprenant dans son plan les notices historiques, descriptives, archaetogiques, biograpes, biographiques, théoriques, didactiques et pratiques de cet art, 2 vol., Paris- Milão 1965, pág. 75/80



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade urbana da cidade de São Tomé e a sua complexidade e informalidade está directamente ligada ao seu território, são o produto de fenómenos urbanos como o rápido crescimento demográfico e habitacional, consumados ao longo dos anos, provocando o desenvolvimento descontrolado dos assentamentos informais na periferia da cidade. Estes por sua vez, não tiveram em conta os critérios essenciais do desenho urbano, como a integração na malha da cidade e a configuração dos espaços envolventes, resultando assim num tecido urbana espontâneo, na periferia do tecido formal.

A dissertação de mestrado aqui apresentada, de título “Redesenhar o Tecido Urbano do Bairro do Riboque na Cidade de São Tomé “ teve como objectivo compreender a *desfragmentação*, enquanto conceito e estratégia, de modo a garantir a sua aplicabilidade a um caso prático de arquitectura. Este caso prático consistiu na idealização de um plano urbano, na cidade de São Tomé. A intervenção focou-se primeiramente no (re)desenho urbano do bairro do Riboque através da criação de ligações pedonais e/ou viárias e de espaços públicos pontuados por diversas áreas verdes qualificadas, capazes de renovar regularmente o interesse e a curiosidade de quem os vivencia. No sentido de compreender a *desfragmentação* realizou-se, em primeiro lugar, uma leitura histórica da cidade .

Esta análise consistiu em compreender os movimentos sociais, culturais e urbanos que antecedem e conduzem ao crescimento do tecido informal. Sendo assim, nos primeiros capítulos da dissertação dedicam-se a um para enquadramento histórico do território, de modo a o enquadrar no séc XXI. Contudo, a *desfragmentação*, como corrente artística, ao estar inserido no *desconstrutivismo* sentiu-se a necessidade de iniciar o percurso histórico e, assim, entender a evolução ideológica que originou a cidade como é conhecida hoje.

Neste contexto o conceito de *desfragmentação* aplicado na arquitectura, corresponde à correlação entre os elementos primários do sistema urbano proposto, bem como, a prática edificatória que traduz a compreensão da tipologia dominante enquanto elemento inerente ao dispositivo morfológico, constituindo uma identidade própria como elemento determinante da paisagem urbana, assim como do tipo e do modelo.

O conceito de *desfragmentação* difere do conceito de *desconstrutivismo* na arquitectura, principalmente na escala de intervenção.

Enquanto que um trata das questões do edifício o outro procura articular um tecido fragmentado da cidade.

Neste sentido, a estratégia de projecto baseia-se numa intervenção de desfragmentação, que é aplicada na idealização de um equipamento sustentável e que responda às necessidades urbanas - um centro cultural, e na construção de um modelo habitacional. Assim, através deste projeto de arquitetura pretendeu-se criar uma linha de pensamento entre o tecido formal e o tecido informal da cidade. As necessidades de uma área geográfica específica – o bairro de Riboque na cidade de São Tomé.

O centro cultural proposto procura dar resposta e complementar à potencialidade turística de São Tomé, de forma a promover o turismo cultural do país.

Focada para os habitantes, desenvolveram-se modelos habitacionais, onde o desenho dos mesmos incidiu não só na relação que os habitantes têm com o exterior, garantindo a preservação dos valores de socialização e vizinhança, bem como através do seu carácter evolutivo, possibilitam com o tempo, crescer e adaptar-se a novos usos.

Em forma de conclusão, a proposta pretendeu um desenvolvimento sustentável que agregasse as lógicas formais de concepção do centro urbano da cidade de São Tomé com as relações sócio-espaciais que se desenvolvem nos assentamentos informais, permitindo à cidade fragmentada, uma melhor relação entre as realidades formal e informal da cidade.

## BIBLIOGRAFIA

INTERNATIONAL CONSULTANTS IBERIA. (2009, Maio). São Tomé e Príncipe – Plano de Desenvolvimento do Turismo. Relatório

AA.VV. - *Operação Cova da Moura: Iniciativa Operações de Qualificação e Inserção Urbana em Bairros Críticos*, Volume I, IHRU, Lisboa, 2006.

ALEXANDER, Christopher - *A city is not a tree*, 1965 (versão consultada: *Uma cidade não é uma árvore*, in *Architectural Forum*)

BEINHAUER, Peter – *Atlas de detalhes construtivos*, Editorial GG, Barcelona, 2009.

CARVALHO, Ana Margarida. *São Tomé e Príncipe -África: 30 anos depois*, edição temática da revista *Visão*, Cascais, 2006

CONDE, Luiz Paulo, MAGALHÃES, Sérgio Ferraz - *Favela-bairro: Uma outra história da cidade do Rio de Janeiro*, Vivereidades, Rio de Janeiro, 1ª edição, 2004.

FERNANDES, JOSÉ MANUEL: *África Arquitectura e Urbanismo de Matriz Portuguesa*, Caleidoscópio, 2012

FILIPE, Rodrigo - *Casas para um planeta pequeno. Projectar no Informal, o caso de Dhaka, Karail Slum*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica, 2011

FORJAZ, José Alberto Basto Pereira e outros - *Moçambique, melhoramento dos assentamentos informais, análise da situação & proposta de estratégias de intervenção*, Maputo: Centro de Estudos de Desenvolvimento do Habitat, 2006.

GEHL, Jan - *Novos espaços urbanos*, Barcelona, Gustavo Gili, 2002.

GHIONE, Roberto - Artigo: *Cidade formal e cidade informal*, 2013.

INDOVINA, Francesco - *O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança*, Revista: CIDADES, Comunidades e Territórios, n.º 5, Lisboa, 2002.

J. Sousa Morais, Malheiro J. , “S. Tomé e Príncipe as Cidades Património Arquitectónico” *Architecture Heritage*, Editora Caldeioscópio, Lisboa Abril 2013.

JÁUREGUI, Jorge Mário - *Construir a partir do conflicto*, *Arquitectura e Vida*, 2004.

LAMAS, José - *Morfologia urbana e desenho da cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa, 2004.

LENGEN, Johan Van - *Manual do Arquitecto Descalço*. Lisboa, Dinalivros, 2008.

LERNER, Jaime - *Acupuntura urbana*, Rio de Janeiro, Editora Record, 2003.

MADEIRA, Teresa - *Estudo Morfológico da Cidade de São Tomé no Contexto Urbanístico das Cidades Insulares Atlânticas de Origem Portuguesa*, Revista do Centro de Estudos de Urbanismo e Arquitectura, 1999.

MASCARENHAS, Jorge – *Sistemas de Construção: IX – Contributos para o Cumprimento do RCCTE, Detalhes Construtivos sem Pontes Térmicas. Materiais Básicos (6ª parte)*, Ed. Livros Horizonte, 2007.

MORAIS, João Sousa - *O Território do Projecto*, Registos Conceptuais em Arquitectura, Prefácio, Coleções Didáctica, Centro Editorial da Faculdade de Arquitectura – U.T.L. 2008.

MORAIS, João Sousa, MALHEIRO, Joana Bastos. *São Tomé e Príncipe – Património Arquitectónico*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2013.

NEVES, Carlos Agostinho das, CEITA, Maria Nazaré - *História de S. Tomé e Príncipe - Breve Síntese*. São Tomé: [s.n.], 2004.

PORTAS, Nuno citado por ANDRÉ, Paula - *A Construção da Memória dos Vazios Úteis da Cidade. Conhecer para Divulgar e Divulgar para Revelar, Vazios Úteis, Actas do Seminário de Estudos Urbanos*, Lisboa: ISCTE, 2007.

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João – *Políticas Urbanas II Transformações, regulação e projectos*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João – *Políticas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João – *Políticas Urbanas II Transformações, Regulação e Projectos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

ROMANA, HEITOR ALBERTO: *São Tomé e Príncipe, Elementos para uma análise antropológica das duas vulnerabilidades e Potencialidades*, ISCS-UTL, 1997

ROQUE, Ana Cristina; GERHARD, Seibert; MARQUE, Victor Rosado – *Livro de Actas, Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe Numa Perspectiva Interdisciplinar, Diacrónica e Síncrona*. Lisboa, 2012.

SILVA, Otilina - *São Tomé e Príncipe*. Ecos da Terra do Ossobó, Lisboa, Edições Colibri, 2004.

TENREIRO, Francisco - *A Ilha de São Tomé*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1961.

TENREIRO, Francisco - *A Ilha de São Tomé*, Lisboa: Memórias da Junta de Investigação do Ultramar, 1961.

TURNER, John F. C - *Housing by People*, Londres, Pantheon Books, 1976.

UN-HABIT - *The challenge of Slums :Global Report on Human Settlements 2003*, United Nations Human Settlements 36 Programme, Earthscan Publications Ltd, London, 2003.

VIANA, David Leite. *Cidade Africana - urbanismo [in]formal: uma abordagem integrada e sistémica*. Congresso Ibérico de Estudos Africanos, Lisboa, 2010.

### **DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS**

<http://www.archdaily.com>

<http://www.travel-images.com/sao-tomeprincip>

<http://stomepatrimonio.blogspot.com>

<http://viagemastomeprincipe.blogspot.com/2011/01/passeio-pelo-bairro-de-riboque.html>

<https://edjamilaragao.wordpress.com/cultura/>

## ANEXOS

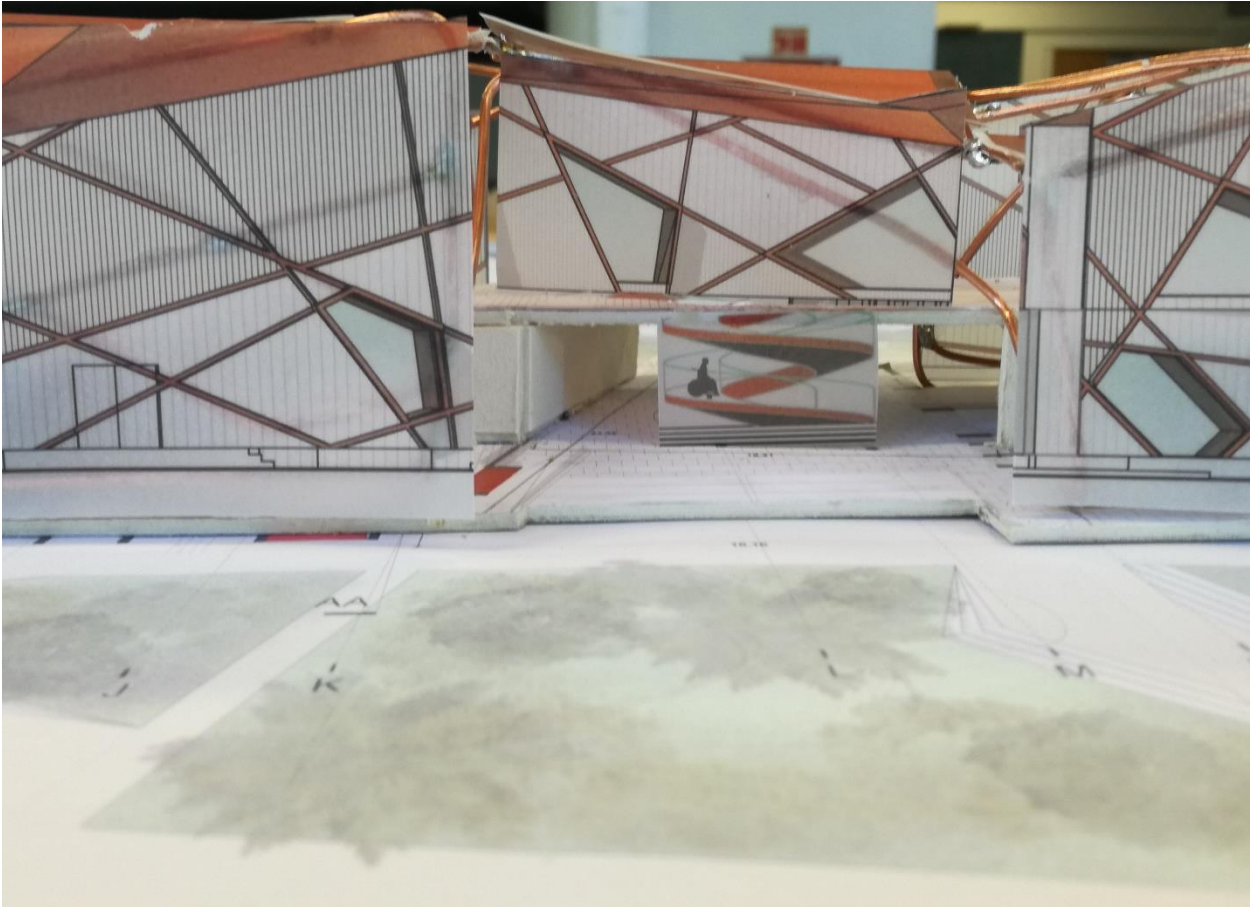
# Anexo

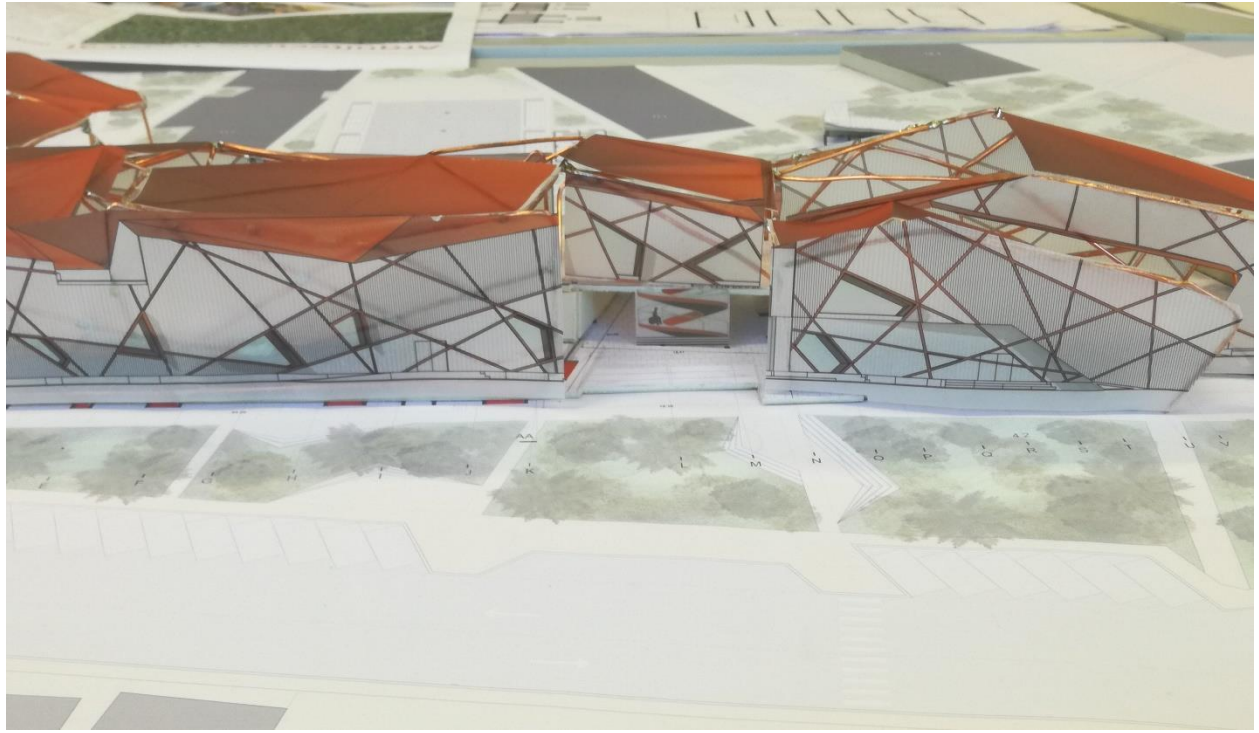
Fotos das Maquetas

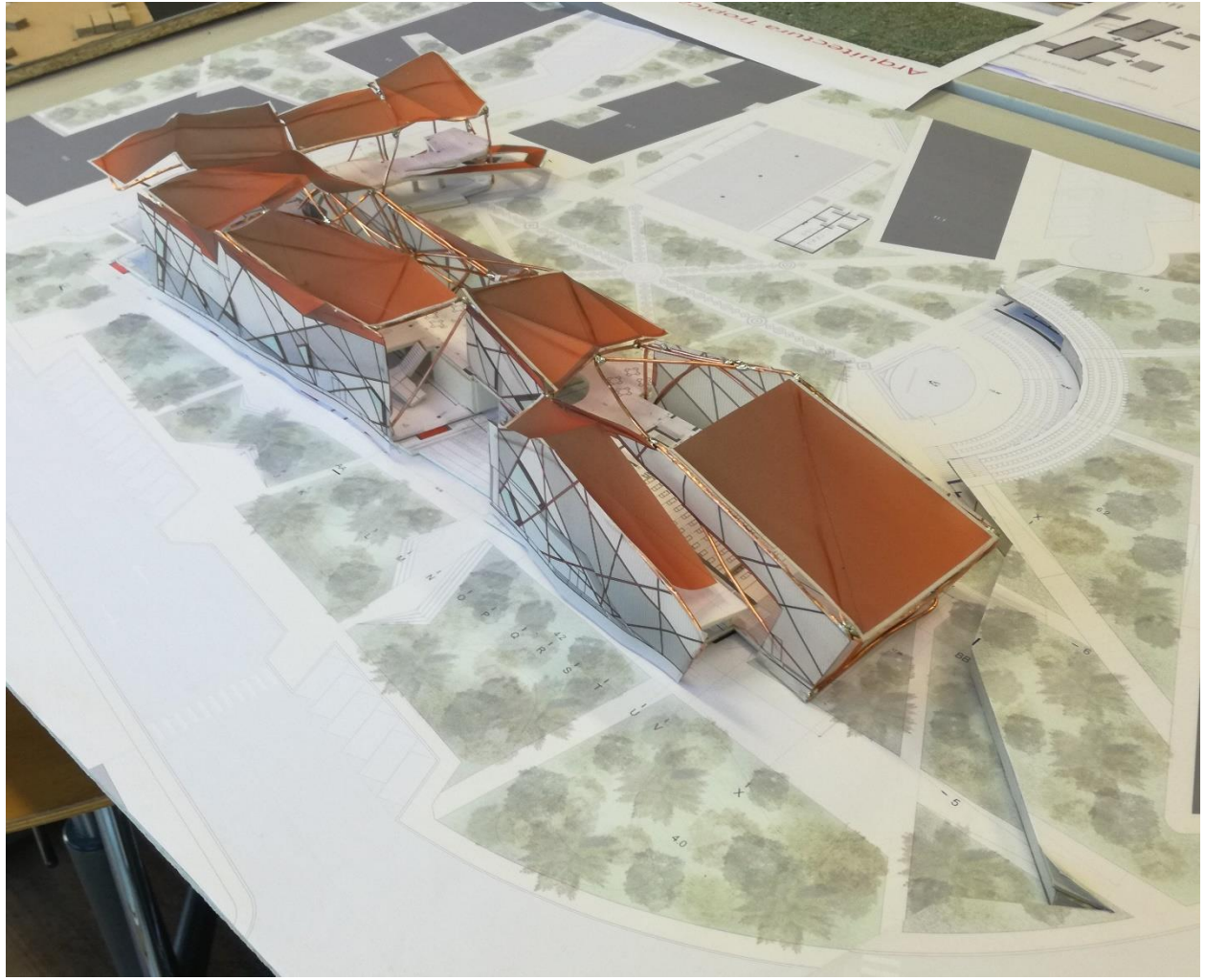
Plano Urbano



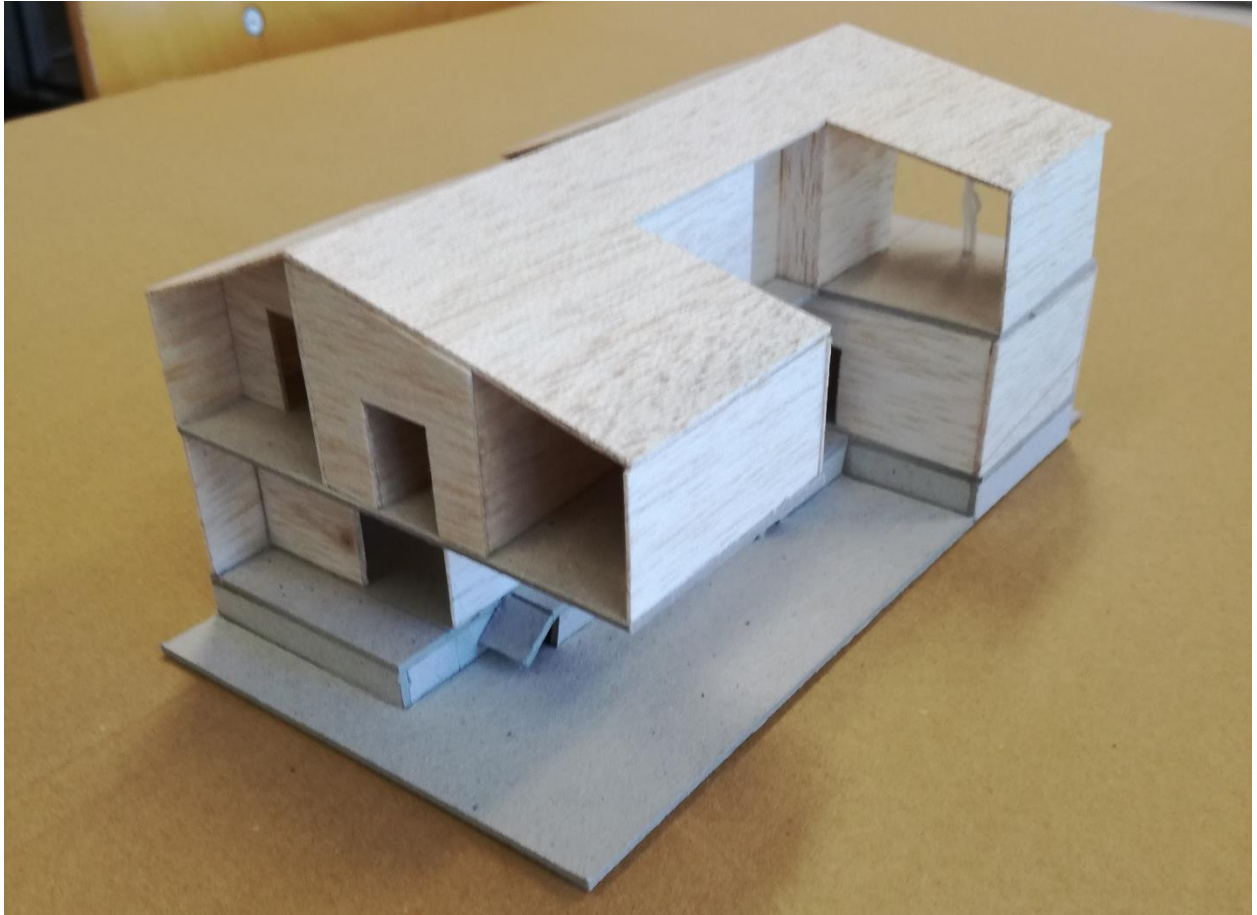
**Equipamento**

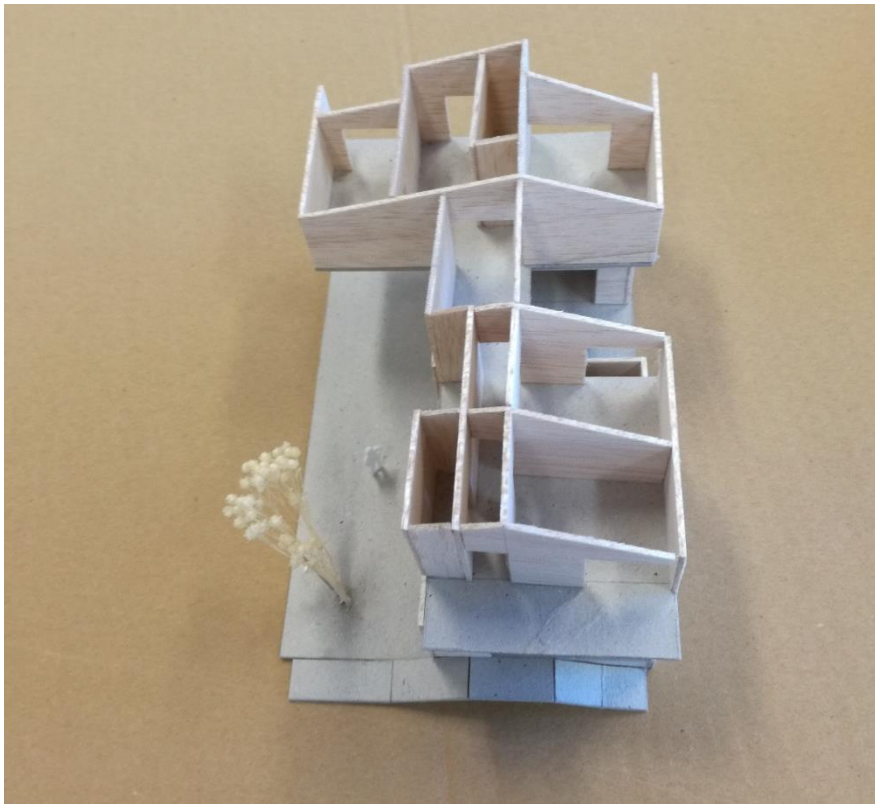
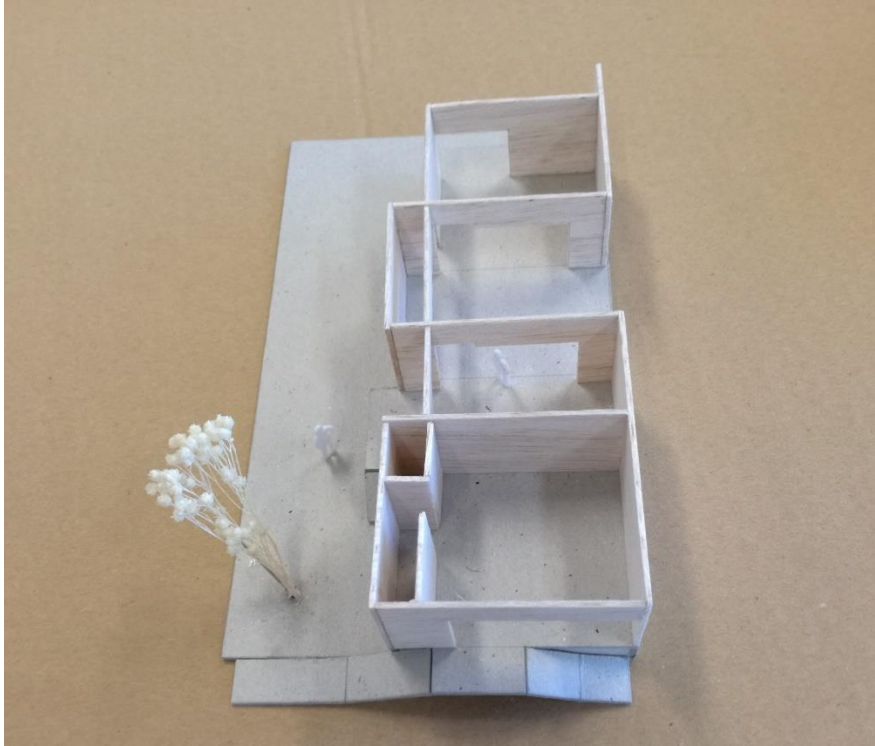


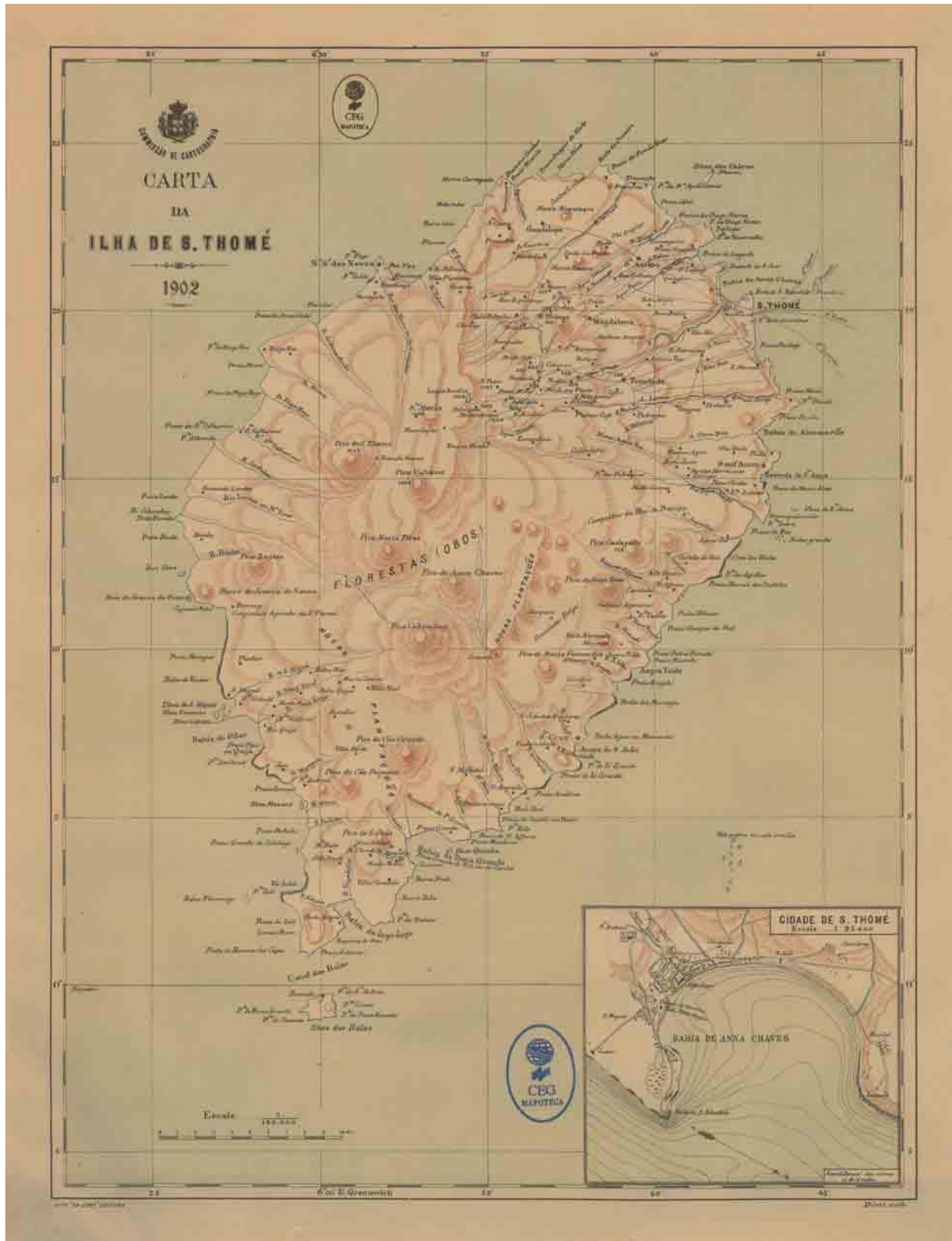




## Habitação



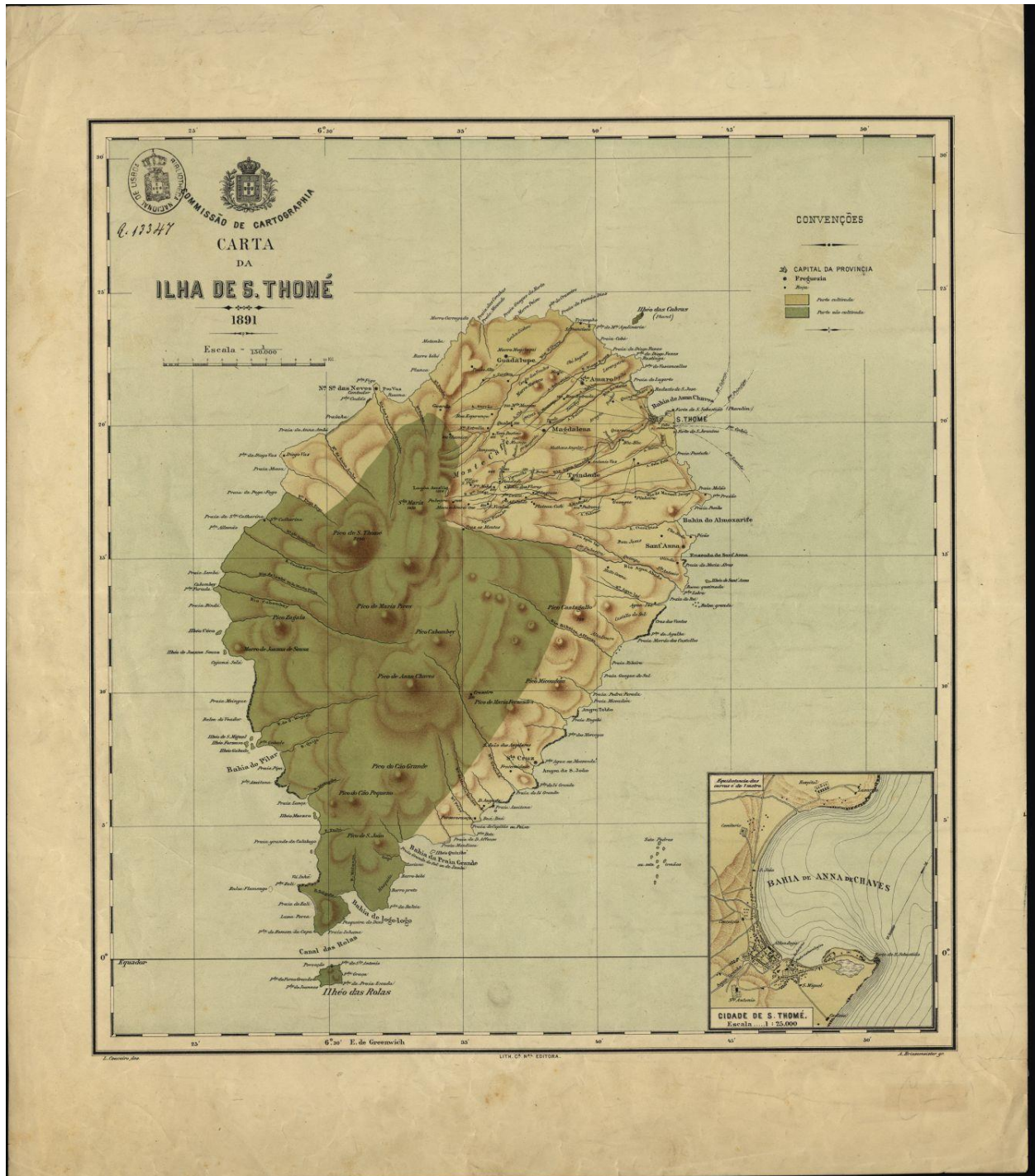




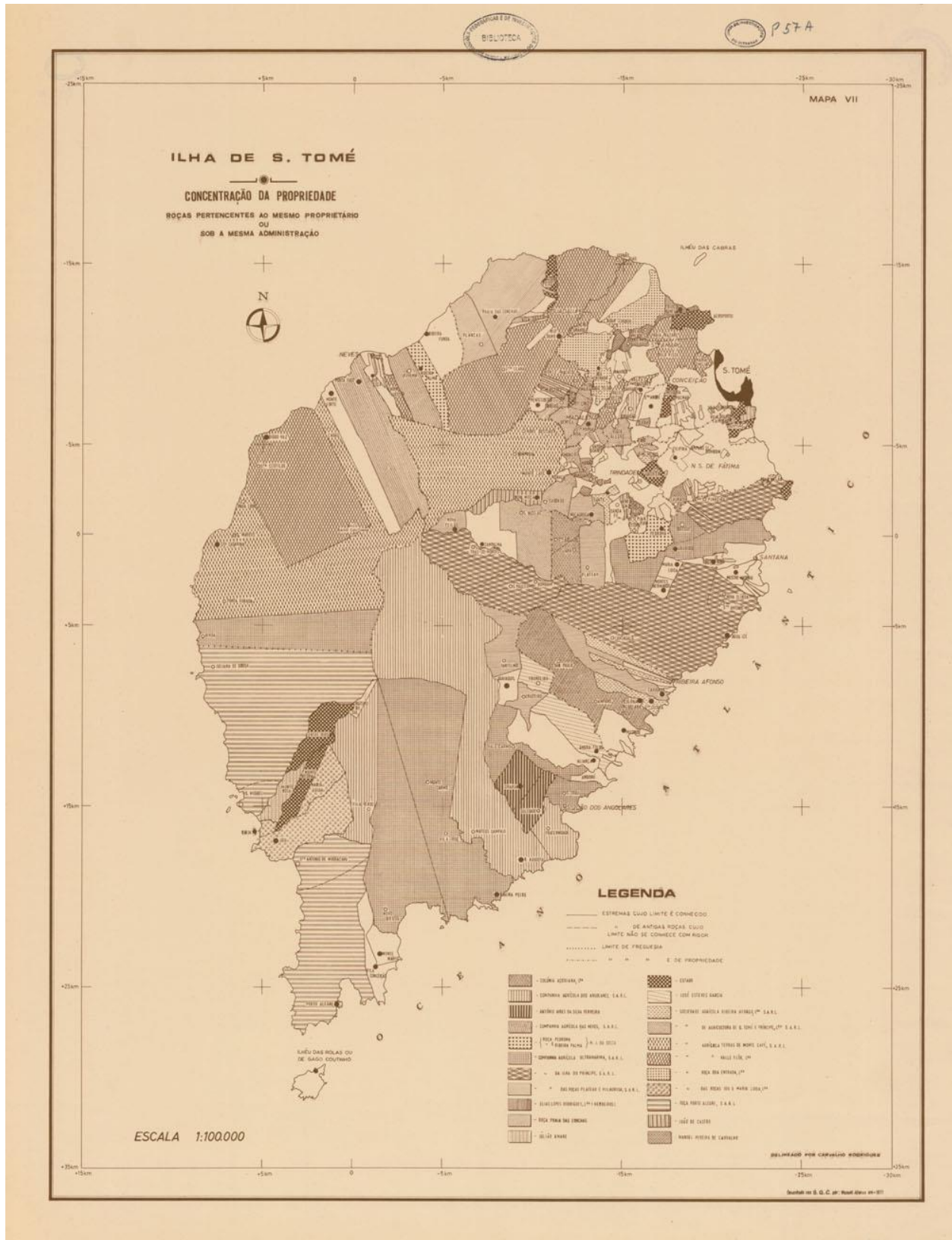




Fonte : <http://atlas.saotomeprincipe.eu/>



Fonte : <http://atlas.saotomeprincipe.eu/>

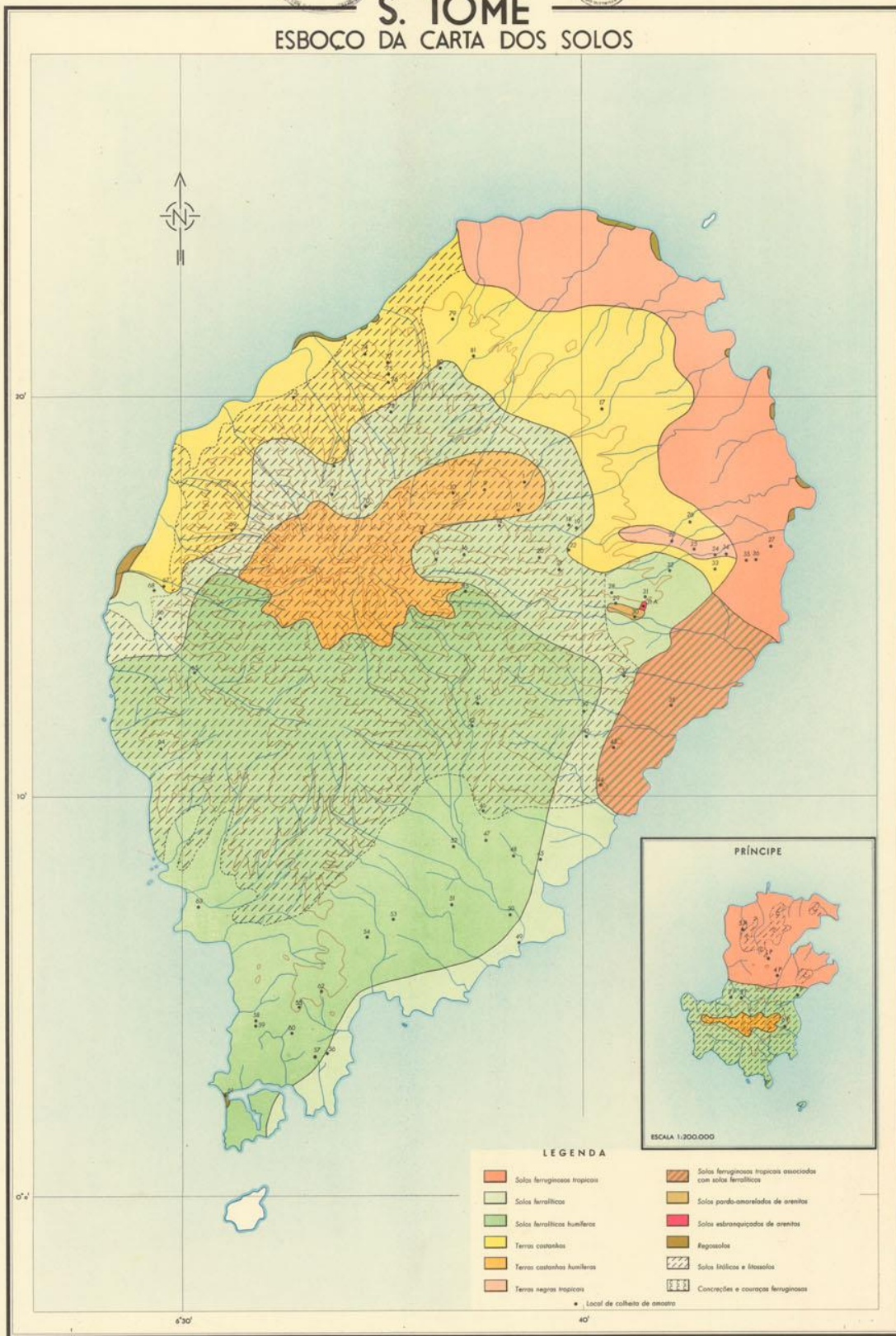




157

# S. TOMÉ

## ESBOÇO DA CARTA DOS SOLOS



### LEGENDA

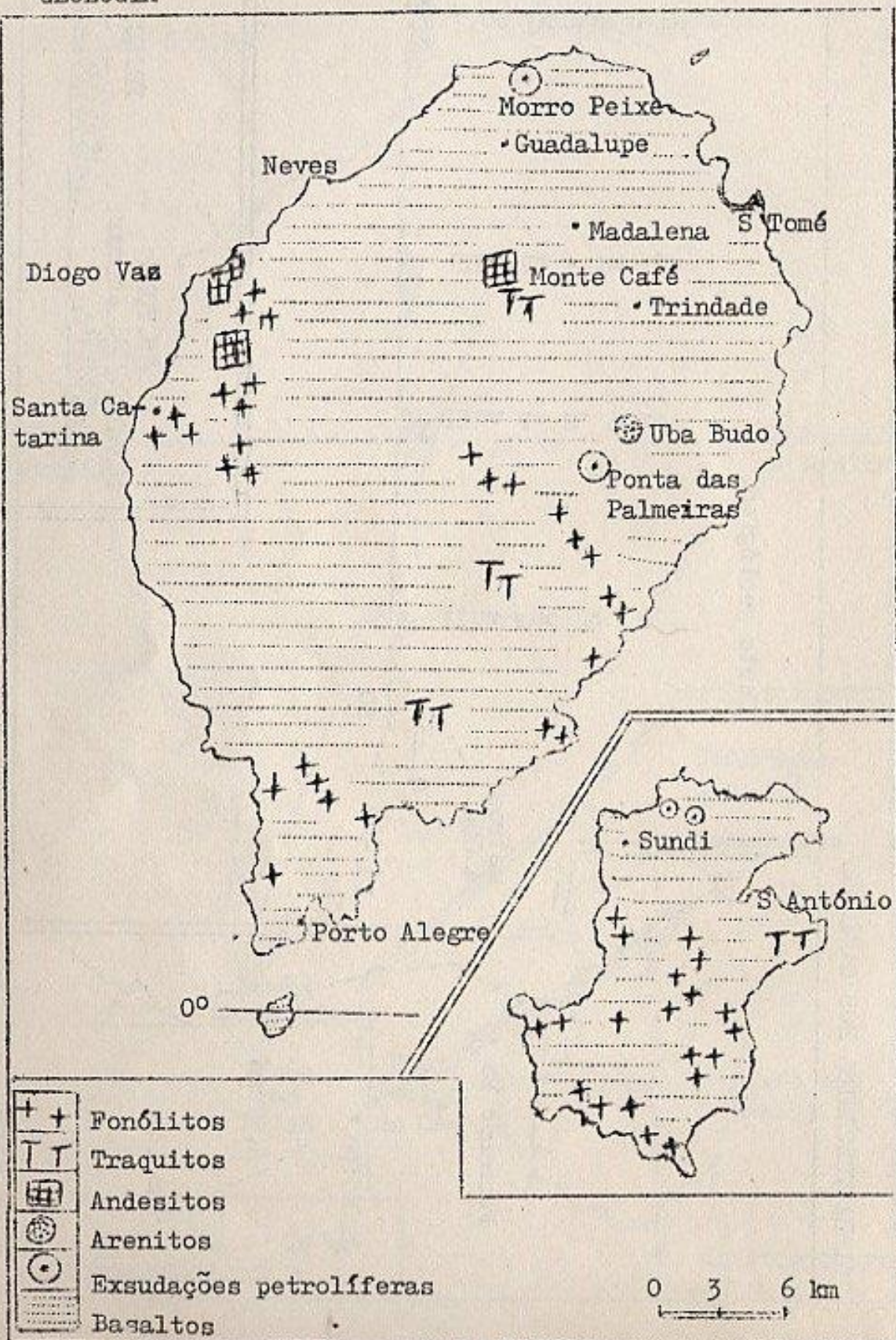
- |                              |  |
|------------------------------|--|
| Solos ferruginosos tropicais | Solos ferruginosos tropicais associados com solos ferralíticos |
| Solos ferralíticos           | Solos pardo-amarelados de arenitas                             |
| Solos ferralíticos humíferos | Solos estranhiquizados de arenitas                             |
| Terras castanhas             | Fagossolos   |
| Terras castanhas humíferas   | Solos illíticos e fissílicos                                   |
| Terras negras tropicais      | Concreções e coqueiras ferruginosas                            |
- Local de colheita de amostra

ESCALA 1:100.000

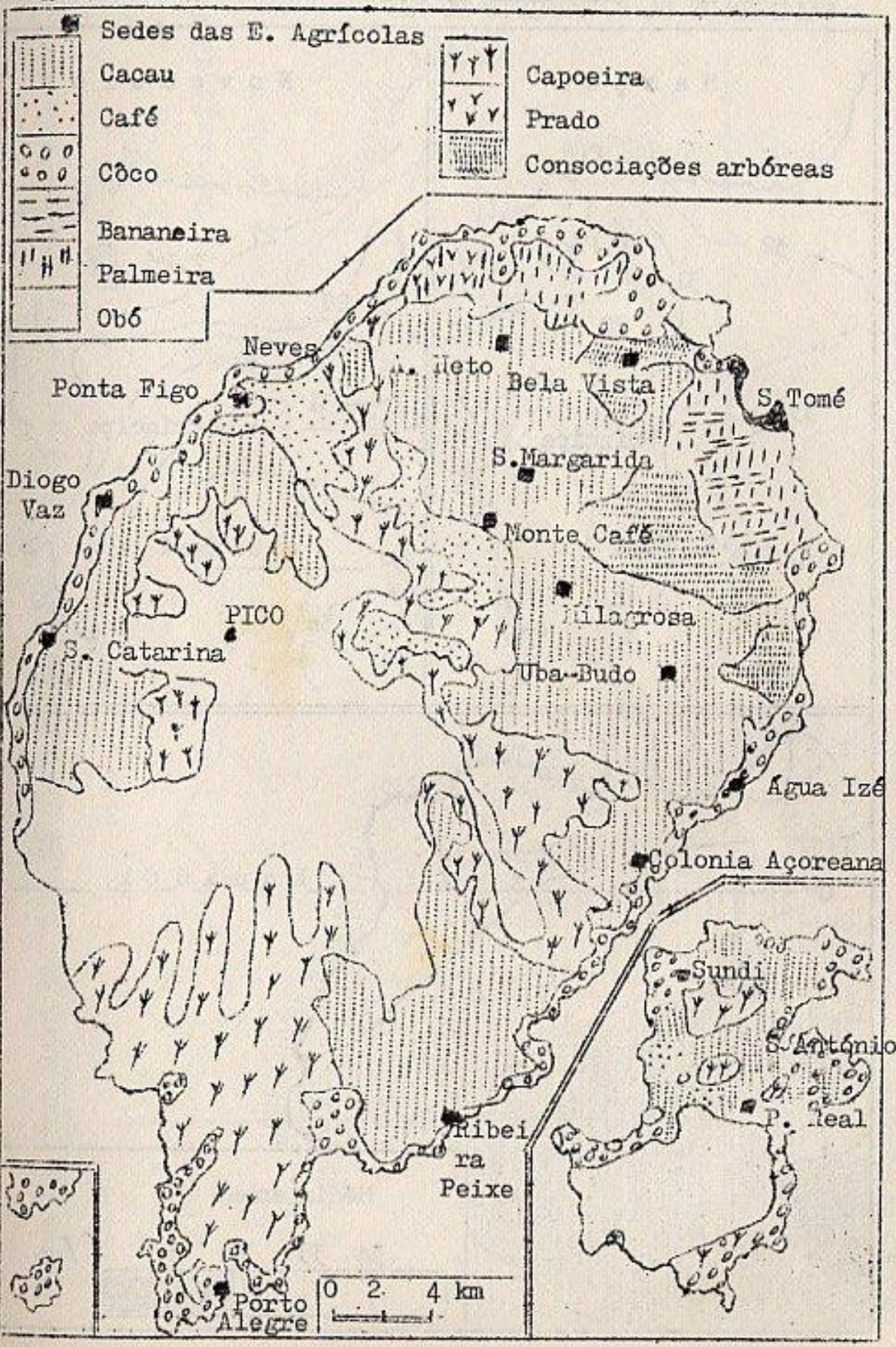
JUNTA DE EXPORTAÇÃO DO CAFÉ  
Julho, 1957

João Corvelho Cardoso del.

GEOLOGIA



# AGRICULTURA





  
 INSTITUTO HIDROGRÁFICO DE ANGOLA  
 GOLFO DA GUINÉ  
 Carta Hidrográfica do  
**ARQUIPÉLAGO DE STOMÉ E PRÍNCIPE**  
 Compilada do levantamento efectuado para  
 VISÃO HIDROGRÁFICA DE ANJOLA E S. TOMÉ  
**1966**

Escala 1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

1:500 000

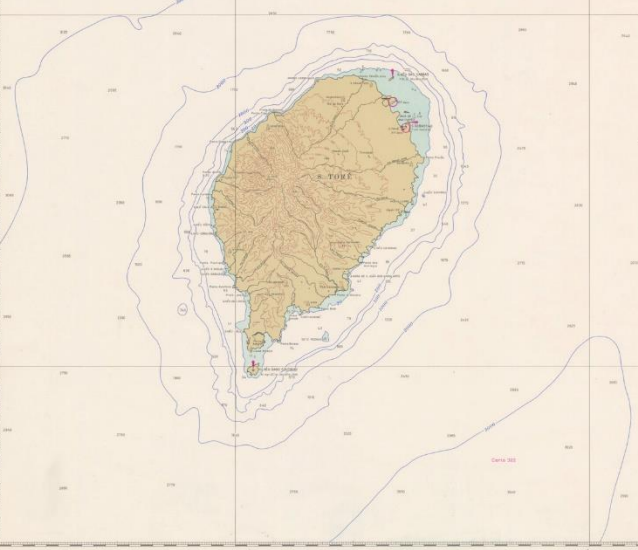
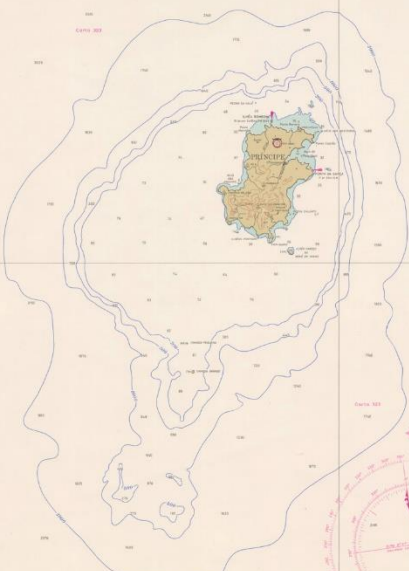
1:500 000

1:500 000

1:500 000

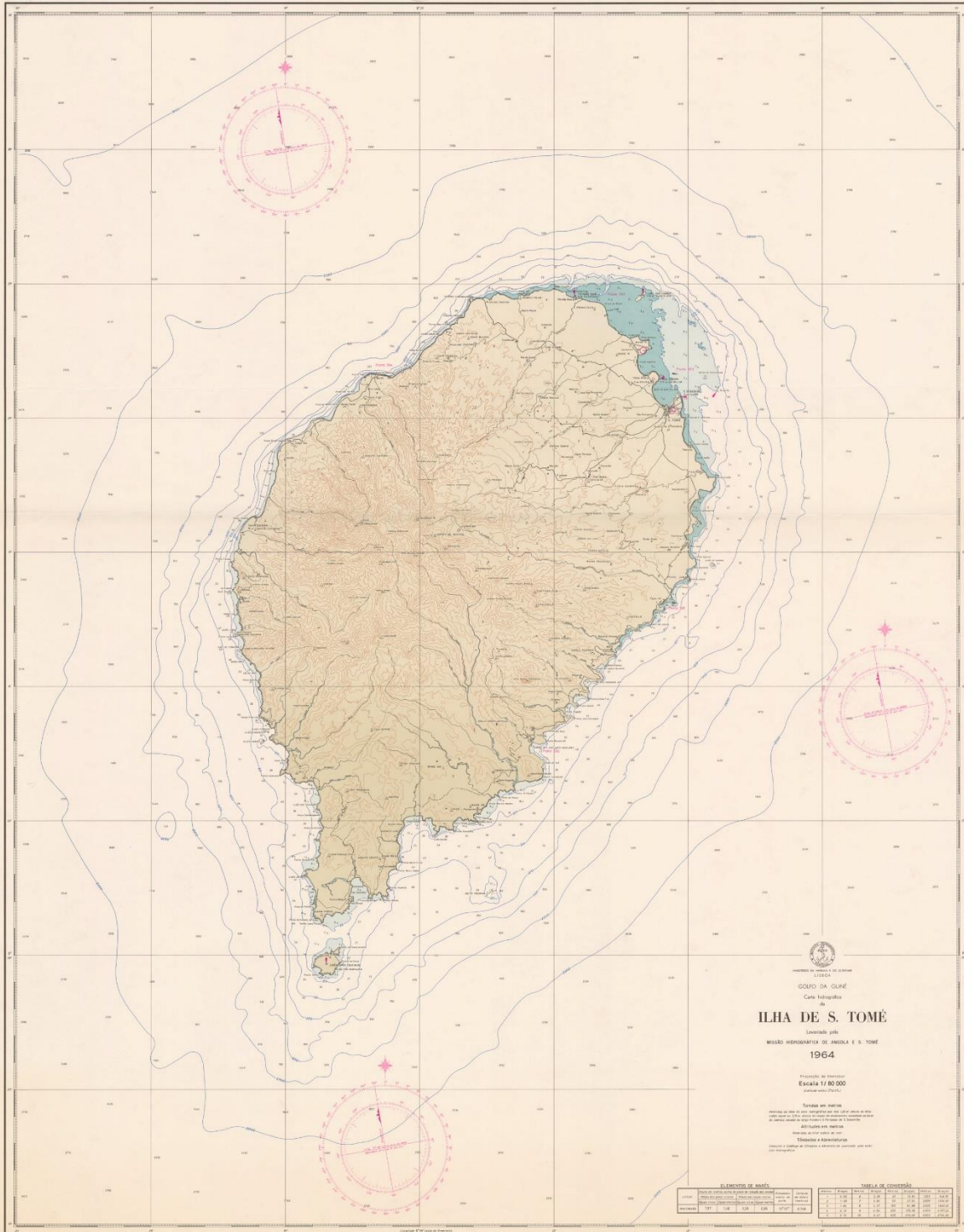
1:500 000

1:500 000



ELEMENTOS DE MARÉS			
LOCAL	ESTADO	ALTURA	TIPO
100	100	100	100
200	200	200	200
300	300	300	300
400	400	400	400
500	500	500	500
600	600	600	600
700	700	700	700
800	800	800	800
900	900	900	900
1000	1000	1000	1000

CORRECT 32  
 NAVIGANTES ATÉ  
 2010



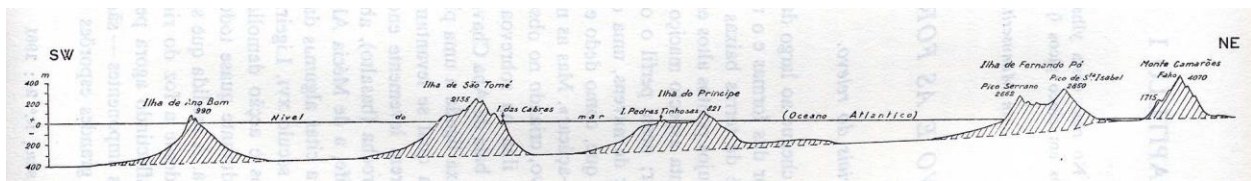
  
 INSTITUTO NACIONAL DE CARTOGRAFIA  
 GOV. DA GUINÉ  
 Carta hidrográfica  
 de  
**ILHA DE S. TOMÉ**  
 Levantada pelo  
 MISSÃO HIDROGRÁFICA DE ANJÓIA E S. TOMÉ  
**1964**

Escala de numerar  
**Escala 1/80 000**  
 (sem redução)

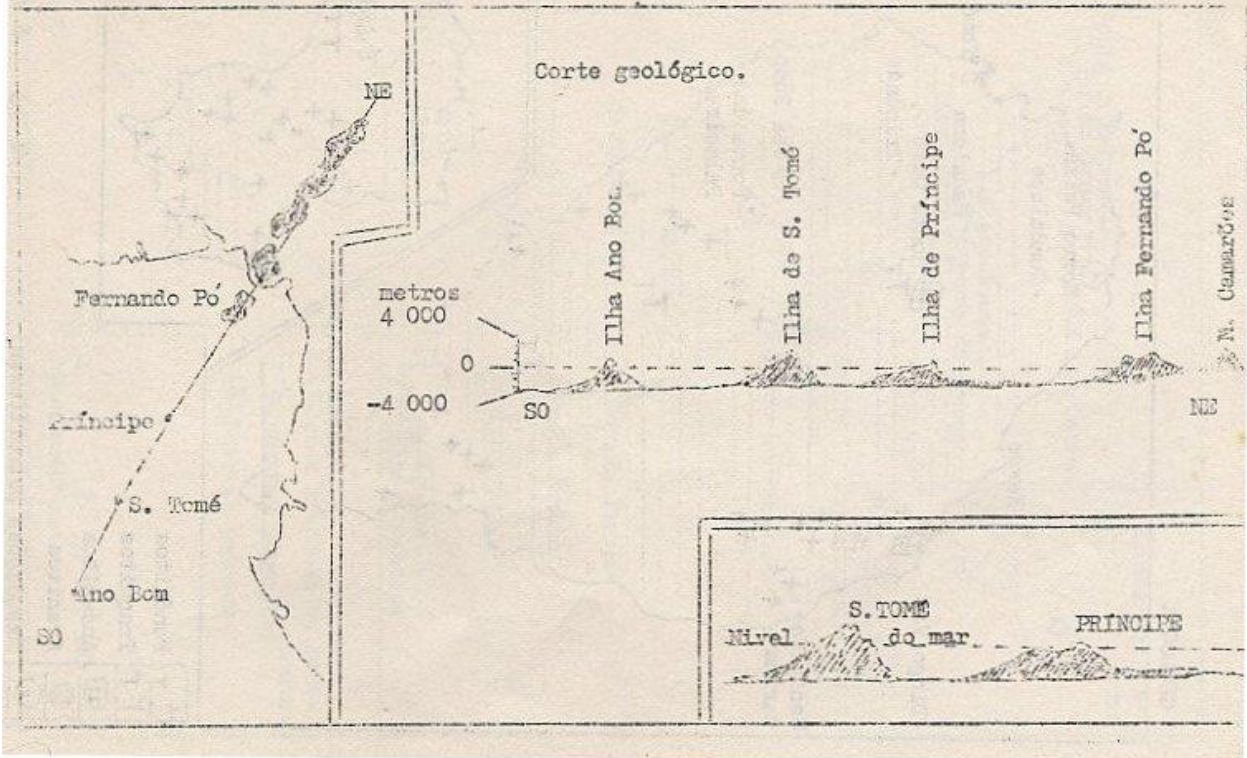
Todas as medidas  
 horizontais são em metros e as verticais em metros  
 acima do nível do mar. O nível do mar é o nível médio  
 das águas do mar, calculado em metros e arredondado  
 até à unidade em metros.  
 Escala de profundidades em metros.  
 Símbolos e abreviaturas  
 segundo o Código de Símbolos e Abreviaturas publicado pelo IHO  
 em 1953.

**ELEMENTOS DE MARÉ**

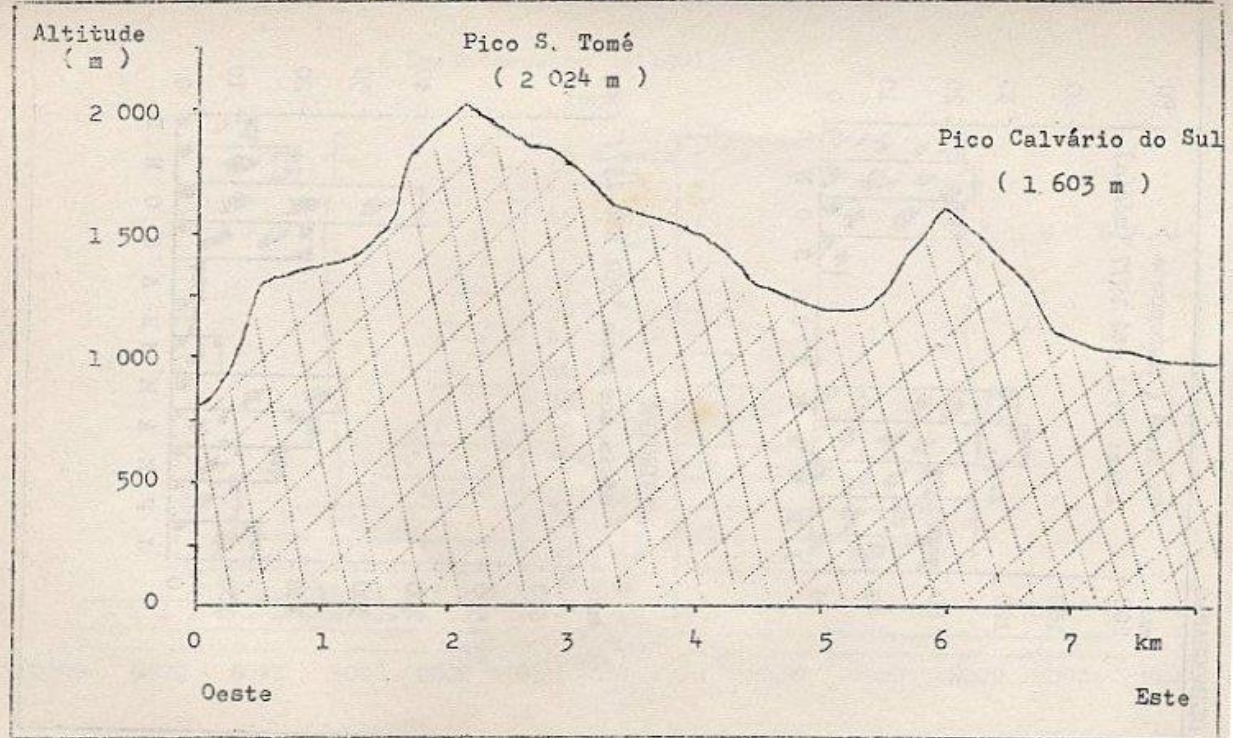
Horário	Estado	Profundidade (m)
06:00	MARÉ ALTA	1,8
07:00	MARÉ ALTA	1,8
08:00	MARÉ ALTA	1,8
09:00	MARÉ ALTA	1,8
10:00	MARÉ ALTA	1,8
11:00	MARÉ ALTA	1,8
12:00	MARÉ ALTA	1,8
13:00	MARÉ ALTA	1,8
14:00	MARÉ ALTA	1,8
15:00	MARÉ ALTA	1,8
16:00	MARÉ ALTA	1,8
17:00	MARÉ ALTA	1,8
18:00	MARÉ ALTA	1,8
19:00	MARÉ ALTA	1,8
20:00	MARÉ ALTA	1,8
21:00	MARÉ ALTA	1,8
22:00	MARÉ ALTA	1,8
23:00	MARÉ ALTA	1,8
00:00	MARÉ ALTA	1,8
01:00	MARÉ ALTA	1,8
02:00	MARÉ ALTA	1,8
03:00	MARÉ ALTA	1,8
04:00	MARÉ ALTA	1,8
05:00	MARÉ ALTA	1,8
06:00	MARÉ ALTA	1,8



LINHA VULCANICA DOS CAMARÕES



PERFIS DA ZONA MAIS ELEVADA DA ILHA DE S. TOMÉ







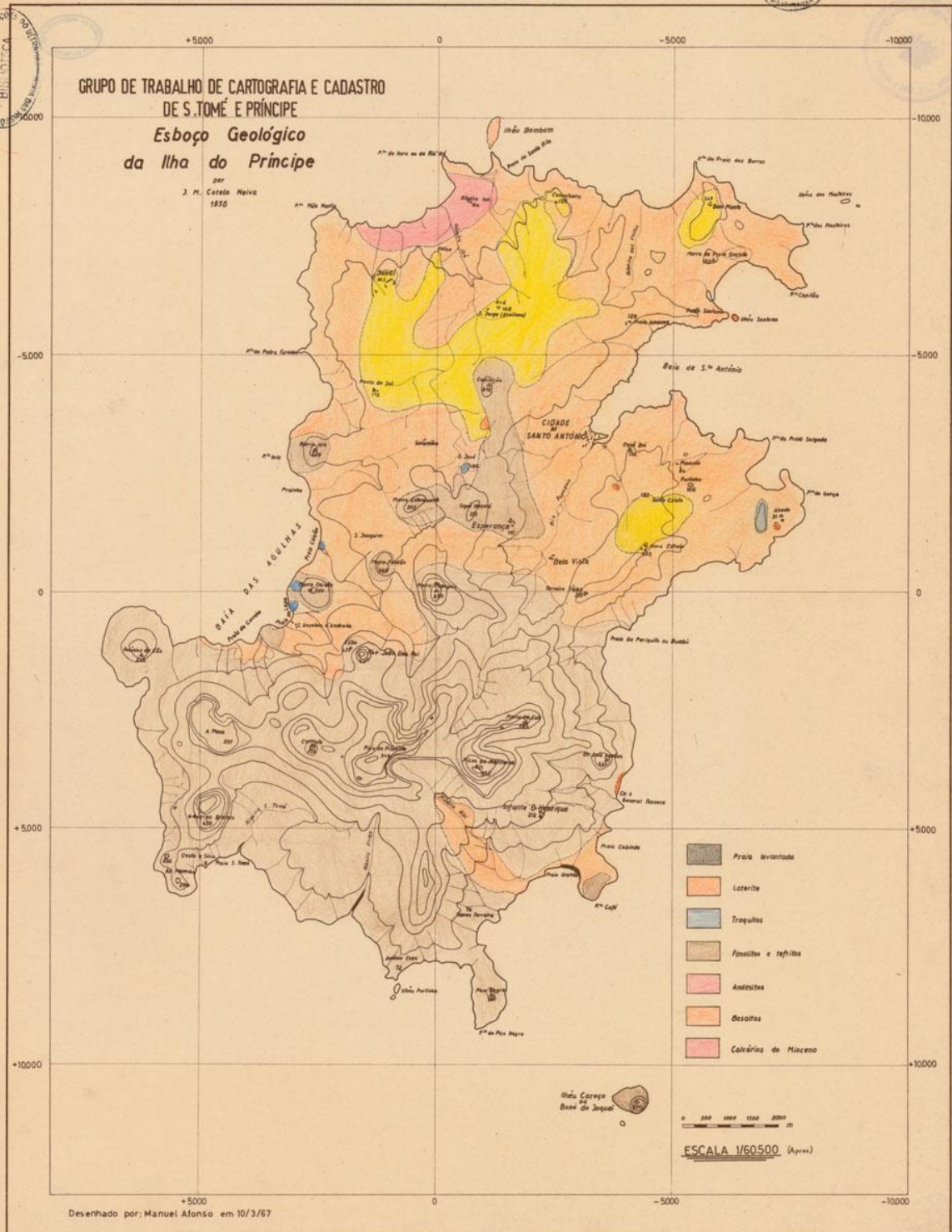


157A



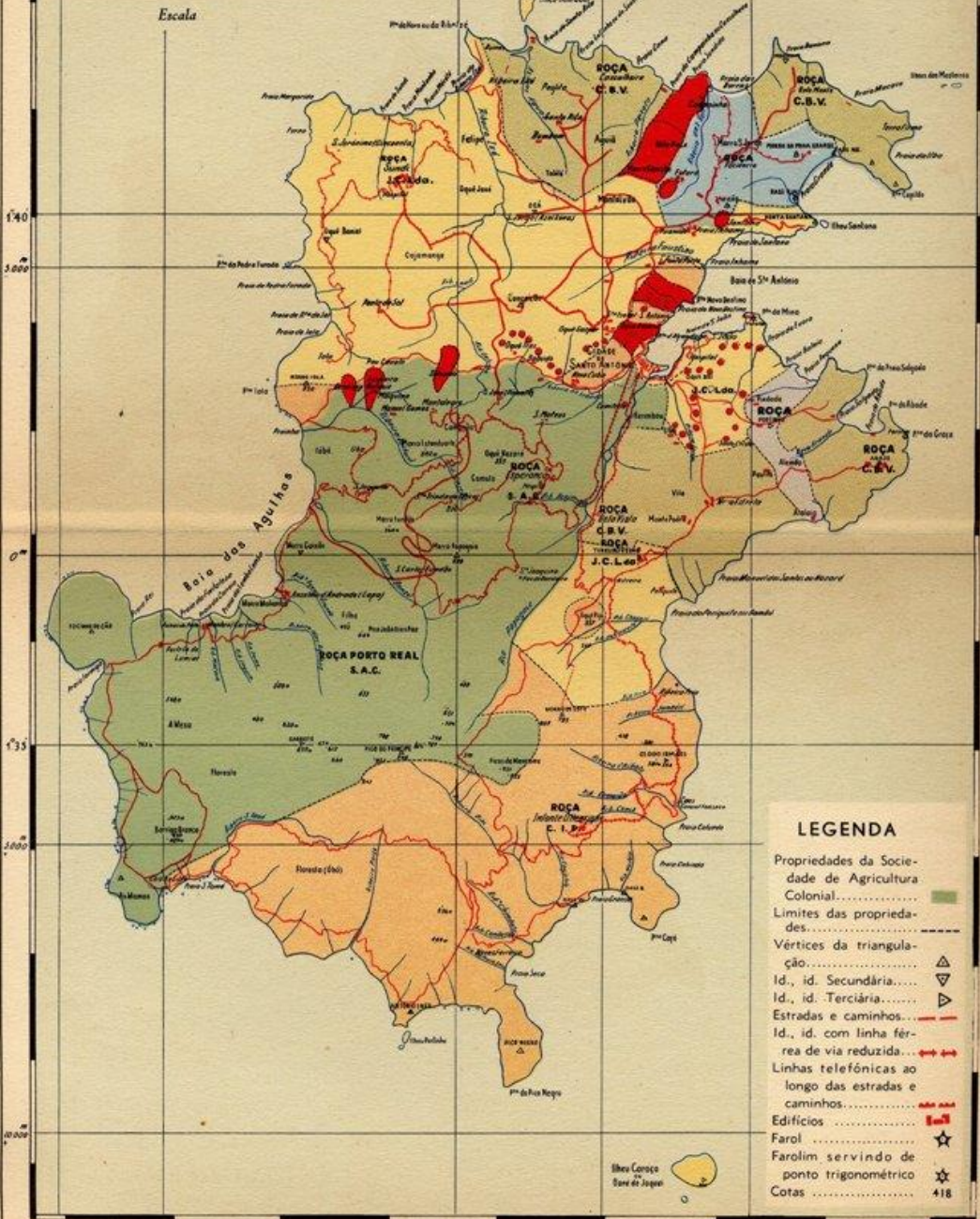
# GRUPO DE TRABALHO DE CARTOGRAFIA E CADASTRO DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE Esboço Geológico da Ilha do Príncipe

por  
J. M. Correia Meiva  
1956



# CARTA DA ILHA DO PRÍNCIPE

COM A DIVISÃO DAS  
PRINCIPAIS EXPLORAÇÕES  
AGRÍCOLAS  
1953

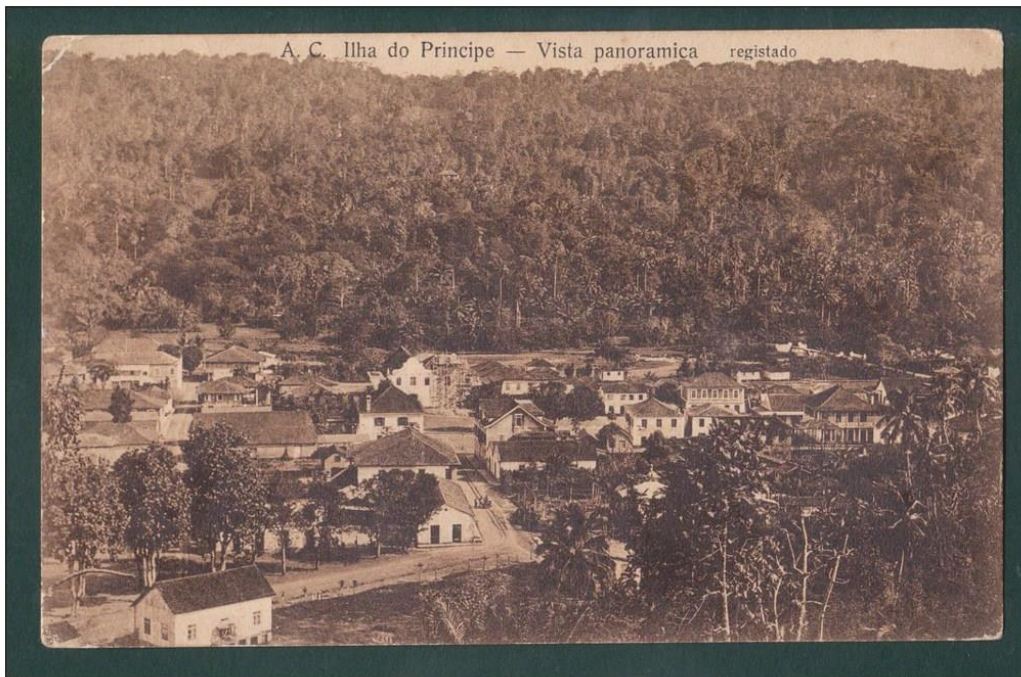
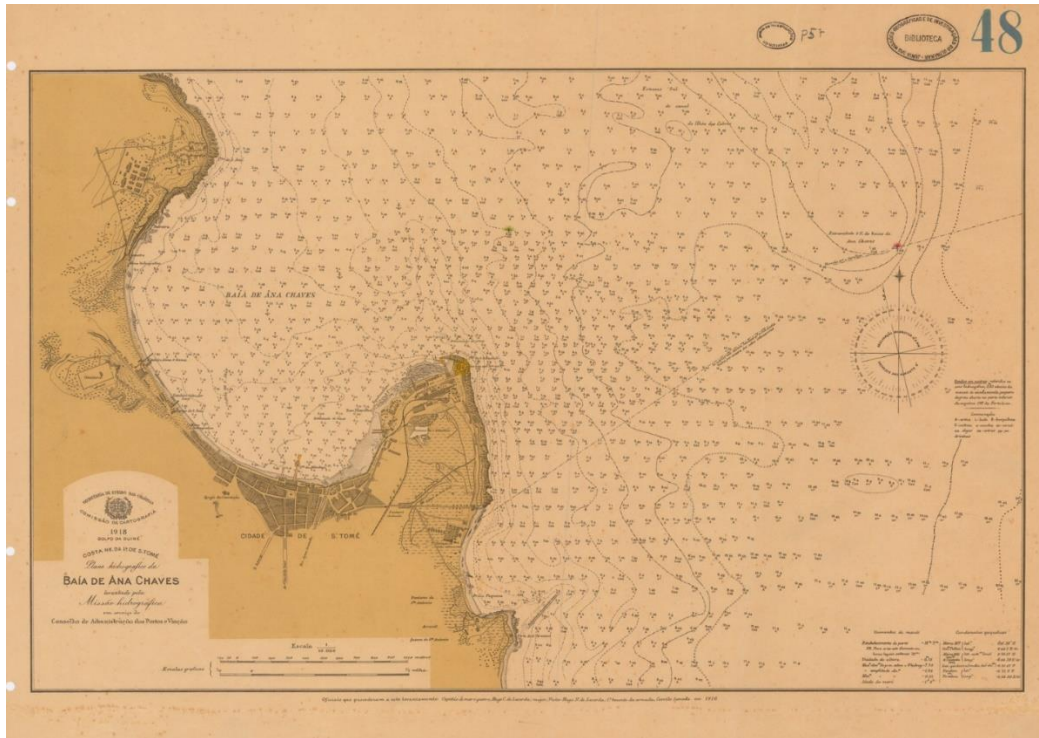


Escala

## LEGENDA

- Propriedades da Sociedade de Agricultura Colonial.....
- Limites das propriedades.....
- Vértices da triangulação.....
- Id., id. Secundária.....
- Id., id. Terciária.....
- Estradas e caminhos.....
- Id., id. com linha férrea de via reduzida.....
- Linhas telefônicas ao longo das estradas e caminhos.....
- Edifícios.....
- Farol.....
- Farolim servindo de ponto trigonométrico.....
- Cotas.....

418



Lusitano

www.delcampe.net

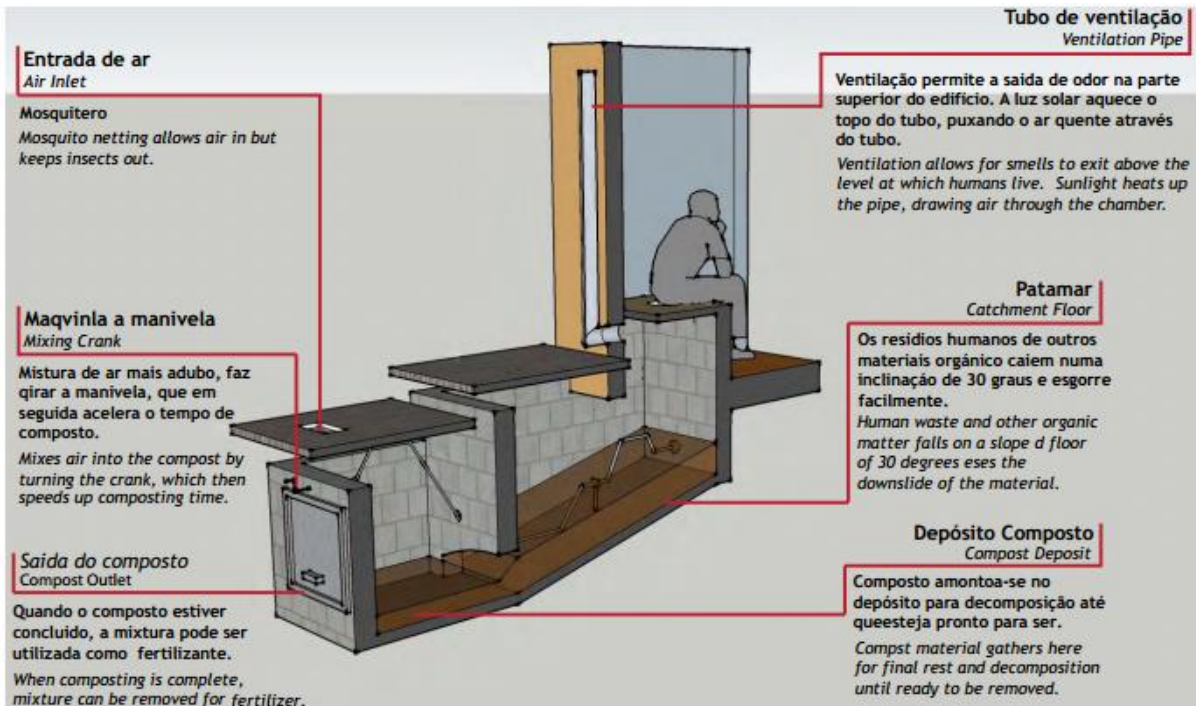
Fotografias Atuais



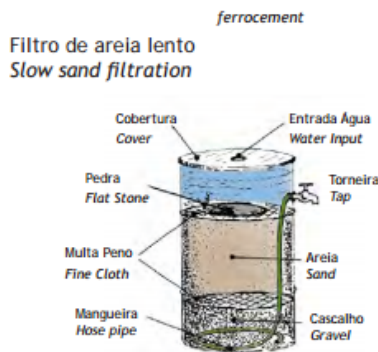


## Soluções de economicas

### Tratamento do sistema de esgoto domestico

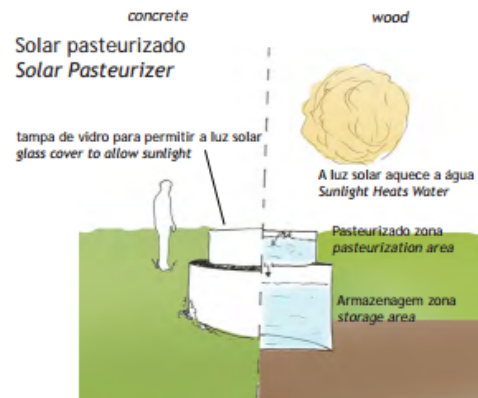


### Tratamento de água da chuva para consumo humano



Usando um filtro de areia e pedregulho, um filtro de areia lento também limpa a água para ser potável. Este processo pode ser feito em escalas grandes e pequenas. filtros em grande escala precisa de um engenheiro para a instalação apropriada

*A slow sand filter also cleans water to be drinkable through a filter of sand and gravel. This process can be done on both a large and small scale. Large scale filters need an engineer for proper installation.*



Usando a energia do sol, o pasteurizador solar limpa a água da chuva para ser potável. O método de pasteurização solar pode ser utilizada em muitas escalas diferentes de uma piscina de água para toda recipientes individuais.

*The solar pasteurizer cleans rain water to be drinkable using the suns energy. The solar pasteurizer method can be used on many different scales from an entire pool of water to individual containers allowing the price to vary.*

# Equipamento de Apoio

Mobiliário Urbano

